

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**TELMA ALVARENGA**

**Retrato de uma matriarca: Memória e narração na  
construção do perfil de Dona Canô**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade  
da PUC-Rio.

Orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz

Rio de Janeiro  
Junho de 2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**TELMA ALVARENGA**

**Retrato de uma matriarca: Memória e narração na  
construção do perfil de Dona Canô**

**Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em Literatura, Cultura e  
Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela  
Comissão Examinadora abaixo.**

**Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz**  
Presidente  
Departamento de Letras PUC-Rio

**Profa. Adriana Sucena Maciel**  
PUC-Rio

**Profa. Ana Paula Goulart Ribeiro**  
UFRJ

Rio de Janeiro, 15 de junho de 2020

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Telma Alvarenga

Jornalista, formada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1986, passou pela redações de Veja, Veja Rio, Jornal do Brasil, jornal Correio e Projeto #Colabora. Foi professora do curso de Comunicação Social da Faculdade Social da Bahia, em 2010. Atualmente, integra a equipe da coluna de Ancelmo Gois, no jornal O Globo.

### Ficha catalográfica

Alvarenga, Telma

Retrato de uma matriarca : memória e narração na construção do perfil de Dona Canô / Telma Alvarenga ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – 2020.

104 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2020.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Dona Canô. 3. Memória. 4. Matriarca. 5. Perfil. 6. Recôncavo baiano. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

## Agradecimentos

Foi graças ao reencontro com um mestre tão querido quanto sábio, sabido e inspirador que, finalmente, levei adiante o projeto, muitas vezes adiado, de fazer um concurso para o mestrado em Letras. Tinha que ser na PUC-Rio, cenário do nosso encontro em sala de aula, na minha graduação em jornalismo. A Renato Cordeiro Gomes, agradeço por todos os ensinamentos, as conversas, por me permitir beber na fonte da sua erudição, me fazer rir com seu humor refinado, e me orientar pelos caminhos do mestrado com dicas tão valiosas.

Às vésperas da qualificação, tivemos nosso último encontro. Renato virou memória. Uma “ausência assimilada” como dizem os versos de Carlos Drummond de Andrade que ele me mandou como ideia para abrir meu projeto de pesquisa.

Agradeço a Claudia Miranda, amiga-irmã-comadre, parceira de inúmeras aventuras ao longo de 40 anos de amizade, que leu as primeiras linhas deste trabalho e partiu poucos dias antes de eu colocar um ponto final neste texto. A ela e a Renato, dedico essa dissertação, que fez com que eu me apaixonasse ainda mais pelo mundo da memória, que agora eles habitam.

Impossível refletir sobre memória afetiva e familiar, sobre articulações entre vida e morte, sobre a trajetória de uma matriarca, sem lembrar das minhas mães. A Maria Flávia e Sonia Maria, que partiram tão cedo, minha homenagem, meu agradecimento, meu amor e minhas saudades.

Agradeço a Ju Velloso Mesquita, neta de Dona Canô, pelo incentivo e acolhimento desde o primeiro momento, quando falei na ideia, ainda muito incipiente, de escrever um livro sobre a matriarca do Recôncavo Baiano. Ela não só acreditou no projeto como embarcou de cabeça e acompanhou grande parte das entrevistas, me abrindo as portas de sua família, em Salvador e em Santo Amaro da Purificação.

Agradeço sempre e tanto, a meu pai, Antonio, minha maior referência, de quem herdei a paixão pelos livros. Obrigada por ser meu porto mais seguro e eterna fonte de amor e sabedoria. A ele e a Maria Lúcia, sua supercompanheira,

agradeço pela leitura atenta e carinhosa desta dissertação e pelo apoio de todas as horas.

Agradeço a Oscar Valporto, meu amor, que nunca larga a minha mão e acompanhou todos os passos dessa jornada. Sempre cúmplice, parceiro, é o melhor antídoto para as minhas angústias, o oráculo para minhas dúvidas eternas, o primeiro leitor dos meus textos (com este não foi diferente), sempre com críticas e observações lúcidas e pertinentes.

Agradeço às amigas Adriana Barsotti e Juliana Gutmann, também jornalistas, que enveredaram com brilhantismo pelos caminhos da academia e me incentivaram a fazer o mesmo. Obrigada pelo estímulo, pelas dicas e, principalmente, por não terem me deixado desistir.

Um agradecimento especialíssimo ao professor Júlio Diniz, que atendeu ao meu pedido para ser meu orientador já na reta final do mestrado. Renato tinha indicado o nome de “Julinho” como segundo orientador. Mais um acerto do mestre. Com paciência, escuta, entusiasmo, observações certeiras, Júlio, com sua larga experiência na academia e muita generosidade, foi fundamental para a conclusão desta jornada.

Agradeço aos 21 entrevistados, que puxaram o novelo da memória para dividir comigo histórias de Dona Canô. Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, por todas as trocas em sala de aula, todo o aprendizado. E também à Capes e à PUC-Rio, pelo apoio financeiro, com a bolsa de isenção de taxas, que possibilitou esta pesquisa.

Meus agradecimentos também às professoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Adriana Maciel, por terem aceitado participar da banca de defesa desta dissertação.

Por fim, meu muito obrigada a Dona Canô por ser uma linda inspiração. Sempre.

## Resumo

Alvarenga, Telma; Diniz, Júlio Cesar Valladão (Orientador). **Retrato de uma matriarca: Memória e narração na construção do perfil de Dona Canô.** Rio de Janeiro, 2020. 104 p. Dissertação de mestrado - Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Dona Canô ficou conhecida nacionalmente como mãe dos cantores Caetano Veloso e Maria Bethânia. Mas a matriarca do Recôncavo Baiano (que teve outros seis filhos, sendo duas adotivas) tinha brilho próprio: na pequena Santo Amaro da Purificação, onde nasceu e viveu a maior parte dos seus 105 anos, transformou-se em uma liderança. Conseguiu melhorias para a cidade, ajudou os mais necessitados, recebeu políticos em sua casa, deu entrevistas, inspirou versos de músicas e colocou seu quintal no mapa cultural do país. Esta dissertação de mestrado tem o objetivo de traçar o perfil de Claudionor Vianna Telles Velloso, como um mosaico de lembranças, a partir, principalmente, de depoimentos de pessoas que conviveram com ela: filhos, netos, bisnetos, vizinhos em Santo Amaro e amigos. A construção do perfil de Dona Canô levou a reflexões sobre a figura das matriarcas, a memória e sua subjetividade, história e recordação. Para isso, foi fundamental recorrer a autores como Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin, Silvano Santiago, Didi-Huberman, entre outros.

## Palavras-chave

Dona Canô; memória; matriarca; perfil; Recôncavo Baiano

## Abstract

Alvarenga, Telma. Diniz, Júlio Cesar Valladão (Advisor). **Portrait of a matriarch: Memory and narrative in the construction of Dona Canô's profile.** Rio de Janeiro, 2020. 104p. Dissertação de mestrado - Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Dona Canô was known nationwide as Caetano Velloso's and Maria Bethânia's mother. But this matriarch from Recôncavo Baiano - she had other six children, two adopted - had a light of her own. In tiny Santo Amaro da Purificação, town where she was born and lived almost all of the 105 years of her life, Dona Canô turned into a community leader. Got improvements for the city, helped the ones more in need, received politicians in her home, gave interviews, inspired songs and put your backyard in the cultural map of Brasil. This master's thesis aims to draw Claudionor Vianna Telles Velloso's profile, as a mosaic of memories, based mainly on the testimonies of people who lived with her: children, grandchildren, great-grandchildren, neighbors in Santo Amaro and friends. The construction of Dona Canô's profile led to reflexions about matriarchs' figures, memory and its subjectivity, history and remembrance. To reach this goal, it was essencial to turn to authors such as Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin, Silviano Santiago, Didi-Huberman, among others.

## Keywords

Dona Canô; memory; matriarch; profile; Recôncavo Baiano

## Sumário

Ofertório: Às matriarcas.....	6
Canô e Zeca: Todo amor que houver nessa vida.....	21
Salas, colos, ninhos... Um pouco de calor.....	23
Cores Nomes.....	29
Um fulano, um Caetano, um mano qualquer.....	32
Sorte na vida.....	33
Cantar é mais do que lembrar.....	34
Força estranha.....	38
Coragem de ser feliz.....	43
Verdade tropical.....	44
É proibido proibir.....	45
Senhora, e agora, me diga aonde eu vou.....	49
Purificar o Subaé.....	55
Deixa eu dançar, que é pro mundo ficar odara.....	68
A novena de Dona Canô.....	76
A despedida da matriarca.....	84
Herança afetiva.....	90
Tempo, tempo, tempo.....	95
Referências bibliográficas.....	100
Referências gerais/Entrevistados.....	101



## Ofertório: Às matriarcas

**Nos quintais afetivos, as memórias de família frutificam e se enraizam na cultura de um país**



Dona Canô Foto: Angeluci Figueiredo

O retrato não me responde,  
ele me fíta e se contempla  
nos meus olhos empoeirados

“Retrato de família” (ANDRADE, 1988, p. 143)

Escrevo enquanto observo uma foto de família, antiga, em preto e branco, num porta-retrato. Ao centro, uma viúva, no quintal de sua casa, rodeada por filhos e netos. Usava preto, como fazia todos os dias desde que o marido morreu. O ano, possivelmente, era 1931. Talvez janeiro, quando minha bisavó fazia aniversário e meu pai, que é de setembro daquele ano, ainda não tinha nascido. Mas terá sido mesmo em janeiro? Não seria ele o bebê sentado no colo da avó? Ele nunca soube dizer com certeza. Certo é que não era um dia qualquer. Os

homens estavam de terno e gravata. As mulheres usavam vestidos alinhados. O bebê no colo da avó vestia uma camisola branca. Batizado?



Afonso, ao centro, rodeada por filhos, noras e netos. Foto: Álbum de família

A foto, que guarda tantas dúvidas, para mim, é recheada de significados. Naquele quintal, em São João Del Rey, no interior de Minas Gerais, estão fincadas as raízes da minha família. O quintal da casa da bisavó, que mantinha uma botica na frente do casarão e que, depois de morta, virou nome de rua na histórica cidade mineira. O quintal da casa onde, na parede da sala, havia o desenho de uma árvore genealógica que me fascinava na infância. Estão lá retratos dos meus bisavós, avós, tios-avós, tios, primos, pai, mãe, irmãos, eu...

Talvez esteja na foto, dos anos 1930, no interior de Minas Gerais, a razão do meu encantamento por outro quintal, de uma outra família numerosa, bem distante dali, em um outro tempo.

O ano é 2010. Uma matriarca, toda vestida de branco, sentada numa cadeira de rodas, com os cabelos presos em um coque e sapatinhos de crochê, comemora 103 anos. A festa de Claudionor Vianna Telles Velloso não tem a solenidade do tradicional batizado mineiro. Tem caruru, samba de roda, um entra e sai de gente sem fim.

Bethânia sai do quarto com rosas vermelhas, balas e bombons para a mãe. “É para agradecer milhões de vezes, de joelhos, a bênção de ser filha dela, a filha caçula”, ela me disse. “São 103 anos, não contados em dias, em anos, mas em amor, da gente por ela e dela por nós”<sup>1</sup>. Estava ali como jornalista, atraída por uma antiga admiração pela mãe de Caetano e Maria Bethânia, ídolos com lugar cativo na trilha sonora da minha vida.

Mas não foi a curiosidade de tiete que me levou a percorrer os 79 quilômetros que separam Santo Amaro de Salvador. Foi o fascínio por aquela anciã de aparência doce e frágil onde eu, por algumas conversas com ela, por telefone, e por entrevistas e declarações que tinha lido em jornais, enxergava sabedoria e força.

De Dona Canô, no Recôncavo Baiano, à anônima Afonsina Alvarenga, no interior de Minas, há todo um imaginário construído em torno da figura das matriarcas, das anciãs. Quantas não são protagonistas de romances, filmes? Personagens em torno das quais a família gravita, que estendem os tentáculos de sua influência para a comunidade onde vivem, para a política e a Igreja. Personagens associadas ao saber, à experiência, à transmissão de conselho, carregadas de significados.

Volto a Santo Amaro, no dia dos 103 anos da matriarca baiana. Antes do almoço, às 10h da manhã, Dona Canô é recebida com uma chuva de pétalas de rosas e aplausos na porta da Igreja de Nossa Senhora da Purificação. Parece feriado na cidade. A igreja está lotada. Famosos, como a cantora Vanessa da Mata e a diretora e cenógrafa Bia Lessa, além de Caetano e Bethânia, claro, se misturam aos moradores da cidade para reverenciar a matriarca.

A família e seus convidados saem direto da igreja para a casa de Dona Canô, onde será servido o tradicional caruru, que a matriarca sempre fez questão de ajudar a preparar. O prato era feito com cerca de cinco mil quiabos - cortados na véspera - para dar conta da quantidade de pessoas que participavam da festa.

Dentro da casa branca de portas e janelas azuis, uma extensa fila se forma no corredor que leva da entrada à sala onde a matriarca, numa cadeira de rodas,

---

<sup>1</sup> Em entrevista à autora para o jornal Correio. Matéria publicada em 17 de setembro de 2010, p. 26

recebe os cumprimentos. Muitos dos que estão ali para beijar a mão da ilustre moradora de Santo Amaro sequer são conhecidos da família. “É como se fosse festa de rua, só que dentro de casa”, comentava Caetano Veloso, rindo, entre uma garfada e outra no caruru. “As pessoas passam... Algumas, a gente nem sabe quem são. Ela adora essa fuzarca” (mais risos)<sup>2</sup>.



Canô e os oito filhos no quintal de casa, em Santo Mural Amaro. Foto: Maria Sampaio/Reprodução Instagram/Caetano Veloso

Amiga de Bethânia, Bia Lessa participava da festa, encantada. Não era a primeira vez que estava ali. “Trago as minhas filhas porque isso aqui é educação básica”, diz, sentada ao lado das filhas Maria e Clara. “Ela tem uma coisa poderosa com a vida, é porreta”.

Na “educação básica” de seus oito filhos filhos, seis naturais (Clara Maria, Maria Isabel, a Mabel, Rodrigo José, Roberto, o Bob, Caetano Emanuel e

---

<sup>2</sup> Em entrevista à autora para o jornal Correio. Matéria publicada no dia 17 de setembro de 2010, p. 26

Maria Bethânia) e duas adotadas (Eunice, a Nicinha, e Irene), Canô e Zeca incluíram lições que estão embutidas em algumas das histórias que ajudam a formar o mosaico de lembranças desta dissertação.

Memórias de família terminam por se enraizar na memória cultural de uma cidade, de um país. Encravada no Recôncavo Baiano, Santo Amaro, cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, entrou para o imaginário do país por causa de seus filhos famosos, Caetano e Bethânia. No quintal da casa de Dona Canô foi rodado o belo documentário Pedrinha de Aruanda (de Andrucha Waddington). O filme, de 2006, é sobre Bethânia, mas as câmeras passeiam pela casa onde a cantora passou sua infância e adolescência, e a figura da matriarca se destaca.

Entre a nostalgia de uma foto da minha família mineira no porta retrato, de um tempo que eu não vivi, e as lembranças de uma tarde em um quintal mítico do Recôncavo Baiano, reflito sobre o interesse que pode ter a história da vida dessa matriarca, para além da fama de seus filhos. Uma vida (quase) comum. Eu me faço a mesma pergunta que se fez a pesquisadora Verena Alberti. “Em que medida a experiência individual pode ser representativa?”. Ela responde lembrando autores que consideram que “as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo (...) Biografias, histórias de vida, entrevistas de história oral, documentos pessoais, enfim, mostram o que é potencialmente possível em determinada sociedade ou grupo, sem esgotar, evidentemente, todas as possibilidades sociais” (ALBERTI, 2004, p. 23).

Falar da vida de Dona Canô, que viveu 105 anos, é também falar de outras mulheres que ocuparam (ou ocupam) posições dominantes em suas famílias e na comunidade em que viveram (vivem), dos costumes de uma época, da cultura e das tradições do Recôncavo Baiano, das transformações sociais e políticas do país sofridas ao longo de um século.

Decido contar a história dessa vida não na forma de uma biografia tradicional. Mas traçar um perfil da matriarca a partir, principalmente, de depoimentos de pessoas que conviveram com ela: filhos, netos, bisnetos, vizinhos em Santo Amaro, amigos.

Foram realizadas 21 entrevistas, entre Salvador, Santo Amaro da Purificação e Rio de Janeiro. Quase todas presenciais e gravadas. A única feita por

telefone foi com Gilberto Gil. Dois dos entrevistados - Clara Maria, filha de Dona Canô, e padre Gaspar Sadoc, amigo de infância - faleceram antes da conclusão deste projeto. Monsenhor Sadoc, em setembro de 2016, aos 100 anos. Clara, em junho de 2017, aos 85 anos.

Nas entrevistas, não parti de um roteiro prévio. Tentei estimular os entrevistados a puxarem da memória para falar das lembranças mais fortes que guardam da matriarca. Aos filhos, pedi que contassem um pouco da história da mãe, do pai, do casamento, da vida em família na infância. Também pedi que ressaltassem as características mais marcantes da personalidade de Dona Canô e que contassem histórias que falassem de amor, festa e devoção, palavras que compõem o título de uma turnê, gravada em DVD, que Maria Bethânia dedicou à mãe, em 2010. “São palavras que me dão norte e que têm como subtexto a fé, a esperança e a caridade, características fortes em minha mãe”, explicou Bethânia para o material de divulgação do DVD, lançado pela Biscoito Fino quando a cantora completava 45 anos de carreira<sup>3</sup>.

Além das entrevistas e reportagens publicadas sobre Dona Canô, entrevistas que ela deu para jornais, revistas e para a televisão ajudam a compor esse esboço de uma vida. Não é uma biografia, pois não tem o compromisso de relatar os fatos tais como aconteceram (ou o mais próximo possível disso), a partir da checagem das informações com diferentes fontes. Os fatos são relatados de acordo com a lembrança que os entrevistados têm deles.

Os depoimentos não são separados, mas costurados, conversando entre si, de forma a construir um texto único. Como uma colcha de retalhos. Fragmentos de memória que, como um mosaico de lembranças, formam um rosto, o rosto da matriarca. Minha visão de narrador é mediada pelo ponto de vista dos outros. É pelo olhar dos entrevistados, de reportagens que saíram sobre ela, de entrevistas que ela deu, que enxergo Dona Canô e faço dela um retrato. Impreciso, incompleto, inacabado e, certamente, subjetivo, mas revelador de uma personalidade que não se enquadra no modelo das mulheres do seu tempo.

---

<sup>3</sup> <https://biscoitofino.com.br/produto/amor-festa-devocao-2/#descricao>, acessado em 31 de março de 2020



Em entrevista ao jornal A Tarde, de Salvador, o antropólogo e jornalista baiano Marlon Marco disse que “Dona Canô talvez tenha sido “uma das últimas representantes dessa noção de matriarcado, construído através da doçura e do comando”<sup>4</sup>. Era forte e doce. Transgressora e apegada às tradições. Viveu a maior parte de sua longa vida numa cidade do interior, mas viajou o mundo acompanhando os filhos famosos em algumas turnês, recebeu artistas e políticos em sua casa, ficou conhecida nacionalmente. Tinha apenas o curso primário, mas era admirada por sua lucidez e sabedoria. Era católica fervorosa, mas frequentava as festas populares do candomblé e gostava de conversar com a lendária Mãe Menininha, do terreiro do Gantois. em Salvador.

Meu interesse por matriarcas talvez venha muito daí, desse não enquadramento em um modelo, da fuga do estereótipo, da liberdade que elas se permitem para transitar entre mundos diferentes e para romper com os grilhões de uma sociedade machista e patriarcal, para serem donas da sua história.

Dona Canô sabia - e disse em entrevistas - que sua fama era por causa de Caetano e Bethânia. Mas o fato é que acabou por tornar-se também uma celebridade, o que não acontece com a grande maioria das mães de famosos. Deu entrevistas, viu uma grande quantidade de ônibus estacionarem à sua porta, levando turistas - nacionais e estrangeiros - ávidos por conhecê-la, inspirou versos (“... Não tenho escolha, careta, vou descartar/Quem não rezou a novena de Dona Canô”, diz Caetano na canção Reconvexo).

A pesquisa me levou a reflexões sobre memória e narração, lembrança e esquecimento, articulações entre ausência e presença, sobre o valor da experiência, da história de vida, do testemunho. Sobre as formas de conhecer e representar o passado, que se transformam com o tempo.

Quando seu marido, José (mais conhecido como Seu Zezinho ou Zeca, como ela o chamava), morreu, Dona Canô, na volta do enterro, deitou-se em sua cama e foi rodeada pelos filhos. Estavam todos muito preocupados com a matriarca, que tinha então 77 anos e acabara de ficar viúva do homem com quem fora casada por 53 anos e com quem viveu um grande amor. Ela quebrou o

---

4

<https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1474944-trajetoria-de-dona-cano-traduzia-amor-por-santo-amaro>, acessado em 17 de março de 2020

silêncio: "Vou tomar um menino para criar". Todos se olharam, espantados. Dona Canô não chegou a realizar seu plano, mas transmitiu uma mensagem aos filhos: a vida precisava continuar com alegria, como uma casa preenchida pelos risos de uma criança. Foi assim que eles interpretaram. E foi assim que ela fez.

Será possível associar essa imagem da matriarca deitada em sua cama, transmitindo um “conselho”, à figura do ancião na parábola que abre o texto “Experiência e Pobreza”, de Walter Benjamin? (BENJAMIN, 1987, p. 114). Em seu leito de morte, o homem diz aos filhos que há um tesouro escondido em suas terras. Eles deveriam cavar e trabalhar muito para encontrá-lo. Os herdeiros seguem a orientação do pai. No entanto, não encontram ouro algum. Mas, naquele ano, as vinhas da família produziram mais que qualquer outra na região.

No caso da parábola citada por Benjamin, a "moral da história" é a de que a felicidade não estava no ouro, mas no trabalho. O personagem do ancião é citado por Benjamin para basear suas reflexões sobre as transformações na forma de contar impostas por uma sociedade que se modernizava. “Que moribundos hoje dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?”, pergunta (BENJAMIN, 1987, p. 114).

As transformações na forma de contar são consequências de uma nova ordem econômico-social que começa se delinear com a Revolução Industrial, quando a sociedade passa se organizar de outra forma, dividida em classes com valores e interesses diferentes. Benjamin analisa os movimentos culturais na passagem do século XIX para o XX a partir das mudanças que acompanham o avanço do capitalismo urbano industrial. Com a ascensão da burguesia, outras formas modernas de contar encontram um terreno fecundo para seu florescimento e que se contrapõem à “narrativa” no sentido benjaminiano (a forma épica de narrar). A tradição narrativa com base no que foi visto ou vivido entra em declínio e dá lugar a outras formas de contar, que Benjamin resume no romance burguês e no jornal.

Portanto, seguindo os passos do filósofo alemão, no mundo em transformação, especialmente após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), já não cabia a figura do narrador que sabe dar conselhos, que quer ensinar algo (a partir de sua própria experiência ou da relatada pelos outros). Como o ancião da



parábola citada por Benjamin, que evoco para falar de uma matriarca baiana. São cenas distintas e distantes, no tempo e no espaço. O pai, numa comunidade rural europeia, pré-capitalista, ensina aos filhos o valor do trabalho. A viúva, no final do século XX, numa cidade do interior da Bahia, na volta do enterro do marido, mostra sua capacidade de seguir adiante, de não se deixar sucumbir pela perda do homem com quem fora casada por mais de meio século.

O pai que pede ao filhos que cavem muito e trabalhem bastante nas vinhas para encontrar o “tesouro escondido”, e a mãe que na volta do enterro do marido diz que “vai tomar um menino para criar” estão transmitindo uma experiência aos filhos. Quando os aproximo, enxergo em Dona Canô a figura do sábio da tribo. E em Santo Amaro, uma cidade do interior onde, como em tantas outras, as transformações impostas pelo mundo moderno não aconteceram de forma tão acelerada como nos grandes centros e um tipo de convivência comunitária persistiu durante boa parte do século XX e talvez ainda persista em pleno século XXI.

Em torno da matriarca, a família Velloso permaneceu unida. “Eles nunca se esqueceram de onde vieram, nem da mãe que têm”, Dona Canô disse em uma entrevista, falando dos filhos famosos, que saíram da Bahia para o Rio, o grande centro, onde se projetaram nacionalmente e internacionalmente. Ao mesmo tempo, garantia não sentir “orgulho” da fama de Caetano e Bethânia. “Sinto orgulho porque eles são ótimos filhos, amigos, irmãos, parentes... É muita coisa. De eles serem artistas, dessa glória, não sinto orgulho, não”, declara, no documentário Pedrinha de Aruanda. Ela, aliás, não gostava da palavra. Dizia preferir substituir “orgulho” por “felicidade”.

Em seu quintal, em Santo Amaro, a matriarca recebeu políticos de várias colorações ideológicas: de Luís Inácio Lula da Silva a Antonio Carlos Magalhães. Com sua influência, conseguiu melhorias para a cidade onde nasceu, como a reforma da Igreja de Nossa Senhora da Purificação. Ao longo de mais de um século de vida, acompanhou as transformações do Recôncavo Baiano, que, entre o fim do século século XVI e meados do século XIX foi uma rica região da Bahia, com seus engenhos de açúcar.

Muitos baianos que passam pela região não se dão conta desse passado de riqueza. Mas Santo Amaro, que, segundo o historiador Antônio Fernando de Freitas, entre as antigas vilas do Recôncavo era “o local preferido pela elite canavieira” (FREITAS e ASSIS, 2009. p 31), entrou definitivamente para memória cultural do país por seus filhos famosos e pela matriarca que se transformou numa liderança local.

É a partir do seu quintal que Dona Canô passa a exercer sua influência na vida social, cultural e política de Santo Amaro. Nesse sentido, na contramão do patriarcado dominante, segue a trilha de outras matriarcas do nordeste brasileiro do século XIX, que como disse o advogado e escritor Joaquim Falcão têm seu poder “não necessariamente vinculado ao poder político ou econômico da região, ainda que, subsidiariamente, tenham desenvolvidos atividades e ocupado posições de controle nessas áreas. De forma, sintomática, surgem elas em cena a partir da posição ocupada na estrutura familiar (...) Começam a exercer seu controle neste âmbito mais restrito, e terminam por englobar a rede de poderes que liga, de forma bastante específica no interior do Nordeste, o Estado, a Igreja, e a Família”

Rachel de Queiroz e Heloísa Buarque de Hollanda lembram o texto de Falcão no artigo que escreveram sobre Dona Federalina de Lavras, matriarca do sertão do Ceará (QUEIROZ E HOLANDA, 1990, p.1 e p. 2). Dona Canô, ao mesmo tempo em que poderia se enquadrar nesta descrição de Joaquim Falcão, está muito longe do arquétipo das matriarcas nordestinas: “arrogantes, arbitrarias, descritas com hábitos e gestos masculinos”, lembrando “um coronel de saias” (QUEIROZ E HOLANDA, 1990, p. 2).

Mais uma vez, reforça-se a ideia de que a figura de Dona Canô não se enquadra exatamente em um padrão social e histórico.

A matriarca do Recôncavo Baiano acompanhou as mudanças culturais e de comportamento ao longo de mais de um século. Guardava lembranças de um tempo remoto, em que não havia luz nem telefone na cidade onde nasceu e criou seus filhos. Mas olhava para o novo com olhos curiosos. Sem deixar de manter-se fiel às tradições. Numa de suas últimas fotos, ela aparece com um laptop, com fones de ouvido, flagrada quando ouvia uma música de Bethânia pela internet.

Não permitia que se rompesse o hábito de estarem todos os filhos à mesa ao meio-dia em ponto. No dia em que o marido e o filho Rodrigo, já adulto, se atrasaram para o almoço de domingo, foi atrás deles no bar. Os dois levaram um pito. Mas quando a neta Maria Clara, a Lala, com 18 anos, engravidou do namorado, não recebeu da avó nenhum olhar de reprovação. Ao contrário.

Quando o marido, José Telles Velloso, morreu, em 1983, ela estava com 77 anos, e não vestiu luto, como era costume entre as viúvas de Santo Amaro. Casais de homossexuais eram muito bem recebidos em sua casa. Era uma mulher sem preconceitos, repetem alguns dos entrevistados que ajudaram a compor o mosaico de lembranças construído aqui.

Entre os entrevistados, além de filhos, netos e bisnetos, estão pessoas que conviveram com Dona Canô em Santo Amaro da Purificação, como um padre que foi seu amigo de infância, Monsenhor Gaspar Sadoc. Ou o dono do armazém onde fazia compras para sua casa ou para as cestas que distribuía aos mais necessitados, na Semana Santa, Antônio Mamede Carvalho, mais conhecido como Seu Mamede.

Não me preocupei em saber se as histórias eram verdadeiras ou não, o que era realidade ou lenda. O que me interessou sempre ao colher os depoimentos foi a forma como as pessoas se lembram de Dona Canô, a versão de cada um dos acontecimentos vividos. Afinal, não é toda memória carregada de subjetividade? Os fatos do passado podem ser contados tais como aconteceram? Sabemos que não. No presente estamos sempre fazendo uma edição do passado, reconfigurando as lembranças com o olhar do agora.

A escrita é portadora de uma memória que nunca é em si, absoluta, mas é sempre carregada de subjetividades, que se transformam com o tempo. Uma mesma história adquire diferentes versões ao longo da vida de uma pessoa.

A memória é uma forma de recordação. É feita de rastros, restos, silêncios, vestígios, esquecimentos, fragmentos, imagens. Na tarefa de “decifrar os rastros e recolher os restos”, como diz Jeanne Marie Gagnebin (GAGNEBIN, 2002, p. 125), estudiosa de Walter Benjamin, o narrador ressignifica o passado. Sua tarefa não é reproduzi-lo. Mas narrá-lo da forma como se lembra dele. Como fez Proust na série “Em busca do tempo perdido”. “Sabemos que Proust não

descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida tal como é lembrada por aquele que a viveu”, diz Benjamin. “O importante para o autor que lembra, não é aquilo que ele viveu, mas o tecido de seu lembrar (...) A “memória involuntária” de Proust não está mais próxima do esquecimento que daquilo que em geral chamamos de lembrança?” (BENJAMIN, 1987, p. 37).

Também analisando as transformações na forma de narrar, que acompanham a modernização da sociedade, as mudanças nas forças produtivas, Jeanne Marie Gagnebin enfatiza que a escrita (portadora da memória e da lembrança) “não é mais “um rastro privilegiado e duradouro que os homens deixam de si”. Gagnebin recorre a Aleida Assmann, professora de língua inglesa e teoria literária, para ratificar seu pensamento. “No século XIX, as fontes escritas não são mais consideradas como sendo documentos integrais e confiáveis, mas sim julgadas aleatórias, são fragmentos de um passado desconhecido, farrapos de um tecido que se rasgou”, escreve Aleida no livro “Espaços da recordação - Formas e transformações da memória cultural”.

Gagnebin segue na mesma linha: “A escrita é hoje não mais esse rastro, mas o efêmero, o não-intencional, os restos. No entanto, podemos - talvez devamos - continuar a decifrar os rastros e a recolher os restos. Tarefa silenciosa, anônima, mas imprescindível do narrador autêntico” (GAGNEBIN, 2002, p. 125).

Jaime Ginzburg nos ajuda a entender a valorização da categoria rastro na relação com o passado. Entendendo rastro como “um elemento fragmentário, residual, que pode ser lido como cifra de uma trajetória que o ultrapassa - a história de um indivíduo, uma sociedade, um país” (GINZBURG, Jaime, 2012, pp 107-132). Uma fotografia, por exemplo, “é o resto de um momento do tempo e, como tal, ela é uma cifra; o que ela diz sobre o que ocorreu é uma imagem mínima, uma miragem que precisa ser interpretada. Segundo Ginzburg, a teorização sobre a fotografia é convergente com a reflexão sobre o rastro. “A foto capta algo secreto e efêmero. Ela se constitui como cifra, capaz de produzir significação em um universo de eterna fugacidade”.

“Recolher os restos, decifrar os rastros”. Não teria sido isso o que fez Silviano Santiago quando se baseou nas cartas escritas por Machado de Assis para reconstituir os últimos anos da vida do escritor? “Machado” é uma obra híbrida

(mistura de romance, biografia e ensaio) sobre os quatro últimos anos de vida de um dos maiores mestres da literatura brasileira (SANTIAGO, 2016). Nela, Silviano conta como se deparou com as cartas e como as decifrou com o espírito de um detetive às voltas com os mistérios de um crime. As cartas existiram, são documentos reais, palpáveis, irrefutáveis. Mas também são carregadas de enigmas que o autor tenta desvendar e, nessa tarefa, convida o leitor a acompanhá-lo.

O próprio narrador, ao expor sua pesquisa, se coloca como leitor e protagonista do livro, como que a nos dizer que nem todos os enigmas estão ali para serem resolvidos. Assim como não me proponho nesta dissertação a traçar um retrato fiel e definitivo da matriarca do Recôncavo. Até porque não acredito que isso seja possível. Afinal, existe memória sem lacunas? Reformulando a pergunta: é possível salvar o passado do esquecimento?

A memória só existe no presente e, portanto, está sempre sendo reconstruída. Benjamin discute o tema em suas teses sobre o conceito de história: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo”, afirmou o filósofo alemão, para completar: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. (BENJAMIN, 1987, p.224 e p.229 ).

Seguindo os passos de Benjamin, Nietzsche, Proust e tantos outros escritores e pensadores, sabemos que a memória opera entre a lembrança e o esquecimento, sem o qual, como disse Nietzsche, é impossível viver. A memória também é feita do vazio, da falta, de apagamentos. Ela nunca está completa. Segundo o pesquisador Márcio Seligmann-Silva, professor de Teoria Literária na Unicamp, o registro da memória “é fragmentado, calcado na experiência individual e coletiva, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado” (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 65). “Devemos nos lembrar de esquecer do mesmo modo que não devemos nos esquecer de lembrar” (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 62).

A tarefa de escrever sobre uma vida aproxima o escritor do trabalho de um arqueólogo, um psicanalista, um detetive que, com sua lupa de Sherlock

Holmes vasculha o passado para dar a ele um novo significado. Os mortos sobrevivem na lembrança dos que conviveram com ele, nas fotografias, nas cartas que escreveram, hoje tão raras, nas obras que deixaram ou que inspiraram. O trabalho do narrador é costurar esses fragmentos de memória. Nessa tarefa, ele penetra no mundo de seu personagem para confundir-se com ele.

Silviano Santiago, ao falar do outono da vida do Bruxo do Cosme Velho, como admitiu em entrevistas na época do lançamento do livro, em 2016, também estava falando da própria velhice.

Falar de Dona Canô é também falar da matriarca da minha família, que não cheguei a conhecer. O retrato dela me fita e me leva à outra cidade de Minas, a mítica a Itabira, onde nasceu o poeta Carlos Drummond de Andrade, tão presente nos versos do poeta.

Drummond mantinha uma relação ambígua com a pequena cidade mineira onde nasceu e passou a infância e a adolescência. Após se mudar para Belo Horizonte, volta para o interior em 1925 - já casado com Dolores Dutra de Moraes -, na tentativa de seguir a tradição rural dos Andrade, grandes fazendeiros. Não se adapta. O poeta, então, retorna à capital e, em 1934, se muda para o Rio de Janeiro, onde morou até morrer. Poucas vezes voltou à cidade natal. Mas a família e o lugar onde cresceu estão gravados a ferro e sangue nos versos do poeta.

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
(...)

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!

“Confidência do itabirano” (ANDRADE, 1988, p. 57)

À exceção de Rodrigo, que voltou para Santo Amaro da Purificação, depois de alguns anos na capital baiana, e continua lá, os outros filhos de Dona

Canô moram em Salvador (Mabel e Irene), no Rio de Janeiro (Caetano e Bethânia) e em São Paulo (Roberto). Mas, ao contrário de Drummond, que pouco voltou à terra onde nasceu, é para lá que os irmãos sempre retornam. E a cidade do Recôncavo onde estão fincadas suas raízes afetivas também está gravada nas letras de Caetano, nos versos da poeta Mabel, no canto de Bethânia e no mapa cultural do país.



Foto da capa do álbum “Muito”, de Caetano Veloso/ Reprodução

## Canô e Zeca: Todo o amor que houver nessa vida

Minha paixão há de brilhar na noite  
No céu de uma cidade do interior  
Como um objeto não identificado

(“Não identificado”, Caetano Veloso)



Retratos de Zeca e Canô na parede da exposição “Ser feliz é para quem tem coragem”, na Caixa Cultural Salvador, em 2018. Reprodução

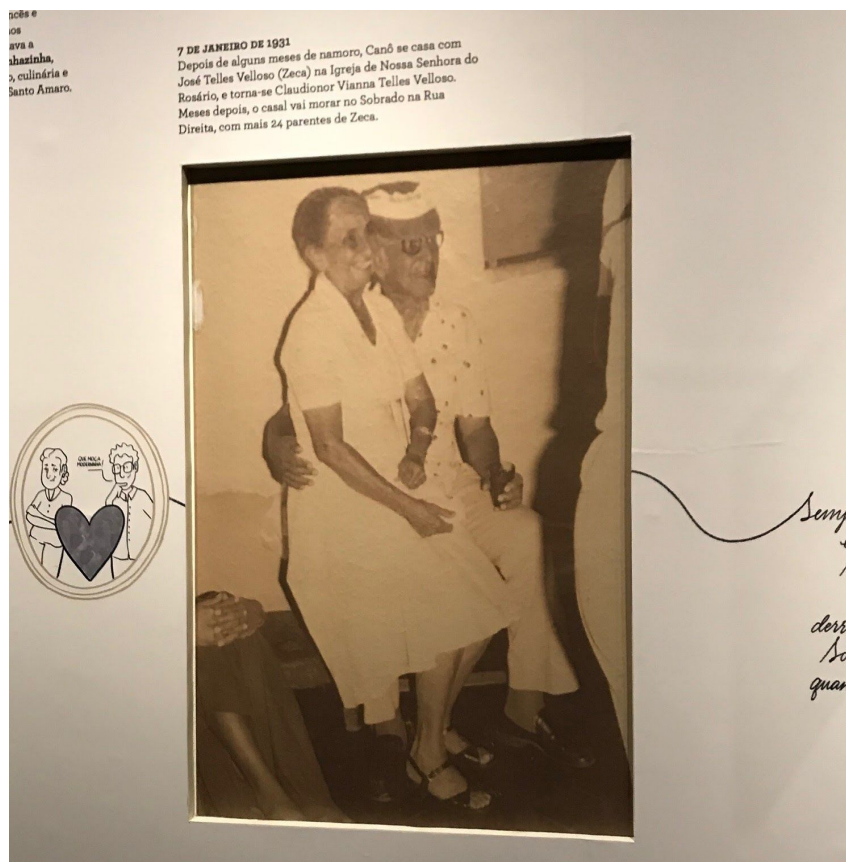
A cena a seguir se repetiu todos os dias, ao longo de 53 anos e está gravada na memória de quem frequentou a casa cheia de música e poesia, cenário de um grande amor. Na hora das refeições, Canô e Zeca sentavam-se juntos à cabeceira da mesa. É a recordação mais forte que Moreno Veloso guarda dos avós paternos. Primogênito de Caetano, o também cantor e compositor não se esquece de como era boa a sensação que aquela cena “diária e marcante” provocava nele, quando passava as férias na Bahia.

O momento de família na casa dos meus avós era sempre em torno da comida: o almoço, o jantar, o café da manhã. Eu adorava. Primeiro porque a comida era maravilhosa. Tinha aquela cozinheira sensacional que trabalhava lá, a Isaura. Era uma casa em que você não ouvia nenhum grito. Só gargalhadas, o tempo todo. Era um lugar maravilhoso. A lembrança mais forte é a do meu avô com a minha



avó, os dois sentados, espremidinhos, na cabeceira da mesa, juntinhos, de mãos dadas. Aquela cena era muito marcante e diária, todo dia, todo dia.<sup>5</sup>

No baú das lembranças que Clara Maria, a primogênita do casal Velloso, guardava do pai, ele jamais aparecia sozinho. Estava sempre ao lado de sua Canô. E as recordações surgiam recheadas de risos, olhares cúmplices. Mesmo já idosos, pareciam dois jovens apaixonados, como os personagens dos romances água com açúcar que ela comprava nas bancas de revista e devorava.



Canô e Zeca em fotografia da exposição “Ser feliz é para quem tem coragem”, na Caixa Cultural Salvador, em 2018. Álbum de família/ Reprodução

Faziam tudo juntos. Rodrigo se diverte contando de uma vez em que sua mãe, fazendo um bolo, percebeu que estava faltando farinha. Chamou Zeca e... O filho achou que ela pediria ao marido para ir buscar o ingrediente. Que nada. Quando viu, estavam os dois saindo, juntinhos, para ir ao supermercado que ficava ao lado do prédio onde moravam. “Era uma loucura”, Rodrigo ri.

<sup>5</sup> Em entrevista realizada na casa do entrevistado, em Salvador, em 2015

Maria Isabel, a Mabel, acredita que as cenas de amor e companheirismo que ela e seus irmãos assistiam diariamente terminaram por criar neles a expectativa de viver também um amor assim. Mas todos acabaram descobrindo que “a felicidade não é hereditária”, como diz a escritora em um de seus poemas.

Sempre tive muita fé na vida,  
esperei sempre ser feliz.  
Meu pai e minha mãe  
ali juntinhos  
derramando carinhos sobre nós...  
Só me tornei triste e amarga,  
quando descobri  
que a felicidade  
não é hereditária

DNA (poema dedicado aos irmãos) (VELLOSO, 2013, p. 57)

Mabel garante jamais ter presenciado uma discussão entre seus pais.

Nunca vi uma briga entre meu pai e minha mãe. Se brigaram algumas vezes foi muito escondido, não trouxeram para junto da gente uma discussão, uma cara feia. Meu pai assobiava e tinha um assobio para ela. Quando ouvia, ela ia correndo, parecendo que ia receber flores. E quando ela chamava “Zeca!”, ele aparecia, como que para buscar beijos. Era muita amizade mesmo, muito carinho, muita coisa boa. Quando minha mãe adoecia, meu pai ficava num abatimento... Tanto que depois eu dei graças a Deus de ele ter ido antes dela, porque eu não sei o que seria dele sem minha mãe. Ela era muito mais forte que ele. (...) A gente sempre esperou por um amor tão grande quanto o deles. Mas a felicidade que eles viveram ninguém mais viveu. Nem os filhos, nem os netos, nem mesmo os bisnetos. Ninguém foi feliz como eles, ninguém!. Nem as duas filhas que não eram deles, que foram criadas por eles. O amor de meu pai e minha mãe era tão grande que eu acho que eles absorveram o amor da família inteira.<sup>6</sup>

### **Salas, colos, ninhos... Um pouco de calor**

Canô e Zeca casaram-se no dia no dia 7 de janeiro de 1931, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Amaro da Purificação. Ela tinha 23 anos. Ele, 30. Após pouco mais de dois meses morando em Nazaré das Farinhas, a 120 quilômetros de Santo Amaro, para onde Zeca, funcionário dos Correios e Telégrafos, havia sido transferido, voltaram para sua cidade. Foram viver na casa da mãe dele, Maria Clara, que Canô chamava de Iá Pomba. Os recém-casados

---

<sup>6</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, em outubro de 2014

passaram a morar com a mãe e outros parentes de Zeca. Entre irmãs, primas e sobrinhos do marido, Canô contabilizava 24 pessoas. Mabel fala em 16. De qualquer forma, era muito gente sob o mesmo teto. No começo, era uma casa de três quartos. Quando Zeca alugou um imóvel maior, um sobrado, a turma toda foi junto. Os filhos iam chegando e crescendo naquele casarão cheio de parentes. A maioria, mulheres.

Júlia, mãe de Canô, era parteira e ajudou a trazer ao mundo os seis rebentos do casal. Todos nasceram em casa. Os partos dos quatro primeiros foram feitos pelas duas avós. Já Pomba já não estava mais viva quando Caetano e Bethânia nasceram. Depois de Clara Maria, veio Maria Isabel, a Mabel. A bebezinha tinha apenas dois meses quando sua mãe descobriu que estava grávida de novo, de Rodrigo Antônio, que ganhou o segundo nome por causa da devoção da matriarca pelo santo que tem fama de casamenteiro. Depois, vieram Roberto, Caetano Emanuel e Maria Bethânia.

Mabel puxa o fio da memória e volta à casa da infância em Santo Amaro.

Quando eu nasci, ela já tinha a Clara e Nicinha, que era criada lá em casa como filha. Fui a terceira menina. Já cheguei criando problema, porque todo mundo queria um menino. Minha mãe dizia que foi uma decepção. Ela falava e eu sabia que tinha sido. Minha mãe sempre foi muito séria e muito direta. Não tinha negócio de ardeios, não.<sup>7</sup>

O baú de lembranças da casa da infância também é abarrotado de doces recordações da mãe - tão doces como os pirulitos de mel que ela fazia para seus meninos - e da certeza de que ela tinha pelos filhos “o maior amor do mundo”.

Para falar desse amor, no livro “O sal é um dom - Receitas de Dona Canô”, Mabel recorreu a uma quadrinha de Mário Quintana: “Para louvar nossa mãe/ Todo bem que se disser/ Nunca há de ser tão grande/ Como o bem que ela nos quer”.

Ela nunca trabalhou fora. Tinha cozinheira, aquele povo todo que ajudava. Ela bordava na máquina. Ficava costurando e cantando. Tinha uma voz muito bonita. Eu me sentava por perto para ficar ouvindo aquelas canções: de bailes pastoris, valsas antigas... Minha mãe participou muito de bailes pastoris quando menina. Saíam as meninas vestidas de pastorinhas, os meninos, de lanternas acesas, cantando pelas ruas. Lindo! (...) Tinha um piano lá em casa. O rádio, que ficava em cima da cristaleira na sala de jantar, passava o tempo todo ligado, tocando música. (...) Meu pai não cantava, ele assobiava e declamava poesia. Sabia

<sup>7</sup> Em entrevista à autora, realizada em Salvador, na casa da entrevistada, em 2014

poemas de cor. Ele ninava a gente assobiando ou dizendo poemas. Fomos criados assim: ouvindo poesia e músicas antigas. Aí que eu digo: ninguém podia dar certo, é todo mundo atrapalhado (ri).<sup>8</sup>

Eunice, a Nicinha, já tinha sido incorporada à família de Zeca mesmo antes do casamento. Filha de um casal de amigos, era afilhada de Mariinha - uma das sobrinhas de Zeca - e, desde que nasceu, estava sempre na casa de Dona Pomba, levada pela madrinha. Um dia, caiu uma tempestade horrorosa, e ela, ainda bebê, teve de ficar para passar a noite. Descobriu-se, então, que estava com sarampo. Era melhor que não saísse de casa até ficar curada. Foi ficando... Não voltou mais para a casa dos pais. Mas nunca deixou de conviver com sua família biológica.



A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Amaro, onde Canô e Zeca se casaram. Foto: Oscar Valporto

Era tudo junto e misturado. Nicinha era irmã de Edith do Prato, famosa sambista do Recôncavo, que frequentava a casa dos Velloso, foi mãe de leite de Caetano (amamentou o quinto filho de Dona Canô quando ela teve uma forte gripe) e chegou a gravar com o cantor (no álbum Araçá Azul, em 1973, interpretando o samba de roda “Viola meu bem”) e com Maria Bethânia (em 1983, participou do disco "Ciclo", interpretando a chula "Filosofia pura").

Edith Oliveira Nogueira (1916- 2009) ficou conhecida como Dona Edith do Prato por se apresentar usando uma faca e um prato como instrumentos. A

<sup>8</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, no ano de 2015

santamarense é um dos ícones do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, gênero musical que foi o primeiro do Brasil a se tornar Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco, em 2005.

Em um bonito post publicado na data do primeiro aniversário de Dona Canô após a morte dela, 16 de setembro de 2013, Caetano lembra que a mãe também tocava prato no samba de roda. E bem<sup>9</sup>.

Hoje é o primeiro 16 de setembro em que não estamos com minha mãe na missa e na festa em Santo Amaro. Até o ano passado, quando ela completou 105 anos, Dona Canô esteve presente e atuante em todos os lugares por onde se estendia o festejo. Da Igreja da Purificação à nossa casa na Rua do Amparo, ela nunca pareceu sentir incômodo com a balbúrdia. A casa é até larga, com duas alas ao lado da porta guarnecida por um portãozinho de ferro rendado. Mas é muito mais comprida (as outras, vizinhas, quando são estreitas, são igualmente longas, com corredores que chegam a quintais que vão dar na Estrada dos Carros). As festas de aniversário de minha mãe pareciam festas de largo, começando na calçada e se estendendo até o fundo do quintal. Minha mãe percorria várias vezes essa lonjura na cadeira de rodas, passando por tantos amigos e parentes de todas as idades. Para mim é uma data incrivelmente mágica o dia do nascimento de minha mãe. Ela era a vida. E era toda a sabedoria que a vida pode ter sobre si mesma'. 'Tenho saudade do tempo em que ela, cabelo todo preto e muito curto, tocava prato no samba-de-roda (Edith era a mestra, mas minha mãe também tinha a pegada). Hoje não estou em Santo Amaro. Nem sequer estou no Brasil. Faz muito frio em Buenos Aires e chove. Mas está tudo bonito assim na madrugada. Sempre que consigo me sentir um pouco alegre, dou graças a minha mãe.

Na cerimônia religiosa de Canô e Zeca, Nicinha, com dois anos de idade, levou as alianças do casal ao altar da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Como os recém-casados, na volta de Nazaré das Farinhas, acabaram indo morar na casa de Iá Pomba, onde Nicinha já vivia, a menina acabou sendo criada pelos dois como filha. Só saiu da casa dos pais adotivos já adulta, para trabalhar com a irmã Maria Bethânia no Rio de Janeiro. Após a morte de Zeca, voltou para Santo Amaro da Purificação, para fazer companhia a Canô, e foi lá que faleceu, pouco mais de um ano antes da mãe, em outubro de 2011, aos 83 anos.

Irene, a oitava filha dos Velloso, chegou de repente. Seu pai biológico, João, era primo de Nicinha. Casou-se com Lindinalva e teve um casal de filhos. Mas a mulher morreria logo após o segundo parto, de Irene. Ela voltou da

---

<sup>9</sup>

<https://www.facebook.com/FalaCaetano/photos/hoje-%C3%A9-o-primeiro-16-de-setembro-em-que-n%C3%A3o-estamos-com-minha-m%C3%A3e-na-missa-e-na-/422210174550087/>, acessado em 14 de março de 2020

maternidade debilitada, com febre e dificuldade até para falar. Diziam que era gripe. Por insistência de Dona Canô, vizinha de onde eles moravam, chamaram um médico. Lindinalva foi diagnosticada com tétano. Doutor Ranulfo, amigo da família Velloso, pediu que Canô tirasse a recém-nascida de casa. Naquela época, ainda se achava que a doença fosse contagiosa.

Lindinalva morreu uma semana após dar à luz, deixando o marido com dois rebentos – o mais velho, com 3 anos. João se desesperou. Uma de suas irmãs tinha morrido e deixado três meninas para a mãe dele criar. Não sabia o que fazer. Dona Canô veio com a solução.

- Não fique assim, não. Você vai para casa, vá refletir. Deixe Irene aqui. Fica em minha mão. Quando você acabar de se arrumar, de se ajeitar, de se controlar, sua filha tá aqui. (FREITAS e ASSIS, 2009, p. 109)

Ficou acertado que ele buscaria a menina quando se casasse de novo. O tempo passava, João aparecia com namoradas, mas nada de se casar. Irene foi ficando, ficando... Ficou definitivamente.

Júlia, a mãe de Canô, morreu pouco tempo antes do nascimento de Irene. A matriarca sempre dizia que a menina tinha vindo para confortá-la pela perda da mãe. Talvez por isso, Canô tenha pensado em “tomar um menino para criar” quando Zeca morreu.

Com a prole numerosa, Canô contava com as parentes de Zeca, que moravam com eles, para ajudá-la nos cuidados com os meninos. Como quando ficou grávida de Rodrigo e Mabel tinha apenas dois meses de idade.

Nasci em 14 de fevereiro de 1934 e Rodrigo no dia 26 de janeiro de 1935. Quando ele nasceu eu ainda não tinha um ano. A pior gravidez de minha mãe foi justamente a de Rodrigo. Já tinha tido duas filhas, ficou grávida do terceiro muito em cima, acho que não teve tempo de se refazer. Na gravidez, ficou sem poder ficar muito tomando conta de mim. (...) Mas cresci naquele ambiente em que tinha muito carinho de muita gente. Tinha uma irmã do meu pai, Isabel, o apelido era Mina, que nós chamávamos de Mãe Mina. Ela e minhas primas mais velhas ficavam me paparicando, com muito dengo comigo.<sup>10</sup>

Habilidosa na arte de conviver, Canô afirmava que nunca teve desavenças com nenhum dos parentes de Zeca que moravam com eles (FREITAS e ASSIS, 2009, p. 97).

---

<sup>10</sup> Em entrevista à autora, realizada em Salvador, na casa da entrevistada, em 2014

O que é que eu ia fazer, se eu quis? Aceitei tudo. Não briguei com ninguém. Morreram todos meus amigos. Os que morreram, morreram nos meus braços, até os sobrinhos dele (...) E cada uma (das sobrinhas) se apegou a um filho meu. Eram mesmo que minhas irmãs. Quando nascia, ficava tudo doido. Cada qual querendo mais. Rodrigo foi Lindaura. Caetano foi Mariinha, Clara Maria foi Iaiá, Tereza foi quem? (pausa). Era Rodrigo. Tereza também era agarrada com Rodrigo. Caetano, Mariinha tomou conta, eu não tinha direito. Ave Maria!”. Faziam tudo por esses meninos. Eu ia brigar? Pra que ia brigar? Não estou viva até hoje tendo o que contar?

Na análise de Mabel, essa aceitação era mais uma prova do amor por Zeca: “O que regeu a vida inteira da minha mãe foi o amor por meu pai. Ela sabia que, se tivesse algum aborrecimento com as primas e irmãs dele, não ia ser bom para ela”.

Dona Canô falou sobre como foi conviver com mais de 20 pessoas numa mesma casa, recém-casada, numa entrevista para a revista Trip<sup>11</sup>.

Morei lá durante anos sem o menor problema. Sabe, minha filha, quem quer viver procura viver. Foi o que me aconteceu. Eu queria viver com o meu marido, passando o que ele passava de bom e de ruim. Zeca não podia se afastar da família porque ele e a irmã sustentavam todo mundo. Até hoje o que resta da família de Zeca é amigo. Depois ele alugou um sobrado e a gente mudou.

Agente postal telegráfico, José Velloso transformou a parte frente de sua casa numa agência dos Correios. Mabel e Clara Maria não têm recordações de nenhuma discussão entre os pais. Rodrigo também costuma dizer que nunca os viu levantarem a voz um para o outro. Mas lembra de ao menos uma vez em que Canô se aborreceu com o marido. Ele tinha chegado de Salvador - para onde se mudou aos 19 anos - para passar o fim de semana na casa dos pais em Santo Amaro, como sempre fazia. Como de hábito, ele e Zeca foram tomar uma cerveja. O papo rolava solto quando Zeca olhou para o relógio e fez menção de se levantar. “Th, vai dar meio-dia” (a hora em que, tradicionalmente, todos tinham que estar à mesa, para o almoço em família). O filho insistiu por uma ‘saideira”. Poucos minutos depois, Dona Canô aparece na porta do botequim. “Zeca, nesses anos todos, você nunca chegou atrasado para o almoço. Vamos pra casa”, ordenou, com a voz calma, mas firme. Quem havia de desobedecer? Por essas e outras,

---

11

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-dona-cano-mae-de-maria-bethania-e-caetano-v-eloos>, acessado em 23 de janeiro de 2020

Rodrigo conclui que embora o pai tivesse “uma postura de chefe de família, na verdade, quem mandava era ela”.

Dona Canô educou os filhos sem nunca levantar a mão - ou a voz - para nenhum deles.

Ela não nos deixava fazer nada de errado, nos orientava. Mas não era brava. Nunca bateu em ninguém. Não se usava isso lá em casa. Nós fomos criados muito com olhares. Meu pai olhava pra gente e já sabíamos se ‘sim’ ou ‘não’. Minha mãe, a mesma coisa. (...) Quando ela não queria que a gente fizesse alguma coisa, dizia: pergunte a seu pai. Quando a gente ia, ele já sabia que era para dizer não, se ela tinha mandado perguntar. Era uma jogada. Eles dois viviam muito assim, muito em comum. E tomavam muito conta da gente, mas de uma forma livre. A gente brincava muito no quintal, no sótão, a casa era muito grande.

## **Cores, nomes**

### **Claudionor, sim senhor**

Ela se chamava Claudionor Vianna Telles Velloso. Mas poderia ter sido Rechevée. Era esse o nome da heroína de um romance francês que seu pai, o poeta e funcionário público Anísio César de Oliveira Vianna acabara de ler. “Vai ser Rechevée”, sentenciou, para espanto de Julia, que não gostou nada da ideia de batizar a filha com aquele nome estrangeiro esquisito. Queria Maria das Dores, porque a menina nascera um dia depois da data dedicada a Nossa Senhora das Dores. Seu Anísio foi contra. Saiu para o cartório e voltou com o registro da pequena. “Claudionor???! Por que um nome tão masculino?”, Julia reclamou. Ele deu de ombros. “Não tem Leonor? Eu quis Claudionor”. Assunto encerrado.

Júlia e Anísio jamais se casaram. Quando se conheceram, ela já tinha dois filhos, Almir e Joana, mais conhecida pelo apelido, Geni. Anísio César morava em Salvador, onde tinha outros filhos. Dona Canô contava que ele já tinha ficado viúvo quando ela nasceu. Mas continuou morando na capital e eles conviveram pouco (FREITAS e ASSIS, 2009, p. 89 e 90).

O convívio, por ele morar fora, era só quando ele vinha. (...) Conheci pouco o meu pai. Antigamente se criticava de tudo, mas quando eu nasci ele já tava viúvo. A mulher dele morreu cedo, deixou os meninos pequenos. Áureo, Aniano, Audata e Alódia. Veja que nome? Alódia. (...) Nunca se cogitou unir as duas famílias. Mamãe tinha um gênio muito forte, era muito autoritária e ele não gostava disso. Agora, mamãe só gastava a autoridade em momentos precisos. Quando ela não gostava, a autoridade era maior: - Você tem sua família, fique com sua família - dizia ela.



Canô só foi visitar o pai uma única vez, em Salvador, quando Anísio César já estava velho e doente. Quando o pai morreu, ela tinha 9 anos. Guardou dele a lembrança de um homem muito inteligente e dizia que Caetano teria herdado do avô, “poeta extraordinário”, o dom da escrita. Quando ouviu “Força estranha”, comentou com o filho: “Você está escrevendo como o seu avô” (FREITAS e ASSIS, 2009, p.89 ).



Canô (ao centro), na infância, pronta para um Baile Pastoral, em Santo Amaro. Foto: Acervo da família/ Reprodução

Quando ela fez oito anos, em 16 de setembro de 1915, Anísio César fez uma poesia para a filha:

À minha filhinha (no dia dos seus anos)

Andorinha, vence os mares,  
 Leva no bico esta flor,  
 Deita no casto regaço  
 Da minha claudionor,  
 A filhinha idolatrada,  
 Meu anjinho, meu amor.

Dize à filha pequenina,  
 Flor do céu, brilhante estrella,  
 Que choro por sua ausência,  
 Que padeço por não vê-la.  
 É grande o meu desespero,  
 É maior a minha dor!

Coração sae-me do peito,  
 Vôa, voa, por favor,  
 Leva contigo minhalma,  
 Entrega a Claudionor.

Brisa, que branda sussurras  
 Nas tranças dos arvoredos,  
 Conta-lhe os meus segredos.

Que fico no meu desterro,  
 Repleto de desenganos,  
 Não posso beijar-lhe a bocca  
 Hoje, dia dos seus annos!

A menina nunca se incomodou com o nome escolhido pelo pai, com quem pouco conviveu. Ele só foi motivo de aborrecimento duas únicas vezes. Claudionor demorou a receber a pensão que o pai (auditor do Ministério da Fazenda) havia deixado para ela. Seu nome constava no cadastro do montepio como Claudionora. A segunda vez foi quando fez 18 anos: recebeu uma carta de convocação para servir ao Exército. A filha Mabel perdeu as contas de quantas vezes, ao preencher uma ficha qualquer, lhe perguntaram se não havia se enganado ao escrever o nome da mãe. “Não, senhor, não é Claudionora. Ela se chama mesmo Claudionor”.

Mabel conta que quando a mãe era pequena, as tias que moravam na casa dela a chamavam de Claudionorzinha.

Tinha um menino chamado Oswaldo, o apelido era Dumdum, que só andava na casa de minha mãe. Ele, bem pequeno, não acertava chamar Claudionorzinha. Foi ele que botou esse apelido na minha mãe, de Canô. Ela ficou canozinha. Tanto

que em Santo Amaro as pessoas a chamavam assim. Nós a chamávamos de Mãe Canô<sup>12</sup>.

### **Um fulano, um Caetano, um mano qualquer**

Caetano nasceu no dia do santo do qual herdou o nome, por decisão da mãe. Zeca resistiu. “Ele é tão pequenininho, esse nome pesado”, reclamou. “É Caetano”, decretou a matriarca. “Procure um nome mais pesado pra botar nele”, brincou o marido. Emanuel, Canô sugeriu. Zeca demorou dois dias para fazer o registro. Mas acabou atendendo ao desejo da mulher.

Zeca também demorou um pouco a se convencer a dar o nome de Maria Bethânia a sua filha caçula. A sugestão foi de Caetano, que tinha quase quatro anos de idade quando a irmã nasceu. Dona Canô contava (FREITAS e ASSIS, 2009, p. 107):

- Ele (Caetano) tinha quatro anos, sabido que sempre foi, ouvia a música Maria Bethânia (composta por Capiba e gravada por Nelson Gonçalves, em 1945)

- Vai ser outra menina - falou Caetano.

- Você é maluco? - brincou Zeca.

- Olha o que eu tô dizendo, meu pai, é outra menina e vai se chamar Maria Bethânia.

-- Você é maluco, vou botar o nome de minha filha Maria Bethânia. Você é doido, pra ficar na rua o povo cantando?

A família, então, decidiu fazer um sorteio. Cada filho escreveu um nome em um pedaço de papel. Os papéis foram dobrados e colocados dentro de um boné que Caetano usava. O resultado, todos sabemos.

A valsa “Maria Bethânia”, de Capiba, que inspirou o nome da caçula dos Velloso diz assim:

Maria Bethânia  
 Tu és para mim  
 A Senhora do Engenho  
 Em sonhos te vejo  
 Maria Bethânia, és tudo o que eu tenho  
 Quanta tristeza, eu sinto no peito  
 Só em pensar que o nosso amor está desfeito  
 Maria Bethânia  
 Tu sentes saudade de tudo, eu bem sei

<sup>12</sup> Entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, em outubro de 2014

Porém, também sinto saudades do beijo que nunca te dei  
 Beijo que vive com esplendor nos lábios meus  
 Para aumentar a minha dor.  
 Maria Bethânia  
 Te lembras ainda daquele São João?  
 As minhas palavras caíram bem dentro do teu coração.

Tu me olhavas com emoção,  
 E sem querer pus a minha mão na tua mão.  
 Maria Bethânia,  
 Eu nunca pensei acabar tudo assim.  
 Maria Bethânia,  
 Por Deus eu te peço,  
 Tem pena de mim  
 Hoje confesso, com dissabor,  
 que não sabia, nem conhecia o amor

## Sorte na vida

### Bilhete premiado

Caetano Emanuel Viana Teles Veloso nasceu sob o signo da boa sorte. Quando o filho era bebê, Zeca comprou, pela primeira vez na vida, um bilhete da loteria federal, o colocou em um envelope e escondeu em um balaio, debaixo de roupas do pequeno, de quatro meses. Dona Canô não gostou. “O que você está fazendo, mexendo com a mão suja nas roupas do menino?!”. “É para dar sorte”, Zeca respondeu.

E como deu. Com o dinheiro do prêmio, o casal comprou uma ampla casa em Santo Amaro da Purificação. Não sem antes distribuir parte da bolada. Zeca fez questão de dar um bom pedaço para o amigo João da Cruz, que foi que lhe soprou o número da sorte, que Mabel jamais esqueceu: 24 966. Outro quinhão foi para as primas. “Tia Ziza e tia Lininha comentavam que foi com o dinheiro que meu pai deu a elas que puderam se tornar professoras”, lembra Rodrigo<sup>13</sup>.

Dona Canô transformou sua gratidão em caridade. No dia do aniversário de Caetano, todos os anos, a comemoração era no Convento dos Aflitos, onde havia uma imagem de São Caetano. Cada menina órfã abrigada pelas freiras ganhava um presente, além de um belo café da manhã, depois da missa, e de um almoço especial, que a matriarca dos Velloso mandava entregar. Depois, à tarde,

---

<sup>13</sup> Em depoimento à autora na casa onde viveu Dona Canô, em Santo Amaro da Purificação

tinha a festa, com docinhos e bolo. Foi assim até Dona Canô morrer. O aniversariante podia não estar presente, mas a comemoração não deixava de acontecer. E continua assim até hoje. O filho Rodrigo se incumbiu de manter viva a tradição.

Caetano, segundo Clara Maria, era o único que tinha festa de aniversário quando criança. “Não se tinha dinheiro para comemorar o aniversário de todo mundo”. Caetano também é o único que não tem as consoantes do sobrenome dobradas. Consta que foi registrado como Caetano Emanuel Viana Teles Veloso por desatenção do escrivão responsável pelo registro. (DRUMMOND e NOLASCO, 2017)

### **Cantar é mais do que lembrar...**

Tudo são trechos que escuto – vêm dela  
 Pois minha mãe é minha voz  
 Como será que isso era este som  
 Que hoje sim, gera sóis, dói em dós

(“Jenipapo absoluto”, Caetano Veloso)

Na casa de Canô e Zeca, o rádio, em cima de uma cristaleira, na sala de jantar, passava o tempo todo ligado. Sentada diante de sua máquina de costura, enquanto costurava, a matriarca cantarolava. Atraída pela voz da mãe, Mabel, menina, gostava de ficar ali por perto, ouvindo-a cantar bailes pastoris, valsas, marchinhas, músicas de Sílvio Caldas, Orlando Silva, Chico Alves, Gonzagão...

“Ela gostava de cantar e cantava muito bem”, atesta Gilberto Gil, amigo e compadre de Caetano, frequentador de muitas festas no quintal dos Velloso, em Santo Amaro da Purificação. O cantor e compositor não tem dúvidas de que esse dom da matriarca teve influência na escolha profissional de Caetano e Maria Bethânia.

O bisneto Jorginho Velloso concorda: “A veia artística da família está ali, nela. Ela cantava lindo, afinadíssima. E fez parte de um coral, onde tia Nicinha tocava teclado”.

Na infância, Caetano gostava de ouvir, no rádio, Vicente Celestino, Luiz Gonzaga. Também tem lembranças de ouvir, na vitrola de casa, Dorival Caymmi e Noel Rosa, cantado por Aracy de Almeida. O cantor e compositor já deu declarações sobre a influência familiar decisiva na sua formação musical (CHEDIAK, 2009, p. 13).

Minha mãe cantava muito para mim e me ensinava a cantar, isso desde que eu me entendo e sempre. Ao lado do rádio e dessas outras figuras, tem sempre a minha mãe, a voz de minha mãe. Ela cantava canções antigas. Tem muitas canções que aprendi com ela. Nem sei quem cantava.

Foi Dona Canô quem deu o primeiro violão ao filho. E ela tinha plena consciência da influência que tinha exercido na escolha profissional de Caetano e Bethânia. Em uma entrevista à Rede Bahia, dias antes de completar 105 anos, disse: “Eu cantava muito. E, tudo o que eu cantava, Caetano tomava nota”, disse. Na mesma reportagem, Caetano diz: “Eu gosto de cantar para me sentir como ela. Para me sentir identificado com ela. Quase que, numa certa medida, eu sou ela quando estou cantando”.<sup>14</sup> A mãe, com diz Caetano na canção “Jenipapo Absoluto”, é sua voz. Como a madeleine de Proust, o gosto do licor de Jenipapo que Seu Zezinho preparava embala as lembranças do compositor: de Santo Amaro, da casa da família, dos pais, da irmã Mabel.

Como será pois se ardiam fogueiras  
Com olhos de areia quem viu  
Praias, paixões fevereiras  
Não dizem o que junhos de fumaça e frio  
Onde e quando é jenipapo absoluto  
Meu pai, seu tanino, seu mel  
Prensa, esperança, sofrer prazeria  
Promessa, poesia, Mabel  
Cantar é mais do que lembrar  
É mais do que ter tido aquilo então  
Mais do que viver do que sonhar  
É ter o coração daquilo  
Tudo são trechos que escuto - vêm dela  
Pois minha mãe é minha voz  
Como será que isso era este som  
Que hoje sim, gera sóis, dói em dós

---

14

<http://g1.globo.com/bahia/videos/v/dias-antes-de-completar-105-anos-dona-cano-fala-sobre-os-filhos-e-a-vida/2230270/>. Acessado em 17 de fevereiro de 2020

"Aquele que considera"  
 A saudade de uma mera contraluz que vem  
 Do que deixou pra trás  
 Não, esse só desfaz o signo  
 E a "rosa também"



**caetanoveloso** ✓

Bahia - Salvador



Caetano com os pais, Canô e Zeca. Reprodução/Instagram/Caetano Veloso

Caetano fala sobre a canção em um livro com comentários sobre suas composições (VELOSO, 2003):

Fala de Santo Amaro, como tantas outras. Há duas citações: a primeira é “aquele que considera”, que cita letra e melodia de uma canção de Ataulfo Alves (Infidelidade, com Américo Seixas, 1947); a segunda é “Rosa também”, que recupera letra e melodia de “Mané Fogueteiro” (João de Barro, 1934), um sucesso com Augusto Calheiros. Eu tinha citado noutras letras Irene, Clara, Nicinha, menos Mabel, que quando eu era criança, era a minha irmã favorita, com quem eu

mais me identificava e é minha madrinha de apresentação (eu a chamo às vezes Dinha). E ela reclamava disso. Enfim, ela, que faz poesia, apareceu aqui aliada à poesia. Mas a canção me emociona por outras duas coisas também. Primeiro, o jeito como aparece meu pai: “Onde e quando é jenipapo absoluto? Meu pai, seu tanino, seu mel”. Eu adoro isso. Uma pessoa em São Paulo, descendente de italianos, pensou que meu pai se chamasse Caetano, porque os italianos usam Tanino como apelido de Caetano, de Gaetano. Não é o caso, pois aqui “tanino” é substantivo comum. A letra também fala de “prensa”, porque meu pai me chamava para ajudá-lo a prensar o jenipapo numa prensa de madeira para fazer o licor. Era sempre a mim que ele chamava: “Caetano, vamos prensar o jenipapo”. Eu adorava fazer. E adorava o licor, adoro ainda. Prensar o jenipapo com meu pai me deixava todo orgulhoso. Ele tinha certa cumplicidade comigo numas coisinhas assim. E algumas eram cruciais, como essa, espremer o jenipapo. Outro dado que me emociona é que essa canção fala de minha identificação com meu pai mas declara, em seguida, que “minha mãe é minha voz”.

Embora tenha tido uma inegável influência na formação musical e na paixão de Caetano e Bethânia pela música, Dona Canô, inicialmente, não ficou muito feliz quando a filha caçula anunciou:

- Vou ser artista.

- Ô, minha filha, pelo amor de Deus, não seja não -, implorou.

Quando Bethânia foi chamada para substituir Nara Leão no show Opinião, por sugestão da própria cantora - que estava com problemas nas cordas vocais - os pais não acreditaram que aquilo poderia dar certo.

“Como é que Maria Bethânia poderia substituir Nara Leão, uma criatura com nome feito, com a carreira já brilhante?” – Canô se perguntava.

- Não, ela não pode, ela não tem competência -, Zeca disse.

Dona Canô fez coro com o marido.

- Ela não tem competência.

Foi Caetano quem decidiu: - Ela vai.

- Calma, meu filho, você já pensou na diferença de Nara Leão para Maria Bethânia?

- Não tem nada disso, ela vai -, Caetano vaticinou.

Ok, o irmão, três anos mais velho, venceu. Mas com uma condição: ele iria junto, para tomar conta da irmã.

Apesar da resistência inicial, Dona Canô nunca se arrependeu de ter deixado sua caçula sair da pequena Santo Amaro para morar no Rio de Janeiro tão nova, com 17 anos.



- Não é que estourou? Destino. Não acreditam. Eu acredito -, dizia. -Ainda não teve substituto para a voz dela. (...) Bethânia saiu com uma voz! (FREITAS e ASSIS, 2009, p. 120 e 121)

## **Força Estranha**

### **O exílio do filho e o adeus ao marido**

Em uma das vezes em que entrevistei Dona Canô para o jornal Correio, em Salvador, onde assinei uma coluna diária, entre 2009 e 2016, perguntei à matriarca qual tinha sido o pior momento da vida dela. A resposta: “O exílio de Caetano”. Ficou gravada na memória dos irmãos do cantor a cena da despedida no aeroporto, quando o artista embarcou para Londres, no fim de 1969.

Vendo o filho atravessar o portão de embarque, a matriarca, que quase nunca chorava – pelo menos não diante de outras pessoas -, cambaleou e se apoiou em uma pilastra. As lágrimas brotaram grossas. Rodrigo até hoje, 50 anos depois, chora ao contar a história, lembrando a dor imensa de sua mãe.

Foi nessa época que Clara Maria percebeu os primeiros fios brancos nos cabelos da mãe. Caetano escrevia muitas cartas para a família. Os telefonemas eram mais raros – no máximo, dois por mês -, pois os interurbanos internacionais eram caríssimos.

Clara falou sobre o exílio do irmão e o sofrimento da família:

Foi uma época horrível. Ficamos todos muito preocupados com Caetano. Ele escrevia arrasado. Quando a gente conseguia falar com ele, uma vez ou outra, estava sempre arrasado. Ele sofreu muito. Roberto Carlos esteve com ele em Londres e prometeu que, todas as vezes que viesse a Salvador, iria visitar meu pai e minha mãe. E fez isso, umas três ou quatro vezes. Uma vez, levou a mãe, dona Laura.<sup>15</sup>

Na mesma entrevista dominical da coluna (no modelo de perguntas fixas para respostas rápidas) em que diz que o exílio do filho foi o pior momento de sua vida, ela cita Zeca como sua “lembrança inesquecível” e sua maior “saudade”.

Quando, no fim dos anos 70, Zeca, já com câncer na próstata, teve de ser internado, Canô não saiu do lado do companheiro, no quarto do hospital, em

---

<sup>15</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, no ano de 2015

Salvador, um minuto sequer. Se precisava de alguma coisa, pedia aos filhos que fossem em casa buscar. E dormia com o marido na mesma cama, dispensando a do acompanhante. Quando entrou e viu os dois abraçados no leito, o médico que cuidava de Zeca ficou impressionado. Disse à família que, em seus muitos anos de medicina, jamais flagrara uma cena como aquela.

No dia 13 de dezembro de 1983, Canô perdeu seu grande amor, parceiro de vida por 52 anos. Zeca morreu, aos 82 anos de idade, por complicações do câncer, oito anos após a descoberta da doença. Os filhos temeram que a mãe não suportasse o golpe. Mabel conta: “Quando ele morreu foi um choque pra todo mundo. Tínhamos medo de minha mãe não aguentar. Um médico amigo nosso dizia que por ela não aguentaria, que morreria logo”.

“Imaginava que ia ser o fim do mundo para ela”, diz Rodrigo. A atriz e apresentadora Regina Casé, amiga de Caetano desde a juventude e também habitué das festas no quintal dos Velloso, em Santo Amaro, teve o mesmo temor: “Eles estavam sempre tão juntos que achei que talvez ali ela sucumbisse”.

Uma das lembranças que Regina guarda do casal é de um show de Caetano Veloso, ao ar livre. Estava muito quente e Zeca passou o tempo inteiro abanando Canô com um leque.

A neta Maria Clara, a Lala, também tem fortes recordações das cenas de amor entre os avós, da “forma admirável” como Canô tratava o marido, “como eles se namoravam, como ela olhava para ele. (...) Lembro dos dois sentados, ela no colo dele, dando beijo na boca. Eu me lembro como hoje”.

Após a morte de seu companheiro de vida, Dona Canô surpreendeu a todos. “Não é que ela tenha tido uma sobrevida. Foi uma vida muito ativa, talvez até mais do que antes, socialmente. Caetano diz que a mãe tirou mais fotos entre os 90 e os 100 anos do que tinha tirado em toda a vida dela”, conta Regina Casé.

E lá estava a matriarca, mais uma vez, dando uma demonstração de sua força, de sua coragem e da vocação para a felicidade. Mabel diz:

Quando lembro do enterro do meu pai, lembro de minha mãe, da força dela. Ela chorava, mas era um choro calmo, sem exagero, sem óculos escuros, as lágrimas descendo (...) No dia da missa de sétimo dia, reuniu todo mundo, pedindo que ficassemos unidos. Disse: ‘Zeca morreu, mas temos que continuar vivendo’. Depois, ficou parada um pouco e falou: ‘Já sei o que vou fazer: vou tomar um

menino para criar?. Saímos do quarto olhando uns para os outros. Sabíamos que ela era capaz de fazer isso.<sup>16</sup>

Mabel acha que Dona Canô associou a morte de Zeca à da própria mãe. Quando Júlia morreu, ela ficou muito abatida. A chegada de Irene, pouco tempo depois, a ajudou a superar a tristeza. Por isso, a matriarca teria pensando em adotar mais uma criança. “Fiquei apavorada. Ela tinha 76 anos, já era uma senhora. Apesar de muito forte, muito ligeira, toda danadinha, já estava com mais de 70 anos. Pensei: “Meu Deus do céu, mais um irmão agora?!”<sup>17</sup>.

Dona Canô não chegou a realizar seu plano de adotar mais uma criança, como fizera com Nicinha e Irene. Mas transmitiu uma mensagem aos filhos: a vida precisava continuar com alegria, como uma casa preenchida pelos risos de uma criança.

Foi assim que eles interpretaram. E foi assim que ela fez.

Ela sofreu muito, mas foi de uma força incrível. Tenho uma amiga que diz que quando meu pai morreu parece que ele voltou para dentro de minha mãe. Ela virou dois. E minha mãe realmente passou a ter uma vida diferente da que ela tinha. Enquanto meu pai viveu, ela ia nos lugares com ele, não sai sozinha. Eram sempre os dois juntos. Depois que meu pai morreu, ela começou a sair para todos os lugares.<sup>18</sup>

Logo após a morte do marido, Canô anunciou que voltaria a morar em Santo Amaro da Purificação, de onde eles tinham saído anos antes para morar em Salvador. A matriarca queria voltar para a casa onde ela e Zeca criaram seus filhos, onde todos viveram juntos antes de os meninos começarem a sair do Recôncavo para completar os estudos na capital.

---

<sup>16</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, no ano de 2014

<sup>17</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, no ano de 2014

<sup>18</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, no ano de 2014



A entrada da casa de Dona Canô, na Rua do Amparo, em Santo Amaro da Purificação.  
Foto: Telma Alvarenga

Mabel se surpreendeu quando soube que, um mês após a morte do marido, Dona Canô estava na festa de Nossa Senhora da Purificação. Saiu de casa para ver a lavagem da escadaria da igreja pelas baianas e a chegada do estandarte. Ainda muito abatida, a filha tinha ficado em Salvador, sem querer “ouvir falar em festa”,



inconformada com a morte do pai.

Eu era exagerada no amor pelo meu pai. Com a morte dele, me liquidei. Um dia, eu naquela agonia, a chorar, ela me segurou pelos ombros e perguntou: “Você

tem remorso de quê?. A gente fica assim quando tem remorso. Eu não tenho, fiz tudo o que pude. Nós fizemos tudo”. Ela dizia que só entra em desespero com a morte quem tem remorso. Isso eu tomei como uma lição (...) A gente tinha uma casa de praia em Cabuçu, meu pai era louco pelo mar. (Depois que ele morreu), a gente não tinha coragem de olhar o mar. Minha mãe disse: “Que bobagem. Zeca gostava do mar e nós temos que gostar por causa disso. Assim, ela ia nos dando lições.<sup>19</sup>

As lições da matriarca ultrapassavam os muros de seu quintal. Rodrigo comenta:

Acho que minha mãe ensinou as viúvas de Santo Amaro da época a não botarem luto, a não ficarem dentro de casa. Eu me lembro que fui a Salvador e comprei um vestido para ela usar na missa de um mês, era cinza com uns pontinhos pretos. Minha mãe falou: “Eu, vestir preto? De jeito nenhum!”. E não usou o vestido.<sup>20</sup>

Clara Maria contava que “ela não gostava que as pessoas vestissem preto. Ainda mais se fosse filho ou neto”. Irene completa: “Ir para a novena (de Nossa Senhora da Purificação) com uma roupa preta era o mesmo que matar ela”.

Uma coisa Canô nunca mais quis fazer depois que o marido morreu: sentar-se à cabeceira da mesa de jantar. “A saudade, na cadeira ao lado, a fez passar a sentar-se à esquerda da mesa”, conta Mabel. (VELLOSO, 2015, p. 29).

### **Coragem de ser feliz**

No centenário da matriarca, em 2007, o artista plástico baiano Roney George, amigo de Jota, estava triste, havia terminado uma relação. Quando foi dar os parabéns à aniversariante, disse: “Fico impressionado como, com essa idade, a senhora é tão feliz”. Ela sacou mais uma de suas sábias tiradas: “Ser feliz é para quem tem coragem”. Emocionado, Roney chorou. A frase acabou inspirando uma composição de Jorge Vercillo, outro amigo de Jota. Ela se chama “Coragem”. A letra:

---

<sup>19</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, no ano de 2014

<sup>20</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa onde viveu Dona Canô, em Santo Amaro da Purificação, no ano de 2015

Estive ali em Sto. Amaro na Bahia para um show  
 O que vivemos de aventura e de harmonia nos marcou  
 Com essa família que espalha tanto sonho e liberdade  
 E nem as grades no pavor da ditadura fez calar as suas vozes.  
 Na praça andei entre evangélicos, católicos e ateus  
 Todos unidos como só no imaginário de um Deus  
 E uma mulher de 104 anos me emocionou  
 Quando mais lúcida que o sol  
 Nos trouxe a luz do seu amor  
 E dissipando o caos, falou : - Ser feliz é pra quem tem coragem !  
 Coragem é um dote, coragem é pra quem pode !  
 Contradição é 2 de fevereiro  
 Com arrastão sem pescador  
 O breu do medo, claro logo nas províncias se alastrou  
 Mais uma vez a ignorância cala a voz da poesia  
 Crianças que brincavam debandaram em correria,  
 Cancelado o show  
 Às vezes, ver a manipulação em que vivemos dá um nó  
 Mas a pulsão de vida de Dona Canô ainda é maior  
 E essa mulher de 104 anos lá me libertou  
 Quando mais lúcida que o sol, nos trouxe a luz do seu amor  
 E dissipando o caos, falou : - Ser feliz é pra quem tem coragem!  
 Coragem é um dote, coragem é pra quem pode!<sup>21</sup>

A composição é assinada por Jorge Vercillo em parceria com Dona Canô. Quando ele fez a música, estava em Santo Amaro para se apresentar com Jorge Mautner e Jota Velloso na festa do dia 2 de fevereiro de 2012, mas o evento que foi cancelado por causa de uma greve da Polícia Militar. A música foi disponibilizada nas redes sociais, com doação voluntária em benefício ao Abrigo dos Velhos de Santo Amaro, instituição que Dona Canô também ajudava.

### **Verdade tropical**

#### **Sincera até demais**

Dona Canô era de uma franqueza, muitas vezes, desconcertante. Praticamente todos os que conviveram com ela têm uma história para contar das saias-justas em que se viram diante de seus comentários afiados. Não foi a idade avançada que deu à matriarca centenária salvo-conduto para dizer o que pensava. “Ela sempre foi muito sincera. E envelheceu com sinceridade até demais. Muitas

---

21

<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/02/14/jorge-vercillo-faz-parceria-com-mae-de-aetano-veloso-em-nova-musica-veja-letra-de-coragem.htm>, acessado em 4 de março de 2020

vezes, envergonhava a gente, igual criança... E não ficou desse jeito depois de muito velha, não. Ela sempre foi assim”, diz Mabel<sup>22</sup>.

Hoje, as histórias rendem boas risadas nos encontros dos Velloso.

Em uma das tradicionais missas celebradas pelo aniversário de Dona Canô, Monsenhor Sadoc, amigo de infância dela, pediu que Canozinha, como ele a chamava, subisse ao altar para dizer algumas palavras, na homilia. Ela começou a contar como formou sua família: o casamento com Zeca, o nascimento da primeira filha... Disse que o sonho do marido era ter um filho jogador de futebol. Nasceu Clara Maria. A aniversariante virou-se para a primogênita, sentada no primeiro banco da igreja, e disse, com seu jeitinho manso, mas firme: ‘Olhe Clara, você foi a criança mais feia que eu já vi’.

Também sobrou para Mabel. “Foi uma decepção”, disparou, lembrando que, quando nasceu (a terceira menina do casal, que já tinha Nicinha e Clara) ela e o marido desejavam que viesse um menino. Não era brincadeira. “Ela dizia isso e eu sabia que era verdade. Já cheguei criando problema porque todo mundo queria um menino”, Mabel ri.

Apresentada ao ator Tato Gabus Mendes, ela saiu-se com essa: ‘Seu irmão (Cássio) é muito melhor’. Tato respondeu: “A senhora tem razão”. Pano rápido.

Quando Caetano levou Paula Lavigne, sua namorada, para apresentar à mãe em Santo Amaro, Dona Canô sentenciou: “Vou logo lhe avisando: nesta casa, ninguém fala mal de Dedé (a primeira mulher do cantor, Dedé Gadelha, mãe de Moreno). E outra coisa: Dedé nunca entrou aqui de mãos vazias, sempre me trazia um presente”. Paulinha saiu e voltou com um aparelho de som para a futura sogra.

Quando o músico e produtor Alexandre Kassin foi levado à casa de Dona Canô por Moreno pela primeira vez, ela só se referia a ela como o ‘todo feio’. Moreno se diverte contando a história.

Apresentei a ela o Kassin, o Domenico (Lancelotti, músico), almoçamos juntos. De tarde, minha avó vira para mim: “Cadê o todo feio? Aquele do oclinhos, todo feio”. Eu falei: o Kassin tá lá na rua tomando uma fresca (risos). Quando ele voltou, a gente encarnou muito. Sabia que ele adorou? Ele se sentiu olhado, ficou feliz. Até hoje quando a gente brinca falando disso, ele ri e diz: ‘Eu gostava quando ela me chamava de todo feio’. (...) Ela era ferina mesmo, e muito sagaz. Percebia as coisas e falava na cara, diretamente, deixava todo mundo sem saber como reagir. Ela tinha essa característica de falar mesmo e prestar atenção em

---

<sup>22</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em 2014

tudo. Era boazinha porque era uma pessoa boa, mas não era fofinha. Era bem direta e bem marcante, bem forte. Essa característica deixa saudades. A gente sente falta, porque tinha alguém que estava de olho, que prestava a atenção profundamente, não superficialmente. Você se sente protegido, cuidado<sup>23</sup>.

Moreno também se diverte lembrando de um encontro entre os dois no Teatro Castro Alves, em Salvador. A avó estava sentada em uma cadeira e o neto se ajoelhou, carinhoso, para abraçá-la. “Você está careca!”, ela exclamou, cortando a cena melosa. “Outra vez, cheguei em Santo Amaro com uma namorada, apresentei e ela falou: ‘Cada ano uma?’, na cara da menina”, Moreno conta, rindo. Se alguma vez se aborreceu com os comentários afiados da avó? “Não me lembro de ficar chateado, a gente dava muita risada”.

Como a matriarca dizia o que pensava, não tinha papas na língua, quando vinha um elogio ninguém duvidava de que fosse sincero. Moreno diz que era raro ver a avó em seus shows. Quando ele fez uma apresentação ao ar livre em Santo Amaro da Purificação, Dona Canô foi assistir. Depois, em casa, virou-se para o neto e disse: “Meu filho, até que você leva jeito”.

### **É proibido proibir**

Sempre atenta, a tudo e a todos a sua volta, a matriarca foi uma figura fundamental em momentos delicados da vida dos netos. Maria Clara, a Lala, primeira das três filhas de Mabel, tinha 18 anos quando engravidou do namorado, com quem ainda viria a se casar. Se houve algum olhar de reprovação, ele não veio da avó. Ao contrário. Quando recebeu a neta na porta de casa, em Santo Amaro, Canô abriu os braços: “Minha filha, essa casa é de meu bisneto”, disse. Jorge sempre teve pela avó um amor “exagerado” como diz Maria Clara. “É um amor do tempo da barriga. Tenho certeza de que ele sentiu o acolhimento daquele momento. Ela acolheu minha gravidez com muita sabedoria”<sup>24</sup>.

As portas da casa branca com janelas e portas azuis, da Rua do Amparo 179, sempre estiveram abertas para os amigos dos filhos, netos, bisnetos. Para namorados e namoradas. Para a dona da casa, não importava se os parceiros eram do mesmo sexo, ou não. Todos eram recebidos da mesma forma. Tratada com

---

<sup>23</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa do entrevistado, em Salvador, em 2015

<sup>24</sup> Em depoimento à autora, na casa da entrevistada, em Salvador, em 2015



total naturalidade, a opção sexual de cada um tampouco era um assunto que precisasse ser conversado, discutido. Jorginho, o bisneto, conta:

Não tinha esse papo de juntar a família e dizer: ‘Olhe mãe, eu sou gay’, como acontece hoje. Minha bisavó nunca teve isso. Quando um relacionamento gay da família acabava, ela perguntava: “E o camarada dele? A camarada dela, cadê que não veio?”. (...) Tudo tinha um respeito. Ninguém ficava se pegando no quintal, dando beijo gay, por exemplo. Não era uma militância, era uma coisa normal.<sup>25</sup>

Um verão, Lala chegou na casa da avó com uma grande amiga, que ela chamava carinhosamente de “minha índia”. Passadas as festas de fevereiro, resolveram estender os dias de descanso em Santo Amaro. Com a casa mais vazia, Dona Canô ofereceu um quarto de casal, para que as duas pudessem ficar “mais à vontade”. “Ela achou que eu tinha um caso com a Índia. Achou não, ela teve certeza (risos). Minha amiga achou o máximo”. E a admiração da neta pela avó só fez crescer.

Para a minha avó tanto fazia se o companheiro era masculino ou feminino, se era do mesmo sexo ou se não era. O respeito, a consideração e o tratamento eram iguais. Para ela, era tudo tão natural. Acho isso maravilhoso nela. Minha avó estava longe de qualquer atitude hipócrita. Não sei se conheci alguém tão verdadeira. Era uma mulher sem nenhum preconceito, de verdade. Todos nós temos alguns. Ela, realmente, não tinha. Era uma mulher que com uma cultura muito maior do que quem foi para os livros. Era uma sabedoria de vida. Ela teve uma sabedoria ímpar para lidar com aquelas parentas todas do meu avô (que moravam com eles). Acho que eu ia odiar aquilo. Ela não. Ganhou elas todas, ficaram apaixonadas por ela.<sup>26</sup>

Quando fala da própria sexualidade em sua autobiografia, Caetano também comenta sobre o respeito dos pais pela opção sexual (e também pessoal e profissional) de cada um (VELOSO, 1997, p. 475 e 476).

Por um lado, apesar de ter tido desde a pré-adolescência paixões intensamente sexualizadas por meninas (e a princípio exclusivamente por meninas), sei que nem a mulher nem o homem são, em princípio, antieróticos para mim; por outro, estou seguro de que não teria negado entregar-me de corpo e alma a uma história de amor com um rapaz por quem também me apaixonei aos dezenove anos, caso ele estivesse igualmente aberto afetivamente para mim - e não tenho sombra de dúvida de que tal decisão, se tomada com limpidez, teria recebido apoio carinhoso de meus pais, velhos interioranos católicos de vida conjugal sem mácula, que impuseram fundo senso de integridade mas nenhum papel obrigatório (de qualquer ordem: profissional, social, sexual) a seus filhos.

<sup>25</sup> Em entrevista à autora, realizada em Salvador, na casa de Mabel Veloso, no ano de 2015

<sup>26</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa da entrevistada, em Salvador, em 2015

J. Velloso também ressalta a naturalidade com que seus avós maternos encaravam as mudanças geracionais e aceitavam o novo, o diferente. Ele lembra que, na infância, nunca viu um olhar de reprovação ou espanto quando, no fim dos anos 60, no auge do movimento tropicalista, seu tio Caetano chegava com seus cabelões black power, as batas multicoloridas, colares, brincos.

Para mim era um choque, mas quando via minha vó e meu avô normais, pensava: tenho que me enquadrar (Jota ri). Ela respeitava porque aquilo não tinha nada de desonesto, de incorreto. O moralismo não tinha espaço, sabe? O falso moralismo... E eles passaram isso para os filhos todos<sup>27</sup>.

Moreno faz coro com o primo:

A naturalidade dela com todos os acontecimentos, dos mais malucos que fossem, na família era total. Todos nós achávamos essa naturalidade impressionante, e ficávamos felizes com isso.

Prima de Moreno e Jota, a cantora Belô Velloso, filha de Mabel, completa:

Minha avó sempre apoiou a individualidade, as decisões, as atitudes e as vontades de cada um de nós. Fossem elas quais fossem. Minha avó nos aceitava. (...) Ela era uma mulher moderna, de energia e de respeito absurdo pelo outro. Ela tinha interesse pelo outro. “Meu filho me trouxe uma coisa nova, minha filha me trouxe uma coisa nova, isso me interessa”. Não tinha preconceito nenhum com ninguém. Tinha amor pelo outro... E foi assim a vida toda.

Caetano comenta sobre abertura para o novo que via tanto em Dona Canô quanto em Seu Zezinho quando conta que, após acompanhar Bethânia no início da carreira no Rio, quando o show Opinião foi para São Paulo, falou ao pai sobre a possibilidade de deixar Bethânia sob a responsabilidade do diretor Augusto Boal. Ele, depois de conhecer o diretor pessoalmente, concordou (VELOSO, 1997, p. 81).

Meu pai não era de modo nenhum um homem rígido - e de fato mostrou-se extremamente receptivo às escolhas, limitações e peculiaridades tanto profissionais quanto existenciais dos filhos, exigindo apenas que tudo sempre se desse com respeito e honestidade. Ele e minha mãe, ambos nascidos em Santo Amaro no início do século e tendo vivido sempre ali, nunca reagiram às mudanças comportamentais por que o mundo passou enquanto nós crescíamos, embora nunca tivessem se identificado - nem permitido que nós nos identificássemos - com a vulgaridade que vinha no bojo dessas transformações.

---

<sup>27</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa do entrevistado, em Salvador, em 2015

Gilberto Gil diz lembrar-se de ver a matriarca tratando dessas “diferenças geracionais, de hábitos e comportamentos” com muita naturalidade. Mas também com boa dose de ironia.

Ela tinha muito humor, muita espirituosidade. Fazia comentários engraçados. Brincando, marcava as diferenças, deixando claro como os tempos tinham mudado, como os hábitos e a forma de convívio eram outros. Tudo isso ela compreendia exatamente assim: como uma sequência natural da vida. Era muito atenta às diferenças, às idiossincrasias, às especificidades de comportamentos. As observações que fazia tinham esse tom, da agudeza de percepção. Mas sem nenhuma censura. Eu gostava muito dela, e ela de mim<sup>28</sup>

Desde criança, Dona Canô não se enquadrava nos padrões machistas de sua época, como atesta Monsenhor Gaspar Sadoc, amigo de infância com o qual ela conviveu a vida inteira.

Ela era dessas meninas altaneiras, que rompiam com os preconceitos daquele tempo. Brincava com os meninos, com as meninas, jogava bola na rua, pintava o sete. Canô era uma beleza de gente. Era dessas religiosas puras, solidária, não tinha preconceito. (...) Os filhos foram educados no rigor. Ela inspirava o marido nos trabalhos que fazia. Canô era a alma da casa. Até hoje, a gente sente nos trabalhos que os filhos fazem a influência de Canozinha. Ela gostava de tudo de bom, boa música, boa conversa, sabia muito bem atravessar os caminhos difíceis. Era uma mulher forte, muito forte, e de uma inteligência fora do comum. Era uma pessoa extraordinária.<sup>29</sup>

Dona Canô foi a primeira mulher a dirigir um automóvel em Santo Amaro da Purificação. Também a primeira a usar calça comprida. E uma calça masculina, que, segundo Rodrigo, “pegou emprestada do tio Sinhô” (como era conhecido João Gualberto da Silva, marido de Joana, a Geni, irmã de Canô). Era uma mulher “porreta”, como se diz no Nordeste.

Ela tinha um prumo. Ao mesmo tempo em que era muito doce, era brava e firme. Tinha uma força de personalidade tão estruturada. E construiu a vida dela de uma forma inovadora, transgressora. Mesmo não tendo virado artista, como os filhos, ela já era, em termos de vida, uma mulher muito transgressora, uma criadora, digamos assim, dentro do âmbito dela, diz Regina Casé<sup>30</sup>

Para o neto J. Velloso, Canô e Zeca não se enquadravam no modelo de casal de sua época.

---

<sup>28</sup> Em entrevista à autora, por telefone, em 2015

<sup>29</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Salvador, no ano de 2015

<sup>30</sup> Em entrevista à autora, no Projac, Centro de Produção da TV Globo, no Rio de Janeiro, em 2015

Era um casal diferente. Minha vó com essa liberdade dela e com esse envolvimento com a arte. Meu avô era um homem moderno. Não era aquele machão, como era o normal (na época dele) e ainda na minha geração. Então, ele já diferente. E eles fizeram com que os filhos, que são completamente diferentes entre si, tivessem a liberdade de ser diferentes. Essa liberdade é demais.

### **Senhora, e agora, me diga aonde eu vou**

Foi Dona Canô quem apontou uma saída quando Jota se viu numa encruzilhada profissional. Formado em veterinária, ele recebeu uma ótima proposta de trabalho, em uma fazenda de uma grande empresa de leite, na região serrana do Rio. Bom salário, perspectiva de crescimento profissional. Mas ele não queria ir. Não gostava da ideia de ficar longe de Salvador, da família, dos amigos, da namorada que tinha na época. Mas se achava na obrigação de aceitar a proposta, principalmente por causa da ajuda financeira que tinha recebido dos pais e da tia Maria Bethânia, para se formar. Chegara a sua hora de ajudar nas despesas da casa. O resultado foi uma tosse intermitente, que não passava. Sintoma do nervosismo, que Clara logo diagnosticou. "Se não quiser ir, não vá", aconselhou. Mas o que dizer ao veterinário que tinha lhe feito o convite? "A gente diz o que quiser", a mãe encerrou o assunto.

Dona Canô entra em cena com a solução. "Venha abrir um consultório em Santo Amaro", sugeriu. Antes de ouvir uma resposta, anunciou: "Já aluguei a sala". Não só tinha conseguido o espaço, como acertado uma ajudante para o neto. Quando chegou à cidade, Jota descobriu que a tal sala era o quarto da casa de uma conhecida de Dona Canô, uma senhorinha. "Ela era surda. Pensei: 'meu Deus, será que ela está entendendo que é um consultório veterinário?!'. Por via das dúvidas, achou melhor deixar claro: 'Dona Dedé, vai ter bicho, cachorro, gato entrando na sua casa'. Ela dava risada. "E eu não sabia se a risada era de quem está entendendo ou de quem não está ouvindo nada. Pensei: seja o que Deus quiser", conta. Deu sorte. Entraram os cachorros, os gatos e dona Dedé continuou rindo.

A avó ainda conseguiu para Jota um emprego na Prefeitura da cidade. Os anos que passou em Santo Amaro da Purificação, ele morou na casa da matriarca. Fez amizade com artistas locais e começou a se envolver com música. Acabou abandonando a veterinária para seguir carreira como cantor e compositor. Quando

gravou seu primeiro álbum, lá estava Dona Canô para, mais uma vez, apoiar a escolha do neto. Ela participa, cantando uma música que ensinou aos filhos, netos e bisnetos para a hora do brinde nas festas: “Saudemos aos nossos amigos/ Que é da nossa, que é da nossa obrigação/ Se assim fôra, se assim não fôra, saudemos de copo na mão”. Nos aniversários, no lugar de “nossos amigos” entrava o nome do aniversariante.

Assim como acolheu a neta Lala em um momento delicado da vida (a gravidez aos 18 anos) e ajudou Jota a sair de sua encruzilhada profissional, Dona Canô estendeu seus braços acolhedores aos moradores menos favorecidos da cidade que amava. Ajudou muita gente, silenciosamente. Os próprios filhos se surpreenderam, após a sua morte, com a quantidade de gente que veio contar que era ajudada por ela. Rodrigo conta:

Depois que ela morreu descobrimos tanta coisa que ela fazia e a gente não sabia: uma pessoa para quem pagava o aluguel, uma criatura para quem a vida inteira deu o gás e um dinheiro para as despesas, cestas básicas... Conseguiu patrocínio para o coral, que acabou após a morte dela. Muitas, muitas coisas que nós nem sabíamos<sup>31</sup>.

Outras iniciativas da matriarca viraram tradição: toda Sexta-feira Santa, ela mandava comprar peixes e distribuía para as pessoas, na porta de sua casa, ou mandava seu motorista entregar, nos bairros mais pobres da cidade. Mabel conta de uma vez em que Dona Canô, numa conversa por telefone com Maria Bethânia (a filha costumava ligar duas vezes ao dia para falar com ela), disse que estava triste porque, naquele ano não tinha conseguido comprar tantos peixes quanto gostaria, para distribuir. “No ano seguinte, Bethânia mandou várias caixas de peixe. Teve fila na porta da casa da minha mãe. Ela gostava muito de ajudar”.

Florisvaldo Lima da Silva, o Nem, que foi motorista de Dona Canô por 30 anos, se lembra muito bem dessas caixas de peixes que Bethânia mandou de Salvador para Santo Amaro.

Eu me desdobrei para distribuir esses peixes. Chegaram em cima da hora, e eu sozinho, Dona Canô disse: “Se vire”. Em vez de pegar o carro dela, peguei minha caminhonete, chamei um amigo e corremos para distribuir. Mas dava tudo certo. Só de ver a alegria dela quando a gente chegava... Eu nunca contava quando faltava e o povo ia atrás da caminhonete correndo, pedindo mais. Não ia contar,

---

<sup>31</sup> Em entrevista à autora, realizada na casa do entrevistado, a mesma onde Dona Canô viveu, em Santo Amaro da Purificação, no ano de 2015

né? Era capaz de ela querer comprar até mais para eu levar. Dona Canô era demais!<sup>32</sup>

As cestas com alimentos não eram distribuídas só na Semana Santa. Nem conta:

Ela fazia isso todo mês. Eu ia para os bairros mais pobres de Santo Amaro e entregava as cestas básicas. No início ela ia, depois (com ela já mais idosa) eu levava sozinho, às vezes com Rodrigo. Entregava para os mais necessitados mesmo: na Entrada da Pedra, na Caieira, no Dendê, nas casas na beira do mangue. Ela fazia muita caridade. O povo do mercado adorava Dona Canô. Ela ia para o mercado só para dar dinheiro às pessoas. Comprava calça para dar aos outros, vestido... Pagava água, luz, aluguel. Ela ajudava muita gente.<sup>33</sup>

Nem trabalhava numa funerária e fazia bico dirigindo para Dona Canô e Seu Zezinho, principalmente para viagens curtas, como quando iam para Salvador. Ele acabou saindo do emprego, sendo contratado para trabalhar como motorista de Dona Canô, com carteira assinada e, depois de um tempo, seu salário passou a ser pago por Maria Bethânia. Ele se diverte contando que, em Santo Amaro, é conhecido como “Nem de Dona Canô” ou “Nem Velloso”. E tem uma gratidão imensa pela matriarca.

Foi muito bom trabalhar para Dona Canô, ave Maria!. Ela me ajudou a criar os meus filhos. Tenho três. Ela pagava o colégio deles, o aluguel da minha casa. Santo Amaro perdeu muito com a morte dela. Era fantástica. Uma pessoa muito boa, que não discriminava ninguém. O povo adorava ela. As pessoas vinham a Santo Amaro não por causa de Caetano e Bethânia, não. Era por causa de Dona Canô.<sup>34</sup>

Quando batiam à porta de sua casa em busca de ajuda para comprar um medicamento, Dona Canô conferia a receita e ligava para a farmácia, onde tinha conta, autorizando a compra, em seu nome. Muitas vezes, pedia a Nem que fosse comprar. Ele conta:

Eu ia buscar os remédios, à vezes com a própria pessoa que estava pedindo, e assinava a notinha. Quando ia pagar no fim do mês, era um bolo assim de notas, uns R\$ 1.200, uma fortuna. A mesma coisa no armazém de Mamede.

---

<sup>32</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Santo Amaro da Purificação, em janeiro de 2020

<sup>33</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Santo Amaro da Purificação, em janeiro de 2020

<sup>34</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Santo Amaro da Purificação, em janeiro de 2020

Os filhos não deixavam que nada lhe faltasse. E Dona Canô usava boa parte do dinheiro da pensão que passou a ganhar após a morte do pai para ajudar a quem precisava.

O auxílio nem sempre era financeiro. Com sua influência, conseguiu trabalho para muita gente. Ela escrevia cartas de recomendação para cargos na prefeitura, órgãos do governo, fábricas instaladas na região.

Menino pobre de Santo Amaro que Dona Canô viu crescer, fã de Caetano Veloso e Maria Bethânia, Edson Nascimento dos Santos, o Mendão, se aproximou da família na adolescência e virou habituê da casa dos Velloso. Ele foi testemunha do esforço de Dona Canô para ajudar as pessoas a conseguir um emprego. A matriarca o chamava para datilografar as missivas que ditava. Algumas foram parar na mesa de governadores, como Antonio Carlos Magalhães e Otto Alencar. Mendão se impressionava com a influência da embaixatriz de Santo Amaro da Purificação. “Todas as pessoas para quem eu datilografei as cartas voltaram aqui para agradecer por terem conseguido o emprego<sup>35</sup>”, conta.

Mendão também se lembra de ver a casa cheia de doações que vinham do governo do estado para Dona Canô distribuir entre os mais necessitados.

Na gestão do César Borges (governador da Bahia entre 1999 e 2002), ele mandava um monte de coisas: cadeiras de rodas, muletas, colchonetes, cestas básicas e também kits para bebês. Dona Canô marcava um dia para as grávidas de Santo Amaro buscarem esses kits. Nem se incumbia de ir avisando na maternidade, no albergue, nas creches... Então, aparecia muita gente. As mulheres faziam fila no corredor. Uma vez, Nem viu uma delas curvada, gemendo e, ligeiro, chamou “Dona Canô, Dona Canô, a mulher está gemendo ali porque partiu a bolsa”. Dona Canô disse para ele pegar o carro, levar a criatura para a maternidade e só voltar com notícias depois do parto e de ver o que ela estava precisando<sup>36</sup>

Mendão gostava de estar ao lado dela. Batia ponto na casa de Dona Canô todos os dias. Só se afastava um pouquinho quando chegavam os ídolos, por “timidez”. E jamais vai esquecer de uma conversa que teve com a matriarca, já nonagenária, naquele mítico quintal do Recôncavo. Estava deprimido com a morte

---

<sup>35</sup> Em entrevista à autora, na casa de Rodrigo Velloso, onde viveu Dona Canô, em Santo Amaro da Purificação, em 2015

<sup>36</sup> Em entrevista à autora, na casa de Rodrigo Velloso, onde viveu Dona Canô, em Santo Amaro da Purificação, em 2015

de uma irmã, vítima de câncer de mama, após um ano e oito meses de luta contra a doença.

No que a gente começou a conversar, ela com aquela vozinha mansa, doce, baixa, eu comecei a me emocionar e a chorar. Dona Canô falou da vida, de como viveu todos os tropeços, os empurrões que a vida deu, e se manteve de pé. Sentadinha aqui ela me disse assim: "Você está pensando que eu não me lembro de Zeca todos os dias?. Lembro com a mesma saudade"<sup>37</sup>.

Quando viu o rapaz de cabeça baixa, enxugando as lágrimas, Dona Canô se levantou, pediu que ele esperasse um pouquinho, e voltou de dentro de casa com um presente: o DVD Maria Bethânia – Música é Perfume (documentário sobre a Abelha Rainha, do francês Georges Gachot, lançado em 2005, pela Biscoito Fino). A filha, como costumava fazer com todos os seus lançamentos, tinha mandado algumas cópias para ela. A matriarca distribuiu entre as amigas e guardou apenas três. "Sabia que esses três eu iria ofertar de uma forma especial. Quando estiver pensando em sua irmã, assista. Vai aliviar a sua dor", disse. Mendão desabou a chorar. E perdeu as contas de quantas vezes assistiu ao DVD.

Ouvindo, eu me desafoguei. É lindo. E aquele tem algo diferente de todos os outros, porque tem o trabalho de Bethânia e o dedo de Dona Canô. Ela me deu como forma de apaziguar a minha dor, a minha tristeza, de enxugar as minhas lágrimas.<sup>38</sup>

Mendão foi testemunha da popularidade de Dona Canô. Viu uma grande quantidade de ônibus estacionar à porta da casa da Rua do Amparo, com turistas ou estudantes ávidos por conhecê-la. E a matriarca fazia questão de receber a todos. Mesmo quando já estava numa cadeira de rodas.

Uma vez, foram dois ônibus de uma faculdade de Ilhéus. Os estudantes desceram e fizeram uma roda na calçada, em volta da ilustre embaixatriz de Santo Amaro da Purificação. Todos quiseram posar para fotos com ela, que até perdeu o horário sagrado do almoço naquele dia.

---

<sup>37</sup> Em entrevista à autora, na casa onde Dona Canô viveu, em Santo Amaro da Purificação, no ano de 2015

<sup>38</sup> Em entrevista à autora, em 2015, na casa de Rodrigo Velloso, a mesma onde viveu Dona Canô



Já com cem anos, Dona Canô se impressionava com a quantidade de gente que batia à sua porta. (FREITAS e ASSIS, 2009, p. 173)

Vem muita gente me visitar aqui, muita gente para tirar retrato. Ônibus de 40 pessoas, todos tiram. E quando vem criança, que as crianças todas querem tirar? Ah, meu filho! Você não sabe a minha batalha. Eu queria saber por quê. (...) E vem gente do Brasil e do estrangeiro. Ontem, foi alemão. Um grupo enorme de alemães. (...) Quando chegam chorando porque estão me vendo, eu fico louca. Se ajoelham e choram. Eu fico morta. “Pelo amor de Deus, levante. Não fique ajoelhada, não”, eu peço. (...) Não sei se o fato de eu ser mãe de dois artistas famosos, aliás três - Mabel está muito elogiada agora, os jornais agora vieram fazendo grandes elogios a ela -, faz as pessoas terem muita consideração por mim, isso eu não sei. (...) Como eu digo sempre: não sei qual é o meu merecimento.

A casa onde Dona Canô viveu ainda atrai turistas até hoje, mais de sete anos após a sua morte. Rodrigo, que continua morando lá, recebe os visitantes, curiosos por conhecer o espaço onde a matriarca morava. Também continuam batendo à porta da casa da Rua do Amparo pessoas em busca de ajuda, como aconteceu incontáveis vezes quando ela estava viva.

O que vem de gente aqui na porta me pedir coisa, você não pode imaginar. Uma senhora bateu aqui e disse: “Ô, seu Rodrigo, o senhor não sabe a falta que Dona Canô me faz. Estou dormindo em um papelão. Saí e trouxe um colchão nas costas para ela. Antigamente, tinha um menino que trazia a feira, minha mãe adorava ele. Todo aniversário dava roupa para ele vir à festa dela. Há pouco tempo, ele me procurou. Já está um homem, tem até filho. Disse que estava precisando que eu o apresentasse a um pessoal para pedir emprego. Fiz uma cartinha. Toda vez que ele me encontra diz que não sabe como me agradecer. Eu queria poder fazer mais. A gente fica querendo ajudar um pouco<sup>39</sup>.”

E assim o filho tenta dar continuidade ao legado da mãe.

### **Purificar o Subaé**

Dona Canô se transformou em uma liderança em Santo Amaro da Purificação. Muitos políticos foram até lá para beijar a mão da matriarca.

Nos oito anos em que ocupou a Presidência da República (entre 2003 e 2010), Luiz Inácio Lula da Silva foi a Santo Amaro algumas vezes, para visitá-la. O então presidente, no entanto, não pôde viajar ao Recôncavo na badalada comemoração dos 100 anos de Dona Canô, no dia 16 de setembro de 2007. Mas foi no dia seguinte, para dar um abraço na amiga. “Já soube que sua

<sup>39</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Santo Amaro da Purificação

festa foi linda e que a senhora entrou na igreja de braço dado com ACM”, comentou, irônico. A resposta veio rápida. “Foi. Se você tivesse vindo, entrava com você de um lado e com ACM do outro”. Quem haveria de duvidar que ela fosse capaz de quebrar o gelo entre os dois, que sempre estiveram em lados opostos na política, mesmo que por alguns instantes, só para agradá-la?

Alguns anos antes, recebendo convidados na porta da Igreja da Purificação, para sua tradicional missa de aniversário, a matriarca conversava com o ex-governador da Bahia Waldir Pires (que foi ministro da Defesa no governo Lula) quando avistou Antonio Carlos Magalhães, um dos mais notórios inimigos políticos de Pires. Muita gente ficou ali em volta, olhando, curiosa para ver como ela se sairia daquela situação. Mendão presenciou a cena inusitada. Ele conta.

Ela estava conversando com Waldir Pires, aguardando as pessoas chegarem para a missa, quando ACM desponta na entrada da igreja. E agora, que saída Dona Canô vai ter?, era a curiosidade de todos ali. Eu estava muito perto e a ouvi dizer “o senhor me aguarde um pouco que vou receber meu amigo que está chegando”. Ela foi lá, abraçou, beijou, voltou de braços dados com Antonio Carlos Magalhães e deu o outro braço a Waldir Pires. Entrou na igreja com os dois. E eles se cumprimentaram como duas pessoas educadas. Porque ali, naquela hora, havia duas pessoas que eles tinham que respeitar: lá na frente, olhando para eles, Nossa Senhora e cá perto, Dona Canô. Era como se ela dissesse “aqui, não”. Ela era mágica, fazia cada coisa!<sup>40</sup>

Antonio Carlos Magalhães, que foi três vezes governador da Bahia e presidiu o Senado entre 1997 e 2001, mesmo com a agenda cheia, se desdobrava para não faltar aos aniversários de Dona Canô. Todo dia 16 de setembro, fazia questão de estar em Santo Amaro da Purificação, ao lado da mulher, Arlette, para a missa em homenagem à matriarca. Mas, em geral, os compromissos políticos não permitiam que ficasse para o tradicional caruru e a festa no quintal.

Filho de ACM, o advogado Antonio Carlos Magalhães Júnior, que também foi senador e hoje preside a Rede Bahia, afiliada da TV Globo, fala dessa amizade entre a lendária raposa política e a matriarca do Recôncavo Baiano.

O aniversário de Dona Canô era sagrado na agenda dele. Mesmo na época em que estava presidindo o Senado, mesmo com votações importantes, fazia um esforço para ir a Santo Amaro e voltava direto para o aeroporto, para ir para Brasília. Teve ano em que ele não poderia nem ficar para a missa, porque tinha votação importante no Senado, mas foi lá só para cumprimentá-la, bem cedo. Então, meu

---

<sup>40</sup> Em entrevista à autora, em Santo Amaro da Purificação, na casa onde Dona Canô viveu, em 2015

pai tinha uma amizade muito forte com Dona Canô. Quando ele morreu, eu e Neto (Antonio Carlos Magalhães Neto, prefeito de Salvador entre 2013 e 2020) passamos a substituí-lo nos aniversários de Dona Canô. Isso desde o ano da morte de meu pai (no dia 20 julho de 2007) até o falecimento dela (em 25 dezembro de 2012) <sup>41</sup>

Dona Canô não fazia política partidária, como ressaltou Caetano em carta à coluna Fax Brasília, da revista Isto É, reclamando de uma nota que saíra naquele espaço envolvendo o nome de sua mãe.

Eis a nota, publicada no dia 17 de janeiro de 2001:

A mãe do cantor Caetano Veloso, dona Canô, é uma espécie de matriarca de Santo Amaro da Purificação e aliada do cacique Antônio Carlos Magalhães. O problema é que a cidade do Recôncavo Baiano acaba de eleger para prefeito o peemedebista Genebaldo Correia. Pois bem, Genebaldo e dona Canô estão às turras. Organizadora da Folia de Reis de Santo Amaro, no sábado 6, a mãe de Caetano Veloso simplesmente proibiu o prefeito de participar da festa. Quase foram às vias de fato. “Eu não vou discutir com essa velha”, dizia ele. “Eu é que não vou me rebaixar para responder a alguém da sua laia”, retrucava ela<sup>42</sup>.

A carta de Caetano foi publicada no dia 24 de janeiro de 2001.

Li no Fax Brasília nota envolvendo dona Canô, minha mãe, em termos inaceitáveis. Tenho visto minha mãe receber em casa políticos das mais variadas tendências. Ali muitos têm encontrado ensinamentos e exemplos, nunca apoio partidário: Valdir Pires, Lula, ACM, Paulo Souto ou Lídice da Matta, todos aprendem algo com ela. É um abuso a coluna descrevê-la como ‘aliada do cacique Antônio Carlos Magalhães’, insinuando que talvez essa seja a razão de sua suposta oposição ‘ao peemedebista Genebaldo’. Não houve nenhuma briga entre Genebaldo Correia e minha mãe. Ele foi acusado de atos graves pela CPI do Orçamento. Sem provar nada em sua defesa, renunciou antes de ver seu mandato cassado. Mas é o prefeito eleito de Santo Amaro e, como tal, tem de nossa família o respeito que o cargo exige. Ninguém é obrigado a dar mais que isso. Indignado, Caetano Veloso<sup>43</sup>.

Em outro episódio que se tornou público, Dona Canô recriou Caetano quando o cantor, em entrevista a Sonia Racy, de O Estado de São Paulo, ao declarar que apoiaria Marina Silva, caso ela se candidatasse, teria dito, de acordo com o jornal, que ela “não é analfabeta como o Lula, que não sabe falar, é cafona falando, grosseiro”<sup>44</sup>.

<sup>41</sup> Em entrevista à autora, na sede da Rede Bahia, em Salvador, em 2015

<sup>42</sup> Disponível em [https://istoe.com.br/42002\\_FAX+BRASILIA/](https://istoe.com.br/42002_FAX+BRASILIA/). Acesso: 3 de abril de 2020

<sup>43</sup> Disponível em [https://istoe.com.br/41898\\_FAX+BRASILIA/](https://istoe.com.br/41898_FAX+BRASILIA/). Acesso: 3 de abril de 2020

<sup>44</sup> Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-telefona-para-dona-cano-e-perdoa-caetano-veloso.469436>. Acesso: 7 de janeiro de 2020

“Lula não merece isso. Quero muito bem a ele. Foi uma ofensa sem necessidade. Caetano não tinha que dizer aquilo. Vota em Lula se quiser, não precisa ofender nem procurar confusão”, disse a matriarca, de acordo com matéria publicada no jornal Correio, de Salvador<sup>45</sup>.

Ela chegou a declarar que entraria em contato com Lula, pedindo desculpas pelo que o filho dissera. Mas o próprio presidente, que estava em viagem ao exterior, tomou a iniciativa de telefonar para Dona Canô e, ainda de acordo com matéria publicada pelo Estadão, a teria tranquilizado, dizendo para que não ficasse chateada nem preocupada, “pois gosto muito da senhora e do Caetano também”.



Canô e Lula.. Foto: Acervo da família/ Reprodução do mural do Bar do Nem, em Santo Amaro da Purificação

---

45

Disponível

em

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/matriarca-dos-vellosos-dona-cano-deixa-exemplo-de-fe-forca-e-docura/>. Acesso: 7 de janeiro de 2020;

O partido de Dona Canô era Santo Amaro da Purificação. Nas entrevistas, ela sempre chamava a atenção para a terra que amava. Reverenciada pelos políticos, usou seu prestígio para conseguir melhorias para a cidade, como atesta Antonio Carlos Magalhães Júnior<sup>46</sup>:

Como sempre foi uma líder da cidade, as reivindicações vinham através dela. Toda vez que alguma coisa precisasse de peso político ou de uma decisão governamental, Dona Canô apelava para o meu pai. Ela sabia que ele faria de tudo para resolver. Ele sempre a atendia com a maior presteza.

Mabel fala da relação da mãe com Santo Amaro (VELLOSO, 2015, p. 21):

Envelheceu assim... Esperou com muita fé por dias melhores para a sua Santo Amaro e buscou, sem esmorecer, com os políticos, nunca se importando com os partidos ou bandeiras, para que o Subaé voltasse a ser um rio limpo, as escolas tivessem bons professores, a Matriz da Purificação fosse conservada e preservada de todo o perigo, para que a cidade tivesse oferta de empregos, que o povo pobre encontrasse uma forma de se manter sem precisar mendigar uma lata de leite, um remédio para um filho doente. Sempre lutou escondidinha na sua casa, na rua do Amparo, onde procurou amparar quem pedia ajuda. O amor por seu povo, sua terra foi sempre uma força para seu bem viver. Frágil, magrinha, aparentemente impotente, lá viveu ela resolvendo mil problemas, ajudando tanta gente!

Em um de seus poemas, “Mãe Canô”, a escritora lembra as andanças da matriarca, “ligeirinha”, pela cidade. (VELOSO, 2013, p. 145)

Lá vai minha mãe  
ligeirinha,  
caminhando bonitinha  
no seu vestido de linho.  
Lá vai ela para a Igreja  
ou para o mercado,  
sorrindo pelo caminho.  
Coisa linda neste mundo  
é ver minha mãe seguindo  
risonha, sem compromisso,  
respondendo aos “bons dias”  
que todo o povo lhe diz.  
Lá vai minha mãe andando,  
fazendo a gente feliz.  
Em dia de festa ou dor,  
pela cidade inteira  
ela segue sempre forte  
naquela forma brejeira.  
Lá vai minha mãe pra praça  
no seu jeito habitual

<sup>46</sup> Em entrevista à autora, realizada na sede de Rede Bahia, em Salvador, em 2015

com o seu vestido branco  
 para cantar no coral.  
 Lá vai minha mãe à compras,  
 conversando com sua gente  
 elogiando a fatura  
 de tanto araçá-mirim,  
 vai falando bem contente  
 da farinha tão branquinha  
 que compra sempre pra mim.  
 Lá vai minha mãe em frente,  
 preparando com agrado  
 a festa dos seus “noventa”  
 para alegrar cada filho  
 a quem ela - grande estrela -  
 empresta todo o seu brilho.

Ainda falando da relação da mãe com Santo Amaro, Mabel lembra os versos de Manuel Bandeira: “Mais importante do que ter nascido numa terra, é ver a terra nascer dentro da gente”. Mabel escreve: “Minha mãe nasceu em Santo Amaro; aos poucos Santo Amaro nasceu e cresceu dentro dela, e se espalhou em nós, seus filhos, netos e bisnetos”.

A matriarca deixou como herança para os filhos este amor imenso pela terra onde nasceram. “Eles nunca esqueceram de onde vieram nem da mãe que têm”, disse numa entrevista. Gilberto Gil comenta sobre “esse amor extremado por Santo Amaro” que ela passou para os filhos.

Era uma mulher muito ativa, com aquela força enorme de liderança da família, da casa, da comunidade... A inserção dela na vida santamarense era muito forte. Ela aglutinava as pessoas em torno da cidadania, da devoção religiosa, da vida familiar. O resto da família tem esse amor extremado por Santo Amaro: Caetano tem, Bethânia tem, Rodrigo...<sup>47</sup>

Na volta do exílio, Gil e Caetano resolveram passar um tempo em Santo Amaro, para evitar muito assédio. Dona Canô e Seu Zezinho alugaram uma casa para eles ficarem com suas respectivas mulheres, Sandra, a Drão, e Dedé Gadelha, que são irmãs: “Era uma casa ao lado da igreja (de Nossa Senhora da Purificação). Fiz a maior parte de Back in Bahia ali, tocando violão, em almofadas no chão. Depois, terminei a música em casa”, conta Gil.<sup>48</sup>

Lá em Londres, vez em quando me sentia longe daqui

<sup>47</sup> Em entrevista à autora, por telefone em 2015

<sup>48</sup> Em entrevista à autora, por telefone, em 2015

Vez em quando, quando me sentia longe, dava por mim  
 Puxando o cabelo  
 Nervoso, querendo ouvir Cely Campelo pra não cair  
 Naquela fossa  
 Em que vi um camarada meu de Portobello cair  
 Naquela falta  
 De juízo que eu não tinha nem uma razão pra curtir  
 Naquela ausência  
 De calor, de cor, de sal, de sol, de coração pra sentir  
 Tanta saudade  
 Preservada num velho baú de prata dentro de mim  
 Digo num baú de prata porque prata é a luz do luar  
 Do luar que tanta falta me fazia junto com o mar  
 Mar da Bahia  
 Cujo verde vez em quando me fazia bem lembrar  
 Tão diferente  
 Do verde também tão lindo dos gramados campos de lá  
 Ilha do Norte  
 Onde não sei se por sorte ou por castigo dei de parar  
 Por algum tempo  
 Que afinal passou depressa, como tudo tem de passar  
 Hoje eu me sinto  
 Como se ter ido fosse necessário para voltar  
 Tanto mais vivo  
 De vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá

(Back in Bahia, Gilberto Gil)

Os filhos de Canô e Zeca saíam de Santo Amaro para terminar os estudos, já que ensino na cidade só ia até o ginásio. Depois que os mais novos também foram para a capital, o casal acabou indo morar em Salvador, até a morte de Zeca, quando, como já foi dito, Dona Canô resolveu voltar para a terra onde nasceu. Caetano tinha 18 anos quando deixou o interior junto com Maria Bethânia, que ia fazer 14 anos, para morar em Salvador, que no Recôncavo costumam chamar de Bahia. Ele conta que, na época, para espanto de alguns amigos, “não tinha nenhum desejo deixar Santo Amaro, que diz ser “a cidade de que mais gosta no mundo” (VELOSO, 1987, p. 56 e 57):

Eu atava-me à convicção de que, se queria ver a vida mudada, era preciso vê-la mudada em Santo Amaro - na verdade, a partir de Santo Amaro. De todo modo, eu amava a cidade onde todos nascêramos e aprendêramos tudo o que sabíamos até ali - inclusive a sugestão de ousadia transformadora embutida no canto de João Gilberto. (...) Uma cantiga de roda tradicional de Santo Amaro tornou-se o tema oficial desse período de nossas vidas (e, na época, compus uma canção utilizando-a como refrão): Adeus, meu Santo Amaro/Que desta terra vou me

ausentar/Eu vou para a Bahia/Eu vou viver, eu vou morar/Eu vou viver, eu vou morar.

Santo Amaro está presente em composições de Caetano, como “Trilhos urbanos”:

O melhor o tempo esconde  
 Longe muito longe  
 Mas bem dentro aqui  
 Quando o bonde dá a volta ali  
 No cais de Araújo Pinho  
 Tamarindeirinho  
 Nunca me esqueci

Onde o imperador fez xixi

Cana doce, Santo Amaro  
 Gosto muito raro  
 Trago em mim por ti  
 E uma estrela sempre a luzir  
 Bonde da Trilhos Urbanos  
 Vão passando os anos  
 E eu não te perdi  
 Meu trabalho é te traduzir

Rua da Matriz ao Conde  
 No trole ou no bonde  
 Tudo é bom de ver  
 São Popó do Maculelê  
 Mas aquela curva aberta  
 Aquela coisa certa  
 Não dá pra entender  
 O Apolo e o Rio Subaé  
 Pena de pavão de Krishna  
 Maravilha vixe Maria mãe de Deus  
 Será que esses olhos são meus?  
 Cinema transcendental  
 Trilhos Urbanos  
 Gal cantando o Balancê  
 Como eu sei lembrar de você

Dona Canô ficava feliz em ver em seus descendentes o amor por sua terra, para ela, “o melhor lugar do mundo”, como me disse em uma entrevista para o jornal Correio, em Salvador. O bisneto Jorginho Velloso conta que seu amor pela cidade sempre foi ligado a sua bisa.

Todo verão eu ia para Santo Amaro. Sempre gostei muito da cidade, da casa, da maneira como eu era tratado, da movimentação da casa, da doçura de minha bisa, do controle de tia Nicinha com tudo. Nasci em Salvador e Santo Amaro sempre me deu uma liberdade muito grande. Minha bisa sempre por ali, sempre observando e tal. Ela só sumia à tarde. A casa toda ficava muito calma depois do



almoço, não se via ninguém, parecia outra casa. No final da tarde, voltava tudo de novo. Quando fiquei adolescente, meu amor por Santo Amaro continuou, e esse amor sempre foi ligado a minha bisá. Sempre fiquei na casa, até hoje fico, faço questão. É uma loucura: gente, gritaria, você não dorme direito, é calor. Sempre foi assim: de não dormir direito, de ter hora para acordar, ter hora para almoçar. Ela gostava de todo mundo na mesa junto e minha avó (Mabel) fazia um controle rigoroso. Santo Amaro, apesar de cidade pequena, sempre teve coisa para fazer até tarde. Um dia, eu cheguei em casa de manhã (na época da festa da cidade), todo arrumado, minha bisá me olhou: “Acordou cedo para ir para a missa? Que milagre”. Eu disse “ô bisá, tô chegando da rua”. Ela deu risada. Ela sempre gostou que as pessoas se divertissem o máximo possível, que comessem o máximo possível. Agora, tinha que acordar para o almoço, esse horário era sagrado. Não tinha esse negócio de acordar às 3h da tarde. (...) Não lembro nunca de minha bisá ter me dado um carão. Nunca a vi brava. Já a vi firme. Mas nervosa, de levantar a voz, nunca. Ela também fazia de um jeito que, como se diz, ninguém se arvorava a gaiato. Quando meu bisavô morreu, eu tinha dois meses, praticamente não o conheci, mas sei que era ela que comandava a casa, ela que era a dona da história<sup>49</sup>.

Quando estavam em jogo os interesses de Santo Amaro, Dona Canô não perdia tempo. Numa das visitas que fez à casa dela, em 2011, Lula, que já tinha deixado a Presidência da República, foi acompanhado pelo então governador da Bahia, Jaques Wagner, a quem Dona Canô entregou um estudo sobre a despoluição do Rio Subaé.

A poluição do rio que corta Santo Amaro e que era uma das grandes preocupações da matriarca ganhou uma música, em tom de protesto, de Caetano Veloso, gravada também por Maria Bethânia.

Purificar o Subaé  
Mandar os malditos embora  
Dona d'água doce quem é?  
Dourada rainha senhora  
Amparo do Sergimirim  
Rosário dos filtros da aquária  
Dos rios que deságuam em mim  
Nascente primária  
Os riscos que corre essa gente morena  
O horror de um progresso vazio  
Matando os mariscos e os peixes do rio  
Enchendo o meu canto  
De raiva e de pena

A pedido da matriarca, Antônio Carlos Magalhães intercedeu para que fosse feita uma reforma na Igreja de Nossa Senhora da Purificação. O templo

<sup>49</sup> Em entrevista à autora, na casa de Mabel Velloso, em 2015

estava em um estado tão crítico que um reboco despencara do teto, em cima do altar. ACM, então ministro das Comunicações do governo Sarney, intercedeu para que a obra fosse feita. E, claro, estava lá para a festa de inauguração. Cercado por repórteres, câmeras de TV, populares, já dentro do templo, disse a Dona Canô: ‘Está aí, a senhora me pediu, eu fiz’. Ela, sempre rápida: “Não, o senhor é que me prometeu...”, como que para deixar bem claro que não ficaria devendo nenhum favor ao político poderoso.

Eram velhos amigos. E tinham enorme carinho um pelo outro. Tanto que a matriarca deixou de ler o A Tarde, na época o maior jornal de Salvador, que o filho Rodrigo tinha assinado, porque não gostou de reportagens sobre o escândalo que ficou conhecido como “grampos de ACM”: escutas telefônicas ilícitas que teriam sido realizadas a mando do então senador, em 2002. Só voltou a ler o periódico depois da morte de político, em 2007.

A matriarca também gostava muito de Dona Arlette, mulher de Antonio Carlos. Tanto que, em um de seus aniversários, fez uma homenagem a ela, na tradicional missa, na Igreja da Purificação. Como era ano de Olimpíadas, os filhos tiveram a ideia de mandar confeccionar medalhas com os nomes de todos eles, dos netos e bisnetos. Cada um colocaria uma medalha no pescoço da aniversariante, durante a homilia.

No fim de seu discurso, Dona Canô anunciou que gostaria de homenagear a um dos presentes. Olhou para o casal Magalhães, que estava na primeira fileira, e, para surpresa de muita gente, que achava que ela estivesse se referindo ao amigo poderoso, chamou Dona Arlette ao altar e lhe entregou uma das medalhas que carregava no pescoço.

No aniversário de 80 anos de Dona Arlette, Dona Canô já estava com mais de 100 anos, mas fez questão de ir a Salvador para a festa. Embora morando em cidades diferentes, as duas estavam sempre em contato. Antonio Carlos Júnior conta: “Minha mãe falava bastante com ela ao telefone. Dona Canô foi muito solidária com minha mãe quando meu pai morreu, ligava constantemente para saber dela. Elas batiam papos imensos ao telefone.”<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Em entrevista à autora, na sede da Rede Bahia, em Salvador, em 2015

Nos anos em que moraram em Salvador, Canô e Zeca nunca ficaram muito tempo sem ir ao Recôncavo. Ele costumava ir uma vez por semana, às quintas-feiras, para fazer feira, andar pela cidade, rever os amigos, participar das reuniões do Rotary. Voltava com sacolas abarrotadas, com frutas, verduras, carne, farinha, bolachas... Em junho, o casal passava o mês inteiro lá. E voltava a Santo Amaro em dezembro, para ficar até fevereiro, após a Festa da Purificação, no dia 2. Isso com um intervalo entre Natal e Ano Novo, que costumavam passar na casa de praia, em Cabuçu, para onde também iam no Carnaval.

Quando a matriarca, após a morte do marido, resolveu voltar a viver Recôncavo, a filha Nicinha foi junto. Não demorou muito para que Rodrigo também fizesse o caminho de volta ao interior.

Na época, já aposentado e dono de uma loja de tecelagem em Salvador, ele viajava a Santo Amaro para visitar a mãe todos os fins de semana. Chegava sábado e voltava no domingo. Dona Canô pediu que passasse a ir na sexta-feira. Depois, começou a insistir para que o filho só retornasse para a capital na segunda-feira. Rodrigo se preocupava, achando que a mãe deveria estar se sentindo muito só. Ficou sem saber o que fazer. Um dia, acordou com a decisão: “Vou largar tudo para morar em Santo Amaro”. Dona Canô já estava com mais de 90 anos e o filho viveu com ela até sua morte, aos 105.

Rodrigo diz que a vida inteira obedeceu à mãe.

Eu, velho, sempre obedeci minha mãe, sempre. Para você ter uma ideia, não saía à noite, para ficar com ela. Quando conseguia sair, era fugido. Certa vez, um amigo abriu um bar, e avisei a ela, uns dias antes, que iria à inauguração, na sexta-feira. Na volta, entrei na ponta dos pés, me deitei ao lado dela, nem me cobri, para que ela não visse que eu tinha chegado quase uma da manhã.

Na inauguração, Rodrigo combinou com outro amigo que, no dia seguinte, fariam “uma farrinha”. Quando a mãe dormisse, avisaria às moças que trabalhavam com ela e daria uma escapada. Só que Dona Canô não foi dormir no horário habitual. Chamou o filho para ver um filme. Quando o amigo bateu à porta, ela foi logo avisando: “Ele hoje não vai sair. Ontem, chegou quase uma

hora da manhã”. Rodrigo obedeceu. “Oxente, eu já era burro velho. Ela já tinha uns 100 anos”, conta.<sup>51</sup>

Hoje, Rodrigo continua morando na mesma casa. E, com os irmãos, se incumbe de manter viva algumas tradições da família. Continua, por exemplo, distribuindo cestas básicas na Semana Santa. Como Dona Canô fazia, os filhos encomendam as cestas a Antonio Mamede Carvalho, de 63 anos, dono de uma mercearia em Santo Amaro, onde a matriarca costumava fazer compras. Seu Mamade conta<sup>52</sup>:

São, em média, 50 cestas básicas, com peixe do bom e do melhor, produtos de primeira qualidade, ela não aceitava que fosse inferior e a gente continua fazendo do mesmo jeito: tem peixe, feijão, arroz, azeite de dendê, leite de coco, tudo o que é necessário. São sempre 50, se aparecer mais gente, vem um bilhete para liberar (risos).

Rodrigo conta que nas cestas que Dona Canô distribuía, velas e fósforos não podiam faltar. “Se morrer, meu filho, tem que ter uma vela pra acender”, ela explicava.

Muitas vezes, quando ia à mercearia de Mamede, Dona Canô sentava para comer um mingau, um mungunzá e para trocar dois dedos de prosa com seus conterrâneos. A mercearia apareceu em uma reportagem sobre a matriarca para a televisão.

Ela me colocou na Globo. Era uma reportagem sobre Dona Canô, sobre a cidade. Apareceu a mercearia, tudo. Não me lembro o ano. (...) Eu devo toda essa clientela a meu esforço e a Dona Canô e à família Velloso. Ela fez muita coisa, ajudou muito a Santo Amaro. Nós temos teatro em Santo Amaro graças a quem? Temos a casa do samba graças a quem? temos outros empreendimentos graças a quem? A Dona Canô. Agora, ela era uma pessoa que não gostava de aparecer. Dr. Antonio Carlos vivia em Santo Amaro, mas aonde ia? Na casa de Dona Canô. Ele trazia benefícios para a cidade através de quem?<sup>53</sup>

Jorge Portugal, compositor, poeta e professor universitário, que foi secretário de Cultura da Bahia, também ressalta a importância de Dona Canô na vida de Santo Amaro. “A energia dela irrigava a cidade, que vivia quase que nessa dependência”. Ele conheceu Dona Canô ainda menino. Seu pai também frequentava o Rotary, como seu Zezinho. Ficaram muito amigos. Moravam na

<sup>51</sup> Em entrevista à autora, na casa onde viveu com a mãe, em Santo Amaro da Purificação, em 2015

<sup>52</sup> Em entrevista à autora, em seu armazém, em Santo Amaro da Purificação, em 2015

<sup>53</sup> Em entrevista à autora, em Santo Amaro da Purificação, em 2015

mesma rua. Jorge ficou amigo de Mabel e virou “uma espécie de agregado” na casa acolhedora dos Velloso. “Vivia lá e seu Zezinho me arrastava para todos os lugares”. Bem mais jovem, Jorge sempre dizia que Canô e Zeca seriam padrinhos de seu primeiro filho, que ganhou o nome de Caetano. Quando ele nasceu, seu Zezinho não estava mais vivo e Dona Canô já tinha 80 anos. Mesmo assim, Portugal cumpriu a promessa.

Algumas pessoas em Santo Amaro disseram: “Ô, Jorge, pense bem no que vai fazer, seu filho pode não conhecer a madrinha. Eu dizia: “Tenho total confiança naquela vida que está ali. Eles vão se conhecer e muito.” E conviveram 25 anos. Já crescidinho, Caetano não ia lá sem levar uma flor para ela. E ela onde quer que fosse, quando viajava, trazia sempre uma lembrança para ele. Foi uma madrinha muito carinhosa<sup>54</sup>.

Ele se impressionava em ver como sua comadre, sempre atenta, sabia de tudo o que acontecia na cidade.

Ela parecia que era onisciente. Às vezes, eu fazia um bate e volta Salvador-Santo Amaro. Quando retornava com mais vagar para o fim de semana e ia lá tomar a benção, ela dizia: ‘Meu compadre, pensei que eu tivesse lhe feito alguma coisa. O senhor esteve aqui e não apareceu na minha casa’. Ela sabia de tudo, de absolutamente tudo<sup>55</sup>.

Como diz Regina Casé, Dona Canô “praticamente entrou para a política, sem ser oficialmente” e fez muito por sua cidade. Regina gravou com ela, em Santo Amaro, um dos episódios de seu programa “Um pé de quê”, para o Canal Futura.

Fui para gravar um programa sobre fruta-pão. Aí, não tinha Caetano, não tinha Bethânia, não era dia de festa. Foi uma coisa só a gente, bem cedinho, indo para a feira. Eu e ela, cada uma com seu mocó (risos). Ela ia ensinar a fazer o bolinho de fruta-pão. Foi um momento que me marcou demais: a ida ao mercado com ela, passando por cada barraca, ela me mostrando todas as qualidades de farinha, todas as qualidades de marisco, todas as pessoas do mercado de Santo Amaro. Eu querendo pegar a sacola e ela: “Não, eu carrego o meu mocó”. Ela já estava bem velhinha, e carregava duas sacolas pesadas, cheias.<sup>56</sup>

A receita do bolinho de fruta-pão está no livro “O sal é um dom - Receitas de Dona Canô”, com texto de Mabel Veloso e fotos de Maria Sampaio, grande

---

<sup>54</sup> Em entrevista à autora, em seu gabinete, na secretaria estadual de Cultura de Salvador, em 2015

<sup>55</sup> Em entrevista à autora, em seu gabinete, na secretaria estadual de Cultura de Salvador, em 2015

<sup>56</sup> Em entrevista à autora, no Projac, no Rio de Janeiro, em 2015

amiga da família. Lançada em 2008, a obra ganhou a segunda edição em 2015 (editora Casa da Palavra). A apresentação é assinada por Maria Bethânia (VELLOSO, p. 7. 2015). Nela, a cantora fala de suas memórias.

Mabel, seu livro lindo como tudo que você faz, escreve, sonha, oferece, é para mim como o beijo do meu pai e da minha mãe na foto de Maria: gostoso, amoroso, suave, sal e açúcar no ponto. Suas memórias, como as minhas, são como noite de São João: tudo aceso e quente, estrelas no chão, devaneios no ar, coração na mão, delícias sobre a nossa mesa, a gratidão a Deus, o amor fraterno, a saúde no prazer. Fomos, somos abençoados, nós, filhos de mãe Canô e pai Zeca, acolhidos nessa mesa, nesse beijo, nesses sabores. Nossa Senhora da Purificação abençoando a alegria no sereno de junho ou no quentinho fevereiro do Recôncavo baiano. Todo dia boa comida! Aprendemos aí todos os gostos, paladares, prazeres para toda vida. Deus nos guarde! Sua benção, Maria Bethânia.

O título do livro vem de uma frase dita por Dona Canô numa conversa ao telefone com o filho Roberto, o Bob, que mora em São Paulo. Ela ditou uma receita e, no fim, ele perguntou: “Mãe, e o sal?. Veio a “resposta temperada”, como escreve Mabel: “Ah, meu filho, o sal é um dom”.

### **Deixa eu dançar, que é pro mundo ficar odara**

Festeiro como a mãe, quando Dona Canô completou 99 anos, foi Rodrigo quem teve a ideia de comemorar o aniversário dela todo mês, sempre no dia 16, até a grande festa do centenário, no dia 16 setembro de 2007. Não era uma festinha improvisada com bolo, guaraná e “parabéns para você”.

As comemorações mensais para celebrar a vida da matriarca perto dos 100 anos eram caprichadas. Cada uma com um tema diferente. Em junho, por exemplo, era o São João, com direito a bandeirolas, quadrilha, fogueira, bolo temático. Em abril, o Dia do Índio. Se fosse perto do Dia de São Roque, o bolo era confeitado com a imagem do santo e não podia faltar pipoca à mesa (no candomblé, São Roque é associado a Omolu - ou Obaluaê - e a pipoca é a principal oferenda a esse orixá).

Rodrigo mandava fazer um vestido novo, branco, para a mãe comemorar seu aniversário mensal. “Tinha samba, música ao vivo, poesia. Se Caetano estivesse, cantava. Uma amiga, Nazaré, fazia dramatizações. Os 16 eram dias maravilhosos”, contou Clara. E foram assim até a matriarca morrer. Ou alguém

achou que, depois de um ano com festa de aniversário todo mês, ela se contentaria com apenas uma comemoração por ano? Depois do festão dos 100 anos, foi logo perguntando como seria comemoração no mês seguinte. E se perto da data não via uma movimentação diferente na casa, reclamava: “Não estou ouvindo Rodrigo falar do meu aniversário”.

Nos aniversários mensais, Rodrigo sempre chamava um saxofonista. “Numa dessas vezes, ele foi saindo e ela: ‘Obrigada, Nossa Senhora ajude que, enquanto você for vivo, venha tocar em meus aniversários’”.

As comemorações pelo aniversário propriamente dito, a cada 16 de setembro, começavam na véspera. Dona Canô convidava algumas pessoas para participarem do corte do quiabo para o tradicional caruru. Cada conviva recebia sete quiabos para cortar. E o clima festivo já começavam ali, com música e dança. No total, eram cortados cerca de 5 mil quiabos para dar conta da quantidade de pessoas que participavam do rega-bofe, que, como disse Caetano, parecia uma festa de largo dentro de casa.

No sempre muito aguardado 16 de setembro, a festa começava cedo, com um lauto café da manhã servido na casa da matriarca, reunindo a família e os amigos mais chegados. Depois, iam todos para a igreja, para a tradicional missa, que até quando a saúde dele permitiu, era celebrada pelo amigo de infância, Monsenhor Gaspar Sadoc. A igreja, toda florida, ficava lotada. Dona Canô assistia à missa rodeada pelos filhos, netos, bisnetos. Mabel sempre escrevia um texto sobre a mãe, para ler durante a celebração.

Em 2007, as comemorações pelo centenário começaram no mês anterior. No dia 10 de agosto, ela recebeu a Comenda Maria Quitéria, da Câmara Municipal de Salvador. “Ela não é apenas a mãe de Caetano e Maria Bethânia, é um dos maiores ícones da Bahia e certamente a personalidade mais importante de Santo Amaro”, disse Valdenor Cardoso, então presidente da CMS, justificando a honraria.

Dona Canô chegou com quatro dos oito filhos - Mabel, Rodrigo, Clara e Irene -, além de netos e bisnetos. Na entrada, foi saudada pela percussão da banda Didá. O neto J. Velloso foi responsável por um dos momentos mais emocionantes da cerimônia, quando cantou a inédita Mãe Canô, composta especialmente para o

centenário da avó. A matriarca foi modesta ao comentar a escolha de seu nome para receber a medalha. “Eu nunca fiz nada, não sei porque estou recebendo essa homenagem”<sup>57</sup>.

Se em todos os aniversários de Dona Canô Santo Amaro da já vivia um clima de feriado, nos 100 anos, a festa parou a cidade. A tradicional missa na Igreja de Nossa Senhora da Purificação foi celebrada não só por Padre Sadoc, mas também pelo então Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Geraldo Magella Agnelo. Dona Canô entrou na igreja lotada ao som de “Luz do sol”, composição de Caetano. Durante a missa, Bethânia cantou para mãe “Maria”, composta por J. Velloso especialmente para o aniversário da avó. A letra, segundo ele, é em homenagem a Nossa Senhora.

Qual seu desejo senhora? Qual seu desejo de mãe?  
 Que forra a minha alma  
 E descubra meu coração  
 Será que é o de me fazer sonhar  
 Com a graça de lhe encontrar  
 Passeando sobre a areia fina  
 E suas mãos meu rosto tocando  
 Ver nos seus olhos a lágrima do mundo  
 E nos seus lábios o riso do perdão  
 No silêncio o sentido profundo  
 De amar sem precisar razão  
 Isso que sinto é o que me faz cantar  
 É o que me faz rezar novenas  
 Ter a senhora em nosso mundo  
 Simplicidade: felicidade plena  
 Toda mulher é Maria sem precisar do nome  
 É uma benção que não tem como mudar  
 Pois foi Deus quem deixou para os homens  
 Esta luz para os guiar  
 Maria, Maria, clareai  
 Os meus dias e minhas noites também  
 Para que eu possa em paz caminhar  
 Sob as graças de Deus amém

Após a celebração, a aniversariante ficou numa tenda armada perto da igreja, recebendo os cumprimentos dos moradores de Santo Amaro. O almoço naquele ano não foi na sua casa, como sempre acontecia. A festa continuou em um hotel. Gilberto Gil, então ministro da Cultura, entregou à Dona Canô uma

---

57

<https://oglobo.globo.com/cultura/dona-cano-mae-de-caetano-bethania-recebe-comenda-em-salvador-4163330>, acessado em 20 de janeiro de 2020



carta do presidente Lula. Em entrevista à Rede Bahia, Gil falou sobre a matriarca<sup>58</sup>. “Para nós é uma beleza que ela tenha chegado aos 100 anos”. Quando a repórter pediu que ele resumisse em Dona Canô em poucas palavras, disse: “Canô é uma pessoa canonizada em vida” (risos).

Regina Casé estava lá e também deu entrevista. “Essa data é importante para o equilíbrio ecológico do planeta”, disse. “Quando tem uma pessoa muito boa, muito legal, ela contribui para que tudo fique legal em volta dela. Não tenho dúvidas de que a Dona Canô é uma dessas pessoas”.

Regina guarda muito fortes na memória imagens do dia em que foi convidada para ajudar a vestir Dona Canô para sua festa de aniversário. Ela conta:

Acho que foi no aniversário dos 101 anos. Ela ainda não estava numa cadeira de rodas. Nos 100 anos, fui com um vestido de renda renascença que ela adorou, ficou apaixonada. Depois, me ligou perguntando onde eu tinha comprado, porque queria para o outro aniversário. Liguei para a pessoa que tinha feito e ela foi a Santo Amaro para tirar as medidas e preparar a roupa para o ano seguinte. Aí, no dia do aniversário, Clara, Mabel e Rodrigo me chamaram para ajudar a vesti-la. Tive essa honra. Eu me lembrava daquele filme da Maria Antonieta, foi a coisa mais parecida com a corte que eu já vi. Com as caixas abertas, mostrávamos as joias para ela escolher. (...) Eu me senti muito honrada de a família ter me concedido essa maravilha que foi participar desse momento.<sup>59</sup>

No mesmo aniversário de 101 anos, Bethânia, na porta de casa, quando saía com a mãe para a missa, deu entrevista à Rede Bahia.<sup>60</sup> “O prazer de festejar 101 anos na cidade dela, com o povo dela, com os filhos, com os amigos, isso é muito forte”, disse. “Ela é uma mulher realizada, um lindo amor, uma grande conselheira. Não precisa nem falar. Ela existir é um conselho extraordinário”.

Dona Canô deu sua receita para uma vida longa e saudável: “É porque eu tenho meus filhos todos, meus netos, meus bisnetos, meus amigos. Porque quem tem filhos bons e amigos bons só pode ter alegria, minha filha”.

Depois da missa, Caetano também deu entrevista à TV, falando sobre a mãe: “Ela é muito alegre, lúcida, uma pessoa calma, feliz. Para nós é uma felicidade, é uma sorte”.

<sup>58</sup> [Dona Canô comemora 100 anos cercada da família e de amigos](#), acessado em 20 de janeiro de 2020

<sup>59</sup> Em entrevista à autora, no Projac, no Rio de Janeiro, em 2015

<sup>60</sup>

<http://g1.globo.com/bahia/bahia-agora/videos/t/edicoes/v/no-aniversario-de-101-anos-dona-cano-revela-segredo-de-uma-vida-longa/2230646/>, acessado em 7 de janeiro de 2020

José Velloso, o Zeca de Canô, morreu aos 83 anos, mas também ganhou festa em celebração a seu centenário. A ideia foi de Rodrigo, que herdou da mãe a veia festeira. Ela, claro, topou na hora. A festa foi no famoso quintal de Santo Amaro. Como o pai amava poesia, Rodrigo contratou um grupo de mulheres que entregavam flores e declamavam poemas nos bares do Pelourinho. Rodrigo, que seu autointitula o “festeiro-mor” da família, conta:

Foi lindo. Fizemos um jantar dez estrelas, cobrimos essa casa de rosas. Teve música, cada filho declamou uma poesia. Clara escolheu uma que dizia “minha mãe a quem devo o que sou”. Não conseguiu recitar (de tão emocionada).<sup>61</sup>

Dos 100 aos 105 anos, Dona Canô comemorou mensalmente a alegria de estar viva, cercada do amor da família e dos amigos. As festas mensais a cada dia 16 não foram interrompidas nem após o tombo que a deixou numa cadeira de rodas, quando já estava com 101 anos. Em seu quarto, tropeçou, caiu e fraturou o fêmur e uma vértebra. Tinha osteoporose e, por causa da idade avançada, os médicos, com a anuência dos filhos, decidiram não submetê-la a uma cirurgia.

Dona Canô nunca mais andou. E mais uma vez, surpreendeu com sua capacidade de adaptação. O bisneto Jorge Velloso lembra: “Quando ela quebrou a perna, pensamos: nossa, será que vai se adaptar à cadeira de rodas? Achávamos muito difícil. Ela se adaptou na mesma hora. A festa, a vontade de viver eram muito presentes nela”.

Fernando Khouri, médico amigo da família, foi chamado a Santo Amaro quando ela levou o tombo, e acompanhou tudo. Ele também é testemunha de como a matriarca centenária se adaptou perfeitamente à cadeira: “O que ela queria era viver”. Rodrigo faz coro: “Na cadeira de rodas, em cima de uma cama, ela queria era estar viva. Não reclamava de nada”, diz.

Depois do tombo, Clara foi para Santo Amaro e passou quatro meses morando lá, para ajudar Rodrigo nos cuidados com a mãe, que passou um bom tempo sem poder levantar da cama. Tocava uma campainha e os filhos corriam para atendê-la. Dona Canô quebrou o fêmur dias antes da data marcada para o casamento do bisneto Jorginho. Mesmo de cama, não quis transferir a festa, que aconteceria na sua casa, para outro lugar.

---

<sup>61</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, a mesma onde viveu Dona Canô. em Santo Amaro da Purificação, em 2015

A matriarca, mais uma vez, surpreendeu a família com sua força e capacidade de adaptação. Só se recusou a usar o colete que os médicos recomendaram. Aí, era demais. “Nunca usou”, contou Clara. Como ela estava com uma vértebra fraturada, era difícil vesti-la. Um dia Clara teve a ideia de descosturar as costas do vestido para que ele entrasse mais fácil. “Isso é pra mim?”, perguntou. “Isso é pra defunto, minha filha”, reclamou. E não usou o vestido. “Não houve jeito. Era um trabaaaalho para vestir minha mãe”.

Vaidosa, ela gostava de se enfeitar. Estava sempre com os cabelos presos em um coque impecável. E, como conta Clara, “mudava de brincos todos os dias”. Adorava bijuterias. “Para cada noite da novena de Nossa Senhora da Purificação, ela usava uma joia diferente”, conta a neta Ju Velloso, produtora cultural, filha de Mabel. “E nunca vi uma pessoa tão cheirosa”. Já na cadeira de rodas, usava delicados sapatos bordados ou de crochê, feitos especialmente para ela. Amava uma medalhinha de Nossa Senhora Aparecida. Vivia com ela no pescoço. Clara se divertiu contando do apego da mãe à tal medalhinha, já no fim da vida.

Eu não sei quem deu aquela Nossa Senhora Aparecida para ela, ela não tirava do pescoço. E foi para o hospital com aquilo (quando estava perto de morrer). Quando eu cheguei, a corrente estava pendurada no suporte do soro. Botei em mim. Ela estava com oxigênio não podia falar direito. Fez um gesto apontando para a corrente. Disse: “Não tomei para mim não, minha mãe” (risos). Quando ela morreu, disseram para eu ficar com a medalha. Eu disse “não!, ela me olhou de um jeito!” (risos).

Os filhos têm uma coleção de histórias sobre a impressionante resiliência da mãe. Rodrigo conta:

Minha mãe nunca tinha feito uma ressonância magnética na vida. Teve de fazer com 105 anos. Fui conversar com ela. Falei sobre o exame. Expliquei que era desconfortável, que ela ia entrar em um tubo, e lá se foi ela. Quando saiu: “E aí, mãe?”. Ela: “Exagero! A sensação era de que eu estava ouvindo música”.

Clara falou da primeira vez em que a mãe foi obrigada a usar fraldas:

Quando ela teve que ficar na UTI, pensei: “Minha nossa senhora, vão botar fralda nela. Vim para casa e não dormi direito pensando nisso. Ela nunca tinha usado fralda. Mabel chegou ao hospital antes de mim e me contou o que ela disse: “Minha filha, botaram uma calçola em mim maravilhosa”. Ela nunca se queixou de nada.

A vocação de Dona Canô para a festa, a alegria, também passava pelo prazer de dançar, como relata Rodrigo:

Meu pai nunca dançou. Minha mãe adorava dançar. Quando tinha baile no Apolo (clube de Santo Amaro), a gente ia com eles. Meu pai ficava sentado e dizendo: agora, quem vai dançar com sua mãe é você, agora Caetano, agora Roberto... Ela passava a noite dançando.<sup>62</sup>

Depois que o marido morreu, Dona Canô, já perto dos 80 anos de idade, continuou frequentando as festas no Apolo. Rodrigo conta que ela “dançava a noite toda com Seu Antônio, dono da farmácia. A mulher dele não gostava de dançar”.

Nas festanças no quintal de Dona Canô, música e dança, claro, não podiam faltar. Era sempre contratado um grupo para animar o caruru dos aniversários. Artistas da família e seus amigos davam canjas no palco montado no quintal. Dona Canô gostava de sambar. A imagem da avó dançando o samba de roda está incrustada na memória da neta Belô Velloso.

É uma lembrança inesquecível para mim. Eu me lembro de minha avó sambando e faço uma analogia com o que disse Vinicius: “O samba é uma forma de oração.” Ou como disse Noel: “Sambar é chorar de alegria”. Acho que herdei um pouquinho; eu sambo bem, tenho o samba de roda no pé.

Além de gostar de receber, Dona Canô era assídua nas festas populares de Santo Amaro. Entre elas, o Bembé do Mercado, que acontece no dia 13 de maio desde o primeiro ano após a assinatura de Lei Áurea, para celebrar o fim da escravidão. É uma festa de rua do candomblé. Embora fosse católica fervorosa, ela ia todos os anos e fazia questão de cortar o bolo do Bembé, como conta o bisneto Jorge Velloso em um livro sobre a festa (VELLOSO, 2011) que não é realizada em nenhum outro lugar do país, só em Santo Amaro da Purificação. O bolo “representa o renascimento e é cortado momentos antes da entrega do presente e distribuído entre os adeptos”.

A festa dura cinco dias, de quarta a domingo de manhã, quando acontece a entrega dos presentes para a grande homenageada: Yemanjá (VELLOSO, 2011, p. 100).

---

<sup>62</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, a mesma onde viveu Dona Canô. em Santo Amaro da Purificação, em 2015

O pai de santo de origem Malê João de Obá (trazido como escravo da África para trabalhar nos engenhos de Açúcar de Santo Amaro) foi o fundador do Bembé. Naquele 13 de maio de 1889, ele conclamou os frequentadores de seu terreiro a irem para a rua agradecer aos orixás e comemorar a liberdade (VELLOSO, 2011, p. 98). Foram três dias seguidos de festa, na área da Ponte do Xaréu, com canto, dança e, no fim, um balaio de presentes depositado no Rio Subaé, como oferenda para a Rainha do Mar. A comemoração foi transferida para a Praça do Mercado, mas permanece a mesma até hoje.

Outra festa popular de Santo Amaro nasceu no quintal de Dona Canô: o Terno de Reis Filhos do Sol. A ideia foi de Rodrigo, para comemorar os 24 anos de casados dos pais, em janeiro de 1955. Ele conta:

Eu disse: “Gente, meu pai e minha mãe vão fazer 24 anos de casados. Bora fazer uma festinha?”. Quando a gente era menino, veraneava em Itapema e lá tinha um negócio que se chamava Terno de Reis. Os pescadores saíam pelas ruas e faziam surpresas nas casas, levando comida. Eu me lembro que era um mingau de tapioca. Tanto que, quando o Terno era pequeno, no fim da brincadeira aqui em casa, a gente servia mingau de tapioca. Durante muitos anos foi só aqui no quintal. A festa só começou a crescer mesmo por causa de Caetano que vinha. Ele ficou famoso e o Terno pongou nisso”.<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, a mesma onde viveu Dona Canô. em Santo Amaro da Purificação, em janeiro de 2020



Dona Canô e o filho Rodrigo, no Terno de Reis Filhos do Sol/ Fotos: Acervo da família/Mural Bar do Nem/Reprodução

Quando saiu do quintal dos Velloso para se transformar em um festa de rua, o Terno mudou de data. Antes, era no dia 7 de janeiro, o dia do aniversário de casamento de Canô e Zeca. Depois, passou para o primeiro sábado após o Dia de Reis, 6 de janeiro. Moradores saem pelas ruas acompanhando uma charanga. Dona Canô saía sempre com uma coroa, que Rodrigo mandou fazer para ela, vestida de cigana ou de pastora. Todo ano, são escolhidas três pessoas para representar os Reis Magos. Gilberto Gil e Caetano já foram “reis” na festa.

### **A novena de Dona Canô**

Não tenho escolha  
 Careta vou descartar quem  
 não rezou a novena de Dona Canô”

(Reconvexo, Caetano Veloso)

Quando eram crianças, os filhos de Canô e Zeca tinham que rezar todas as noites antes de dormir. “Ouvi mais de uma vez que poderíamos morrer durante o

sono e ir para o inferno se fôssemos surpreendidos sem as orações”, conta Caetano (VELOSO, 1997, p. 27). O cantor e compositor lembra que, no sobrado onde morou na infância, até os oito anos, antes da mudança da família para a Rua do Amparo, havia o “quarto do santo”, onde ficava um nicho com “o crucifixo e imagens da virgem, de Santo Antônio, São José, a pomba do Espírito Santo e o Menino Jesus”.

Mabel fala sobre essa “convivência” com os santos na casa da infância no poema Santa Clara, que ela dedica à irmã Clara Maria (VELLOSO, 2013, p. 166)

Os santos lá de casa  
 ficavam dentro do nicho  
 mas nós tínhamos o direito  
 de todos eles pegar.  
 Mãe Mina facilitava  
 tudo para nos agradar.  
 Carregávamos S. Francisco  
 com suas chagas nas mãos  
 S. Antônio o mais bonito  
 servia como herói  
 enfeitando as nossas casas,  
 casas de mentirinha  
 onde frascos eram gente  
 tinham vida vibrante  
 e viviam com as pessoas  
 brincando lá no salão.  
 E foi que um dia Calite  
 descobriu que Sta. Clara  
 olhava desconfiada  
 para cada um de nós  
 e reparando com pena  
 viu que a santinha chorava  
 uma lágrima fininha.  
 Saímos todos correndo.  
 Seria aquilo castigo?  
 Era saudade do nicho.  
 Mãe Mina explica sorrindo  
 e todos voltam para o nicho  
 e nunca mais as imagens  
 foram para nós os brinquedos  
 mais doces de se brincar.



Os santos no quarto de Dona Canô. Foto: Telma Alvarenga

Rodrigo mantém até hoje no quarto que foi de Dona Canô dois móveis com imagens sacras. Entre os santos de devoção da matriarca estava Nossa Senhora Aparecida. Quando ela fez 100 anos, uma imagem da santa foi levada de Aparecida, no interior de São Paulo, para Santo Amaro, especialmente para o centenário. Mabel não esquece a emoção da mãe ao ver a imagem entrar na Igreja de Nossa Senhora da Purificação, na véspera do aniversário: “Foi o dia em que vi minha mãe chorar mais na vida”, conta. Ju Velloso também foi testemunha da emoção da avó: “Parecia que ela ia desidratar de tanto chorar. Acho que não chorou a vida inteira o que chorou naquele dia”.





A Igreja de Nossa Senhora da Purificação, onde Canô foi batizada e onde eram celebradas as tradicionais missas nos aniversários da matriarca. Lá também são realizadas as novenas e a famosa lavagem das escadarias, na Festa da Purificação. Foto: Oscar Valporto

O batismo de Dona Canô foi na Igreja de Nossa Senhora da Purificação. Os padrinhos foram dois irmãos por parte de pai, Álvaro e Áureo, que saíram de Salvador para a celebração no Recôncavo. A madrinha foi Nossa Senhora da Purificação. A igreja dedicada à padroeira de Santo Amaro é uma das mais antigas do Brasil, de 1608. E foi o alicerce da fé de Dona Canô. Ela participava ativamente das festas na igreja. “Sem se dar conta do aprendizado recebido nas novenas de fevereiro, em louvor a Nossa Senhora da Purificação, deixou crescer no seu coração um amor imenso por Nossa Senhora e por tudo que vinha daquela terra que lhe serviu de berço”, diz Mabel (VELLOSO, 2015, p. 17).

Católica fervorosa, ela sempre manteve uma relação de respeito com o candomblé. Além de participar das festas populares das religiões de matriz africana, como o Bembé do Mercado, Dona Canô gostava de conversar com Mãe Menininha, a lendária ialorixá do Gantois. E recorreu a ela quando Caetano foi preso e exilado, para pedir proteção para o filho<sup>64</sup>. A aflição era tão grande que até uma cartomante foi consultada. Clara contou:

A ida de Caetano para Londres foi terrível. Fui com Lindaurea, uma das sobrinhas de meu pai, a uma cartomante, dona Alvalinda. Isso era proibidíssimo lá em casa.

64

<https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1474944-trajetoria-de-dona-cano-traduzia-amor-por-santo-amaro>, acessado no dia 21 de janeiro de 2020

Minha Ju não admitia. Ela (a cartomante) disse tudo, tudo... Que ele estava preso e a gente tinha que botar alguma coisa no mar, para ele voltar. Fiz tudo o que Dona Alvalinda mandou. Acendi uma vela na pedra da Barra, com um veento.<sup>65</sup>

Dona Canô também falou sobre a prisão do filho e sobre a premonição da cartomante, numa entrevista para a revista Trip<sup>66</sup>, publicada no ano de seu centenário.

Ave Maria, não gosto nem de lembrar. Foram dois anos e meio de sofrimento. Primeiro, os 55 dias que ele ficou preso no Rio, sem eu poder visitar. Depois o tempo em Londres. (...) Aqui eu só fazia rezar. Também o que pude fazer pra ele voltar eu fiz. Teve uma cartomante que me disse: “Olha, dona Canô, ele está preso, mas vai voltar. E eu vou dizer uma coisa à senhora, grave bem: as televisões que foram contra Caetano vão tocar fogo. Então, um dia, soubemos que uma emissora grande tinha pegado fogo e outra menor também... [em 1969, houve incêndios em quatro emissoras: Globo, Bandeirantes, Record e Excelsior].

Quando Mãe Menininha morreu, Dona Canô foi ao enterro dela, em Salvador. Ela também saiu do Recôncavo para ver o Papa João Paulo II, quando ele veio ao Brasil, em 1991. Já bem idosa, ela se juntou à multidão, na orla da cidade, para assistir à passagem do Papamóvel. Mas quando estava em Roma, acompanhando uma turnê de Caetano, a matriarca, com mais de 90 anos, surpreendentemente, declinou de um convite para estar tête-à-tête com o pontífice. A audiência já estava, inclusive, marcada. Rodrigo conta:

Tive de cancelar a audiência com o Papa no Vaticano, porque ela não quis ir. Estávamos passeando numa praça em Roma, onde era a Embaixada do Brasil. Caetano, Paulinha (Lavigne) Carlos (Dias, amigo de Rodrigo), eu. Um homem se aproximou e me perguntou: ‘Essa senhora é Dona Canô? E se apresentou a ela: “Sou adido cultural e vou marcar uma audiência com o Papa para a senhora”. Só que Caetano, dois dias depois, ia fazer um show numa cidade perto (numa praça, ao ar livre). Ficou acertado que a visita ao Papa seria um dia depois do show. Esse homem me ligava a cada minuto. Sentei com ele para saber as exigências: Paulinha e Caetano não podiam ir, porque não eram casados. Minha mãe tinha estar de véu, vestida de preto, não podia usar isso, não podia usar aquilo. No dia seguinte ao show de Caetano, o carro da embaixada nos pegaria às 5h30 da manhã. Eu disse ao adido que teria de

<sup>65</sup> Em entrevista à autora, em Salvador, em 2015

<sup>66</sup>

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-dona-cano-mae-de-maria-bethania-e-caetano-v-elo>

consultá-la (sobre as exigências). “Não vou, não”, minha mãe respondeu. “Já vi esse Papa no Brasil”.<sup>67</sup>

A novena de que Caetano fala na música “Reconvexo” acontece durante a Festa da Purificação, considerada uma das maiores festas religiosas da Bahia, que começa no dia 23 de janeiro, com o início da novena, e termina no dia 2 de fevereiro, com uma procissão pelas ruas da cidade. Por isso, os filhos de Dona Canô, à exceção de Caetano, nunca participaram da famosa festa de Yemanjá em Salvador, também no dia 2 de fevereiro. É dia de estar em Santo Amaro, tradição mantida até hoje.



Dona Canô carrega o andor na procissão de Nossa Senhora da Purificação. Foto: acervo da família/Mural Bar do Nem/Reprodução

Mesmo após a morte da mãe, a maioria dos filhos não deixou de participar da principal festa da cidade. Bethânia fala sobre isso no documentário

---

<sup>67</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Santo Amaro da Purificação

“Fevereiro”, de Marcio Debellian, lançado em 2019: “Primeiro, sem meu pai foi muito difícil, sem minha irmã (Nicinha), muito difícil, sem minha mãe é difícilíssimo, mas mais difícil é não passar, é impossível eu resistir a essa apelo”, diz. “A Lavagem para mim é das coisas mais fortes que tem. Eu nunca fui à Lavagem do Bonfim, nunca fui a 2 de fevereiro na Bahia (Dia de Yemanjá), porque é exatamente o período da festa de Nossa Senhora da Purificação, é o período de Santo Amaro festejar”.

No filme, Bethânia conta que, menina, chegou a participar da festa vestida de anjo.

Eu fui anjo na coroação de Nossa Senhora desde o primeiro degrau da igreja. A cada ano, eu subia um degrau, depois a primeira parte do altar, depois o segundo andar do altar, depois a primeira nuvem, a segunda nuvem... Fui arcanjo, ao lado dela são dois só. E no outro ano eu coroei Nossa Senhora. E foi uma das coisas mais fortes. (...) Coroar Nossa Senhora da Purificação nesta encarnação, eu tinha que ter feito.

Dona Canô foi presidente da Festa da Purificação. Organizava almoços na praça para angariar fundos para a festa e ajudava a arrumar a imagem de Nossa Senhora da Purificação para a procissão. Regina Casé guarda forte na lembrança o dia em que esteve ao lado dela nesta tarefa. “Nunca vou esquecer a sensação de, junto com ela, arrumar a Nossa Senhora. Dona Canô viu que eu era mariana como ela e toda a família, e me chamou”, conta.<sup>68</sup>

Participar das festas religiosas em Santo Amaro fez renascer na atriz e apresentadora um prazer que, como ela mesma diz, estava amortecido.

Eu não sentia mais ambiente aqui no Rio para festejar os santos, como sempre gostei de fazer. E ali foi uma coisa que me estimulou muito. Hoje em dia, vou na festa de São Roque, de Nossa Senhora da Glória, Santa Luzia, de São Pedro, Santo Antônio, São João. Festejo os santos. Isso é uma coisa que estava em mim, mas como já não tinha a minha avó há muitos anos, era algo que estava amortecido, eu não tinha um lugar para escoar. Tanto que até hoje a pessoa para quem eu trago lembrancinha, uma florzinha, um santinho, a água benta, o pãozinho de cada festa que eu vou é Bethânia. No dia seguinte, mando entregar na casa dela. Ela é a guardiã disso tudo. Passo todo São João na casa dela e vejo o prazer que ela tem em fazer a festa, em cuidar de cada detalhe, como a mãe dela fazia.<sup>69</sup>

<sup>68</sup> Em entrevista à autora, no Projac, no Rio de Janeiro, no ano de 2015

<sup>69</sup> Em entrevista à autora, no Projac, no Rio de Janeiro, em 2015

A Festa da Purificação é a exata tradução do sincretismo religioso tão forte na Bahia, assim como a mistura entre o sagrado e o profano que marcam as festas populares no estado. São montados palcos na cidade, onde acontecem shows, e tudo acaba em Carnaval.

No último domingo de janeiro, acontece a secular Lavagem da Purificação. Baianas vestidas a caráter, com trajes brancos e dourados, seguem pelas ruas carregando vasos com água, ervas e flores, em direção à Igreja de Nossa Senhora da Purificação. No caminho, param e entram na casa da matriarca e, no quintal, fazem uma espécie de concentração, abrindo uma roda, com cantos e palmas. Era assim com Dona Canô. Continua sendo assim sem ela.

Depois desse encontro na casa da Rua do Amparo, as baianas seguem em cortejo até a Igreja de Nossa Senhora da Purificação, para a lavagem das escadarias. A multidão acompanha, ao som de uma charanga, cantando e dançando pelas ruas. A festa, como muitas na Bahia, mistura católicos, seguidores do candomblé, moradores da cidade e turistas. Na entrada da igreja, as pessoas abaixam a cabeça para que as baianas derramem a água de cheiro sobre elas, como forma de pedir a benção e proteção. Mabel descreve esse momento, em seu depoimento para o documentário “Fevereiroiros”.

A festa da lavagem é muito bonita. As baianas sobem a escada, jogam a água, botam perfume dentro da água. Jogam na cabeça da gente. Todo mundo quer tomar um pouco daquele banho. Existe essa força e aí já entra o candomblé, que são as mães de santo que trazem a água, que preparam suas camarinhas e trazem para jogar na gente. E a gente tem esperança de que aquela água traga um ano melhor.

No documentário, Mabel diz não se lembrar de como o quintal da casa da Rua do Amparo acabou virando um ponto de encontro das baianas antes de seguirem para a lavagem das escadarias da igreja.

Não sei como, marcaram um dia aqui. Quando vi, a casa estava cheia de baianas. A gente queria sair e não podia, de tanta gente nos corredores. (...) E as baianas continuaram vindo e saindo daqui. Com a morte de minha mãe, eu pensei: “Agora, não vêm mais”. A gente acha que com a morte tudo vai mudar. Mas minha mãe não queria que mudasse. Tanto não queria que depois as coisas voltaram ao normal. As baianas continuam saindo daqui. E uma coisa que eu tinha receio, de ficar uma tristeza sem ela, mas não. Parece que a tristeza sai e dá espaço àquela alegria que minha mãe passava para todos nós.



Bethânia completa: “Nós amamos nossos mortos, nós reverenciamos nossos mortos, e é com alegria e muito louvor. Eu sei que é um modo de alegrar o espírito deles”.



Canô e Bethânia. Foto: Angeluci Figueiredo

### **A despedida da matriarca**

Nos seus aniversários, mesmo depois dos 100 anos, Dona Canô se despedia dos convidados assim: “Para o ano, todo mundo aqui de novo”. Fazia o convite como se tivesse certeza de que, no ano seguinte, estaria viva. Mesmo com a idade já bem avançada, nunca falava na própria morte. Ou quase nunca. Em 2010, em sua festa de aniversário, perguntei o que para ela era o melhor dos 103

anos. “A vida que vivi”, respondeu. E o pior? “Não poder ficar, ter de ir”, disse, apontando para o céu.<sup>70</sup>

“Pelo seu medo de ser, pela vida que tinha, a sensação que me dava era de que ela não morreria nunca, nunca”, Rodrigo diz com a voz embargada e cai no choro, emocionado. “Recebi vários cartões de pessoas cumprimentando a família (pelo falecimento) e dizendo: “Acredite, eu achava que ela nunca morreria”.

Dona da sua história, Claudionor Vianna Telles Velloso parece ter decidido até o dia de sua morte. Ela, que era tão católica e adorava uma festa, morreu no Natal, no dia 25 de dezembro de 2012. Queria morrer na sua amada Santo Amaro da Purificação onde nasceu, na casa onde viveu seu grande amor, criou seus oito filhos e teve a coragem de ser feliz.

---

<sup>70</sup> Entrevista para a coluna Vip, do Jornal Correio, de Salvador



Foto de Dona Canô na capa do jornal Correio, de Salvador, no dia seguinte à morte da matriarca

Vítima de um ataque isquêmico cerebral<sup>71</sup>, Dona Canô ficou alguns dias internada em um hospital de Salvador. Jorge Portugal foi visitá-la. “Quando eu me aproximei da cama ela disse: “Meu compadre, sua comadre está indo para o céu”.

Moreno também foi visitar a avó no hospital.

Eu vim duas vezes à Bahia para vê-la quando ela estava no hospital, numa situação crítica (Antes do ataque isquêmico, em dezembro, Dona Canô esteve internada por problemas respiratórios). Dei muitos beijos, conversamos. Ela estava lúcida, reconhecia todo mundo. Dormia bastante por causa dos remédios. Fiquei sozinho com ela um tempão, ela conversou bastante comigo, segurando a minha mão. Foi muito bom. Voltei ao Rio. Na manhã de Natal, dia 25, acordei

71

<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/12/amigos-e-familiares-chegam-para-despedida-de-dona-cano-na-bahia.html>, acessado em 7 de maio de 2020



bem cedo já com esse telefonema. Eu fiz o que sempre faço no dia de Natal, fui até o Cristo Redentor e fiquei lá, eu e o Cristo. Era um dia muito bonito, azul. Depois, fomos para Santo Amaro. Chegamos à noite, no fim do velório. O enterro, no dia seguinte, foi especial, lindo. As crianças foram (Rosa e José, filho de Moreno e da mulher, Clara Mariani). A cidade estava em festa por causa do Natal.<sup>72</sup>

No hospital, Dona Canô pedia aos filhos que a levassem de volta para sua terra. Clara contou<sup>73</sup>:

Minha mãe morreu no dia que ela queria. Em dia de festa, com todo mundo junto, a praça toda iluminada. Ela pediu para ir para Santo Amaro. Dizia: “Quero morrer na minha casa”. Até na hora de morrer minha mãe mandou na gente.

Dona Canô repetiu o pedido para Rodrigo. O bisneto Jorginho também se lembra de como ela, mesmo muito debilitada, lutava pela vida e pedia para voltar para sua casa: “Eu vi minha bisa quase morrendo, no hospital. Entrou um enfermeiro e botou um aparelho, para ela respirar melhor. Ela abriu os olhos e “bóra pra casa!”. Ela não queria morrer, queria viver até duzentos anos”, acredita. Jorginho diz que estava preparado para a partida da bisavó: “Sofri, claro. Mas estava preparado. Minha bisa viveu 105 anos bem vividos. A saudade é muito forte. Mas é uma sensação de dever cumprido dela. Ela viveu muito e bem. Seria exigir demais de Deus, demais dos orixás, mais do que isso”.

Quando Dona Canô teve alta do hospital, o ortopedista Fernando Khouri, amigo da família há muitos anos, a acompanhou na ambulância.

Ela ali, acordadinha, me olhando, imagine que loucura. Ela sabia que estávamos chegando na casa dela, sabia que estávamos fazendo a vontade dela (...) Foi montada praticamente uma UTI no quarto dela, com enfermeira, com tudo. Ela chegou em Santo Amaro numa sexta-feira e faleceu numa terça. Fiquei ao lado dela o tempo inteiro. Ela morreu tranquila.<sup>74</sup>

Mabel conta que, já na cama, olhando tudo em volta, a matriarca, aliviada por estar em casa, exclamou, “Como meu quarto é lindo!”.

<sup>72</sup> Em entrevista à autora, na casa do entrevistado, em Salvador, em 2015

<sup>73</sup> Em entrevista à autora, na casa da entrevistada, em Salvador, em 2015

<sup>74</sup> Em entrevista à autora, na casa de Ju Velloso Mesquita, em Salvador, em 2015

Quase três anos após a morte da mãe, Rodrigo chorou, muito emocionado, falando dos últimos momentos da matriarca: “A gente fez tudo (por ela). Isso é o principal”, disse, em lágrimas.

“Perder mãe cedo é horrível. Mas perder mãe com quase 80 anos é cruel. A vida inteira foi com ela...”, disse Clara Maria, que estava com 82 quando deu entrevista à autora, em 2015, em seu apartamento, em Salvador.



## Morre Dona Canô, aos 105 anos

Velório da matriarca da família Velloso é aberto ao público no Memorial Caetano Veloso, em Santo Amaro

O Globo

25/12/2012 - 10:40 / Atualizado em 25/12/2012 - 19:53



Foto de 2010: Maria Bethânia com a mãe Foto: Angeluci Figueiredo



Matéria no jornal O Globo online anuncia a morte de Dona Canô

Anna Luísa, filha de Lala, neta de Mabel, lembra o sofrimento da avó e do irmão, Jorginho, quando Dona Canô, sua bisavó, morreu. Ela tinha 15 anos na época.

Meu irmão sempre foi muito mais ligado a ela do que eu. Quando ela morreu, sofri. Eu não estava botando muita fé que iria sofrer, mas sofri. Acho que sofri também pelo fato de ver as pessoas que eu amava muito tristes. Eu não tinha esse contato todo com minha bisavó, mas sempre tive com minha avó (Mabel), sempre morei com ela. E não lembro de ter visto minha avó tão triste na minha vida. Foi uma coisa muito marcante vê-la tão destruída, chorando tanto, com aquele perda imensa. Meu irmão também, ele estava acabado. Não lembro se foi na missa ou no velório, ele veio, se jogou no meu colo e chorou. Eu chorava pouco e comecei a chorar também<sup>75</sup>.

Depois da morte de Dona Canô, Nem ficou uma semana sem abrir seu bar. “Não tive forças”, diz. “Eu não ia nem lá na casa”.

<sup>75</sup> Em entrevista à autora, na casa da entrevistada, em 2015

Um ano após a morte da mãe, Caetano falou das saudades que sentia dela em um post, no Instagram, ilustrado por uma foto de Dona Canô usando um gorro vermelho, de Papai Noel.

Passei o dia e a noite pensando em minha mãe. O dia de Natal passou a ser também o dia em que ela morreu. Nunca imaginei que fosse achar tão difícil aceitar que ela tenha morrido. Era uma grande alegria tê-la viva. Claro que alegre também saber que ela viveu bonito por tanto tempo e morreu bonito num 25 de dezembro. Mas o mundo tem me parecido, desde então, muito pior. Infelizmente não sei rezar como ela chegou a saber. Talvez tenha aprendido (principalmente com ela) que reconhece a beleza da vida é uma maneira de rezar. Hoje, no dia de Natal, sinto como é difícil reencontrar a beleza. Não temos, no entanto - e muito menos eu que sou filho dela - o direito de abandonar a festa. A festa de tudo o que há, que é o que significa o jeito como ela habitou este mundo. Ela pôde dizer que a ideia de um Natal feliz resiste a toda tristeza. O mais justo com sua memória é acertar a ser feliz.

Rodrigo fez 80 anos em janeiro de 2016, pouco mais de três anos após a morte da mãe. A festa foi a primeira na casa após a morte da matriarca. Marcou a reabertura do quintal de Dona Canô, com música, dança, mesa farta. Com direito a canjas de Caetano, Moreno, e da cantora Alcione, que subiram ao palco montado no quintal. Bethânia também estava na festa. Assim como a atriz Regina Casé, como fez tantas vezes quando a matriarca estava viva.

Achei que poderia ser uma coisa nostálgica ou triste, mas senti toda aquela alegria, tudo aquilo que tinha, presente ali. Isso até amansou o meu coração, porque vi que aquilo tudo já estava muito bem plantado, nos filhos, nos netos, no bisneto Jorginho. Claro que Santo Amaro ficou diferente. Dona Canô é do tamanho daquela Igreja da Matriz, uma coisa enorme. Mas fiquei bem tranquila, porque senti em Mabel, em Clara, em Rodrigo e mesmo em Caetano, por outros aspectos, e em Bethânia, aqui no Rio, senti uma continuidade.<sup>76</sup>

Na comemoração dos 80 anos de Rodrigo, voltei àquele quintal que conheci na festa de 103 anos da matriarca. Um quadro com uma pintura do rosto de Dona Canô foi pendurada no muro, bem no meio do quintal. Era como se ela participasse da festa. “Uma vez, disse a ela: se quando eu fizer 80 anos a senhora estiver viva, essa terra vai tremer. Ela respondeu: obaaa!”, conta Rodrigo. “Você vê que no meu aniversário eu me portei. Não ficou aquela coisa melancólica”.

Talvez porque ali a ausência da matriarca já fosse uma “ausência assimilada”, como dizem os versos do poeta:

---

<sup>76</sup> Em entrevista à autora, no Projac, em 2015

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
 E lastimava, ignorante, a falta.  
 Hoje não a lastimo.  
 Não há falta na ausência.  
 A ausência é um estar em mim.  
 E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
 que rio e danço e invento exclamações alegres,  
 porque a ausência, essa ausência assimilada,  
 ninguém a rouba mais de mim.

“Ausência” (ANDRADE, 1988, p. 1001)

Drummond fala de uma ausência transformada em presença, tão nítida que parece palpável, “aconchegada” nos braços do poeta. A ausência que não é vazio, distanciamento, morte. É preenchimento, presença, “um estar em mim”. Esse jogo de ausência/presença proposto nos versos do poeta, as articulações entre memória e esquecimento, vida e morte cruzam o tempo inteiro o caminho de quem se propõe a escrever sobre um personagem do passado. Quem é essa mulher que mora em cada um dos que conviveram com ela, a amaram, aprenderam com ela? Qual é o testamento afetivo deixado por essa matriarca do Recôncavo Baiano?

### **Herança afetiva**

Minha mãe me deu ao mundo  
 De maneira singular  
 Me dizendo a sentença  
 Pra eu sempre pedir licença  
 Mas nunca deixar de entrar  
 Meu pai me mandou pra vida  
 Num momento de amor  
 E o bem daquele segundo  
 Grande como a dor do mundo  
 Me acompanha onde eu vou

(“Tudo de novo”, Caetano Veloso)

A pergunta foi feita a quase todos os entrevistados da família: em que você se acha parecido (a) com Dona Canô? Aos amigos e vizinhos de Santo Amaro da

Purificação perguntei o que de mais forte eles levam daquele quintal para suas vidas. As respostas formam o testamento afetivo deixado pela matriarca.

“Hoje, eu me acho parecida com minha mãe: o rosto, o cabelo... Estou o resultado perfeito de meu pai e minha mãe. Tenho aquela sensibilidade à flor da pele de meu pai e tenho esse lado de força que herdei de minha mãe. Apesar de ser diferente. Minha mãe era valente. Eu não sou. Sou covarde. A covardia talvez seja de meu pai. Ele era sensível demais, chorão. Ele sabia que eu era chorona. Dizia: ‘Você puxou a mim’”. (Maria Isabel, a Mabel, filha)

“Nunca tinha pensado nisso. Herdei dela ser tão comunicativo, meu pai era todo fechado. E sou o festeiro-mór da família, né? Queria ter herdado mais a fé. Ela tinha muita. E é tão bacana quem tem fé” (Rodrigo, filho)

“Da minha mãe, eu tenho muita coisa: quando algo está me agonizando muito, eu procuro disfarçar. Posso ficar agonizada e tudo, mas vou tentando relevar. Acho que minha mãe fazia isso também. Isso eu tenho dela. Procuro não chorar por ela. Não quero chorar. Acho que já tive um merecimento tão grande de ter tido minha mãe 80 anos comigo. Vou chorar? Não posso, é uma ingratidão com Deus” (Clara Maria, filha)

“O que herdei? Ah, sei lá... Minha mãe não era brincadeira. Não engolia tudo. Até o final da vida, minha mãe era danada. Herdei isso dela. Agora, depois que ela morreu, melhorei um pouquinho. Ela deve estar feliz porque conseguiu esse tento” (risos). (Irene, filha)

“Dizem que eu pareço com ela fisicamente. Acho o máximo. E acho que herdei de minha avó o amor sem egoísmo. Sou mãe e sei o que é soltar filho no mundo. É difícil. Se minha avó não tivesse amado tão lindamente, a gente não teria minha tia Bethânia e meu tio Caetano nesse mundo. Já imaginou, naquela época, uma mãe deixar uma filha de 17 anos ir, como ela deixou? Isso é maravilhoso, gente. Se ela dissesse “ela não vai” teria cortado toda a sorte de minha tia Bethânia. Ela deu a minha tia Bethânia e a meu tio Caetano tudo, a oportunidade de ir, de correr atrás, de viver. Isso há 50 anos. Imagine que coisa

maravilhosa. Já imaginou que desprendimento. Para mim, isso é a maior prova de amor. Quem prende ama de forma egoísta.”. (Maria Clara, a Lala, neta, filha de Mabel)

“Não sei se tive esse privilégio de ter herdado alguma coisa dela. Espero que sim. Gosto muito do outro, gosto de prestar atenção no outro e tenho uma certa mania de me meter nos problemas de saúde do outro, de cuidar. Então, isso eu herdei (...) Essa talvez seja a maior lição da minha avó: o amor à vida. Qualquer baixo astral, eu falo: ‘Meu Deus, tenho sangue de minha avó. Vamos em frente, a vida é maravilhosa, nós temos que honrar a vida que ela nos proporcionou criando essa família linda com o meu avô’. Minha avó é uma das maiores referências da minha vida. A gente foi criado ouvindo minha mãe e meus tios a chamarem de “mãe Canô”. Então, minha avó era minha mãe também. Disse para a minha madrinha, Bethânia, e para mais ninguém: quando minha avó morreu, tive uma sensação de perda maternal muito grande. Aprendi o significado de “vó é mãe duas vezes”. Minha avó era muito mãe de todos nós. Era de uma força tão grande. Tenho muita honra e um orgulho imenso de ser descendente dela. (...) Ela ficou para a Bahia maior do que a sua grande criação, que são os filhos geniais, ícones internacionais, monstros da cultura brasileira. Para a Bahia, ela é maior. Quando Caetano escreve “minha mãe me deu ao mundo de maneira singular, me dizendo uma sentença para eu sempre pedir licença e nunca deixar de entrar”, isso explica muito porque dois grandes gênios tiveram essa segurança de ir e ganhar o mundo”. (Isabel Telles Velloso de Mesquita, a Belô, neta, filha de Mabel)

“Minha avó sempre foi uma menina para mim. Doida, forte, braba, corajosa, leal. Uma mulher louca por seu amor, meu avô e padrinho José, e por Santo Amaro. Essa menina não foi brinquedo. Usou de sua inteligência e sabedoria para seduzir a todos, a favor de sua pequena cidade do Recôncavo da Bahia. Essa mulher que ela se tornou para ajudar nossa cidade fez dela uma espécie de heroína, respeitada e reverenciada. Sou forte, leal e, como ela, com

uma fé inabalável. Com certeza foi o que herdei” (Jovina Telles Velloso de Mesquita, a Ju, filha de Mabel)

“Acho que herdei a força dela. Não tenho igual, mas eu tento. Herdei também a vontade de viver. Às vezes, quando fico um meio assim, eu lembro dela. Ela nunca reclamou de nada” (Maria, neta, filha de Clara Maria)

“Herdei essa língua, meu Deus do Céu. Tomara que tenha herdado também a perspicácia. A língua com certeza (risos). Quem convive comigo reclama muito da minha língua, diz que eu falo coisas que não deveria falar. Tenho muita coisa dela: o jeito de agregar as pessoas. Eu gosto da casa cheia, de todo mundo junto. É uma coisa que não é intelectual, vem de dentro, vem dessa casa, dessa criação, de ver todo mundo junto, todo mundo se ajudando. Nicinha era filha dela, mas também era filha dos vizinhos, e tudo bem. Esse jeito de agregar as famílias, as pessoas, é uma coisa que trago muito forte dentro de mim, gosto, acho que assim que é o certo.” (Moreno, neto, filho de Caetano)

“Acho que herdei um monte de coisas dela: a alegria de viver, a festa. Quando Bethânia fala em amor, festa e devoção, ela resume muito bem. Eu tenho a devoção, a alegria, a vontade de festa o tempo todo. Eu adoro festa, adoro casa cheia, preciso. Minha mãe vai fazer um almoço pra mim, chamo vários amigos. E lá na casa da minha bisavó tinha isso também. Eu tinha certeza que poderia levar quem eu quisesse, quantas pessoas quisesse. Ela adorava. Só se incomodava se comessem pouco (...) Sempre gostei de falar de tudo com ela. Adolescente, passava horas conversando com minha bisavó. E repasso muita coisa que ela me falou para as pessoas, dou conselhos aos amigos usando as palavras dela. Ela adorava falar: ‘Quem com muitas pedras bole, uma lhe cai na cabeça’. Teve gente na família que não ouviu e tá tomando até agora (risos). (...) Quando me perguntavam ‘você é sobrinho de Caetano e Bethânia? Eu respondia: ‘Não, sou bisneto de Dona Canô’. Sinto muito orgulho dela. Muito mais orgulho do que de Caetano e Bethânia. Sem tirar o mérito deles. Claro que a gente se orgulha de ter na família Caetano, Bethânia, minha avó (Mabel), que escreve lindamente... Mas o orgulho da força, do jeito, do que ela fez é muito maior. Ela é o início de tudo.

Foi ela quem eu vi comandar tudo desde o começo”. (Jorginho, bisneto, filho de Maria Clara, a Lala).

“Dona Canô, a família dela e a generosidade da família dela comigo não é que sejam uma parte importante da minha formação. São quase o eixo da minha formação cultural, espiritual, artística. A influência é tão forte quanto a da minha família biológica. São muito anos. Acho que a primeira vez em que fui a Santo Amaro com Caetano foi em 1977 ou 1978. Desde então, fui todos todos anos, em algum momento. O tempo todo aprendendo e me apaixonando cada vez mais pelas pessoas”. (Regina Casé, atriz e apresentadora, amiga da família)

“Ela dizia coisas maravilhosas, dava lições fundamentais. Uma vez, disse: ‘Compadre, olhe bem, nunca fale a palavra orgulho. Porque orgulho não é uma palavra, é uma armadilha. Quando a gente começa a dizer que tem orgulho, começa a se perder. Substitua orgulho por alegria’. Então, toda vez que vou falar “orgulho”, substituo pela palavra alegria”. (Jorge Portugal, compositor, poeta e professor santamarense)

“O que eu mais aprendi com ela? A não me aborrecer. Ela não se aborrecia com nada. Dizia: ‘Não vale a pena’. (...) Se em outros lugares Dona Canô é conhecida como mãe de Caetano e Bethânia, em Santo Amaro eles são conhecidos como filhos de Dona Canô ou de Canozinha. Ela era uma pessoa fantástica, adorada pelo povo. As pessoas vinham para Santo Amaro não era por causa de Caetano e Bethânia, não. Era por causa de Dona Canô”. (**Nem**, motorista de Dona Canô por 30 anos)

“Era muito legal estar com ela. Era como se eu estivesse ganhando energia para continuar, entendeu? Vendo uma pessoa de 100 anos, de 100 e poucos anos, com tanta coisa boa, lúcida, sem pensamentos negativos. Tirava de tudo uma coisa boa, isso é muito incrível. (Fernando Khouri, ortopedista, amigo da família)

“Ela está no coração da gente até hoje, não vai sair nunca. Eu vou ter sempre uma história para contar a minha pequena (a filha caçula, que na época da entrevista, em 2015, tinha quatro anos e meio de idade). Ela vai mostrar a foto que tirou com Dona Canô aos filhos dela, no futuro, e dizer: ‘Essa aqui é a mãe da



professora de meu pai”. (Antonio Mamede Carvalho, dono da mercearia em Santo Amaro onde Dona Canô fazia compras).

## **Tempo, tempo, tempo**

Anos após a morte de Dona Canô. entro em sua casa, converso com sua família, com os amigos. Observo as fotos nas paredes, nos porta-retratos, nos posts da redes sociais de filhos e netos. Procuo reportagens sobre ela, leio livros que falam dela. Reúno fragmentos de uma vida e tento formar com eles o rosto da matriarca.

A tarefa de escrever sobre um personagem do passado aproxima o escritor do trabalho de um arqueólogo, de um detetive, de um psicanalista. A memória é feita de imagens e também do vazio, da falta, dos esquecimentos, apagamentos, do que já foi e não está mais ali, de vestígios de uma vida que nos interessa salvar do esquecimento. “Somente a curiosidade de um historiador ou romancista pode dar vida novamente aos desconhecidos, anônimos e esquecidos”, diz a historiadora e socióloga Régine Robin (ROBIN, 2016, p. 96).

Refletindo sobre essa tarefa de vasculhar a vida de um personagem, recolhendo textos e fotografias, observando os quadros nas paredes, os porta-retratos, os objetos dispostos em cima dos móveis, os terços, os santos, seguindo seus rastros pela cidade do interior que ela tanto amou: a igreja onde se casou, a outra onde ela rezava a novena de janeiro e onde eram celebradas as suas missas de aniversário, a mercearia onde fazia compras, a feira que percorreu tantas e tantas vezes, entre frutas, verduras, legumes, conversas, cumprimentos risonhos... Pergunto-me se essa tarefa poderia ser comparada à do historiador da arte que vasculha as prateleiras da biblioteca de Aby Warburg (1866-1929). Ou como percorrer o imenso labirinto dos manuscritos, anotações, esboços, esquemas, diários e correspondências que ele mantinha, sem jogar nada fora.

Filho de banqueiros que abriu mão da herança em troca de livros, Warburg organizava seus milhares de volumes (em 1929, quando ele morreu, já eram cerca de 60 mil livros) por afinidade, de acordo com o que ele chamava de “lei da boa vizinha”. Na entrada do prédio que construiu em 1926, em Hamburgo, sua cidade natal, para abrigar o acervo que não parava de crescer, mandou gravar o nome de

Mnemosyne, deusa grega da memória. Deu o mesmo nome ao atlas que, ainda hoje, tanto intriga os pesquisadores. Trata-se de um conjunto de painéis, onde ele afixava pinturas, retratos, diagramas, mapas. Quando o historiador da arte morreu, o atlas já tinha cerca de 1300 imagens em 70 painéis. Fragmentos que oferecem uma visão alternativa e intrigante da história da arte. “Ele compreendeu, assim como (o cineasta russo Sergei) Eisenstein na mesma época, que uma imagem é sempre resultado de uma montagem de espaços e tempos heterogêneos”, disse o filósofo e historiador da arte francês Georges Didi-Huberman, em entrevista ao jornal carioca O Globo, em 2013, quando foi montada no Rio e exposição “Atlas suíte”, inspirada na obra do alemão.

A memória é feita de imagens e também do vazio, da falta, dos esquecimentos, apagamentos, do que já foi e não está mais ali, de vestígios, das cinzas. Seguindo os passos de Didi-Huberman: “Uma imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares - fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles - que, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes”, escreve o filósofo no artigo “Quando as imagens tocam o real” (DIDI-HUBERMAN, 2012). “A imagem arde: pelo desejo, pela destruição, pelo resplendor, por seu intempestivo movimento, por sua audácia, pela dor da qual provém... Finalmente, a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo”.

A matriarca do Recôncavo Baiano se despediu da vida no dia de Natal, o dia em que os católicos como ela festejam o nascimento de Jesus Cristo. E vive nas lembranças dos que conviveram, dos que a amaram, dos que aprenderam com sua sabedoria. Sobrevive nas músicas do filho Caetano, do neto Jota, nos poemas de Mabel, na voz de Bethânia. Sobrevive nas tradições que os filhos não deixam morrer, nas festas que continuam fazendo no mítico quintal de sua casa, na ajuda que continuam dando ao povo pobre de Santo Amaro, no amor que devotam à cidade que ela tanto amou.



Nem, na entrada do seu bar: retrato pintado de Dona Canô na parede. Foto: Telma Alvarenga

As paredes do bar que Nem abriu em Santo Amaro estão recheadas de painéis com fotos de Dona Canô. Ele pendurou logo na entrada um quadro com um retrato pintado da matriarca. Estão lá fotos de Canozinha menina, vestida para um baile pastoril, de Dona Canô cantando no coral, dela com boné vermelho, conversando com o ex-presidente Lula, de mãos dadas; na procissão de Nossa Senhora da Purificação; em uma foto publicada em um jornal; dançando com o filho Rodrigo na Festa de Reis, com Zeca... Também há textos sobre ela. Um deles, assinado por Gilberto Gil, em homenagem à matriarca quando ela completou 100 anos:

### **Canô**

Desde o tempo do carro de boi  
 Da época do trem motriz  
 Do auge dos canaviais  
 Tens vivido a semear a luz  
 A paz e o amor que tem raiz

Na Índia dos teus ancestrais  
Vida cheia de momentos raros  
Nesta cara Santo Amaro  
Terra de doces paixões  
Zeca e todas as meninas  
E os meninos, quantos sinos  
Quantos hinos, quantas orações  
Has de ouvir de nós  
Sempre essa voz  
Sempre essa voz  
Sempre em tom de louvor  
Nossa emoção, Canô  
Nesta canção, Canô  
Parabéns pra você, Canô  
Cem anos com você, Canô  
Parabéns pra você, Canô  
Cem anos com você, Canô

Enquanto finalizo esta dissertação, observo novamente a foto da minha bisavó, Afonsina, no quintal de sua casa. A família mantém até hoje a tradição de se reunir anualmente no casarão para festejar o aniversário dela, a cada dia 18 de janeiro. Vão parentes de outras cidades mineiras, do Espírito Santo, do Rio, de Brasília. De alguma forma, como Dona Canô, Afonsina, mesmo muitos anos após a sua morte, mantém a família unida.

Canô e Afonsina sobrevivem na hereditariedade, nas lembranças, na herança afetiva que deixaram. Como a luz intermitente dos vaga-lumes de que nos fala um belo texto de Didi-Huberman, elas resistem ao tempo e as marcas que deixaram não podem se apagadas.

No texto de Didi-Huberman, os vaga-lumes aparecem como imagens de resistência aos tempos sombrios do fascismo nos anos 40. O filósofo e historiador da arte fala sobre o papel das “sobrevivências” (representadas pela luz intermitente dos vaga-lumes) e questiona: “Como se pode declarar a morte das sobrevivências? Não seria tão vão como declarar a morte de nossas obsessões, de nossa memória em geral?” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 64)

Na luz frágil e em seu eterno apagar e reaparecer, o filósofo e historiador da arte encontra a exata tradução para as sobrevivências, as resistências, para o que não pode ser destruído, mesmo que suma e reapareça de outra forma, em outro lugar, com outra significação. Mesmo que surjam como fragmentos, vestígios, restos e rastros, que serão redescobertos e recolhidos para que o

narrador encontre as formas de sua transmissão. Como afirma Didi-Huberman em seu iluminado texto (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 148):

Não se pode dizer que a experiência, seja qual for o momento da história, tenha sido destruída. Ao contrário, faz-se necessário afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos na noite.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar - Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade - Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tocam o real*. In: Revista Pós. Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Vol 2, ed. nr. 4, 2012.

\_\_\_\_\_. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Apagar os rastros, recolher os restos*. In: Pro-Posições. Universidade Estadual de Campinas. vol. 13, N. 3 (39) set./dez.2002.

GINZBURG, J. *A interpretação do rastro em Walter Benjamin*. In: SEDLMAYER, S; GINZBURG, J. *Walter Benjamin: Rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012

SEDLMAYER, Sabrina e GINZBURG, Jaime (orgs). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. ASSIS, Arthur de. *Canô Velloso - Lembranças do saber viver*. EDUFBA, 2009.

ROBIN, Régine. *A memória saturada*. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

SANTIAGO, Silviano. *Machado*, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura - O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Songbook*. Idealizado, produzido e editado por Almir Chediak. São Paulo: Irmãos Vitale, 2010.

\_\_\_\_\_. *Letra só/Sobre as letras*. Organizador: Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELLOSO, Mabel. Org. de Érika Bodstein e Valéria Marchi. *Poesia Mabel/Mabel Velloso*. São Paulo: Intermeios, 2013.

\_\_\_\_\_ *O sal é um dom - Receitas de Dona Canô*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

VELLOSO, Jorge. *Candomblé de rua - O Bembé de Santo Amaro*. Salvador: Casa de Palavras/Fundação Casa de Jorge Amado, 2011

## Referências gerais

### Jornais:

A Tarde

Correio

O Globo

### Revistas:

Isto É

Trip

### Sites:

Biscoito Fino

G1

## Entrevistados (ordem alfabética)

1. Antonio Carlos Magalhães Júnior
2. Antônio Mamede Carvalho
3. Anna Luiza Velloso Lemos
4. Clara Maria Vianna Telles Velloso Barretto
5. Edson Nascimento dos Santos, o Mendão
6. Maria Velloso Barretto
7. Maria Clara Telles Velloso de Mesquita, a Lala
8. Maria Isabel Vianna Telles Velloso, a Mabel
9. Moreno Gadelha Veloso
10. Fernando Khouri
11. Florisvaldo Lima da Silva, o Nem

12. Gaspar Sadoc da Natividade
13. Gilberto Passos Gil Moreira
14. Irene Velloso
15. Isabel Telles Velloso de Mesquita, a Belô
16. Jorge Velloso
17. Jorge Portugal
18. Jovina Telles Velloso de Mesquita, a Ju
19. Joviniano José Velloso Barretto, o Jota
20. Rodrigo Vianna Telles Velloso
21. Regina Casé, no Rio de Janeiro, em 2015